

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA

LIENE KEITE DE LIRA DA MATA

**OS SEM TERRINHA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM
TERRA (MST)**

MARÍLIA - 2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA

LIENE KEITE DE LIRA DA MATA

**OS SEM TERRINHA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM
TERRA (MST)**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília. Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientador:
Prof. Dr. CANDIDO GIRALDEZ VIEITEZ

MARÍLIA -2015

Da Mata, Liene Keite de Lira.

M425s Os Sem Terrinha no Movimento dos Trabalhadores
Rurais sem Terra (MST) / Liene Keite de Lira Da Mata. –
Marília, 2015.
91 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.

Bibliografia: f. 87-91

Orientador: Candido Giraldez Vieitez.

1. Educação. 2. Reforma agrária. 3. Conflito social. 4.
Educação de crianças. I. Título.

CDD 370.193

TERMO DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Prof. Dr. Cândido Giraldez Vieitez
Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista

2º Examinador:

Profa. Dra. Neusa Maria Dal Ri
Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista

3º Examinador:

Profa. Dra. Érika Porceli Alaniz
Universidade do Oeste Paulista – Presidente Prudente – SP

12 de março de 2015

Dedicatória:

*Às crianças que sofrem com as desigualdades e injustiças sociais, em especial aos Sem
Terrinha que lutam por transformação social.*

AGRADECIMENTOS

À minha família amada, esposo e filho, pais sempre presentes, ao meu irmão pelo incentivo constante, e a minha irmã que mesmo distante esteve torcendo.

Ao prezado orientador Cândido Giraldez Vieitez, pelas orientações realizadas para a concretização desta pesquisa, por apontar caminhos dialogicamente e lidar com as minhas limitações, intempéries e erros. Muito obrigada por tudo.

À prezada professora e doutora Neusa Maria Dal Ri minhas estimas, a todos do grupo de estudos Organização e Democracia e aos membros do projeto do MST pelos momentos valiosos de aprendizagem juntos.

Às professoras doutoras: Neusa Maria Dal Ri e Erika Porceli Alaniz componentes da banca que contribuíram de maneira dialética para o percurso desta dissertação, apesar das minhas limitações procurei aproveitar ao máximo as sugestões.

À Prof^a Dr^a Cinthia Magda pelas as aventuras na viagem à Querência do Norte e pesquisa compartilhada.

Às queridas amigas Otília e Vanilda por estarem sempre no apoio incentivando e torcendo, em especial pelas gentis colaborações da amiga Otília.

À companheira Maria Edi Comilo com quem fiz os primeiros contatos na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes. Obrigada por oportunizar conhecermos toda a equipe da escola, e contar-nos sua história de vida. Por nos levar para conhecermos a comunidade do assentamento Pontal do Tigre e o relato marcante da assentada e de sua família.

Aos companheiros Luís Carlos, Camila e Lourdes e a todos os educadores, funcionários e educandos da Escola Municipal Chico Mendes que nos receberam com tanto carinho e contribuíram com está pesquisa. Meus sinceros agradecimentos a todos que dispensaram o seu tempo para nós.

*Alô, Sem Terrinha!
Vamos nos unir para lutar
A lona preta brotando
Olha a semente no chão
O Sem Terrinha é o futuro da nação
No campo e na cidade tem amor e união
Os Sem Terrinha para fazer revolução
(Trecho da música “Unidos do Amanhã”)*

RESUMO

A presente pesquisa levantou as seguintes questões chaves: Quem são os Sem Terrinha? O que leva os sujeitos a identificarem-se como *Sem Terrinha*, um nome próprio representativo de uma identidade? Como os Sem Terrinha são engajados na luta social do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)? Assim, a pesquisa teve como objetivo geral verificar a organização política dos Sem Terrinha no Movimento e, como objetivos específicos detectar os espaços, locais e agentes envolvidos na preparação e organização das crianças no processo de formação política e participação na luta social; investigar, nos meios de comunicação construídos pelo Movimento ao público infanto-juvenil, indícios de formação e participação política dos Sem Terrinha; verificar se há, na escola de influência do Movimento, contribuição na formação e participação política dos Sem Terrinha na luta social. Os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa constaram de consulta e análise documental de periódicos e sitio relacionados à temática, pesquisa bibliográfica e estudo dos textos de autores dedicados à infância no MST e à formação política dos Sem Terrinha; pesquisa empírica na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes em Querência do Norte- Paraná, escola de acampamento do Movimento, onde ocorreram observações e consulta ao Projeto Político Pedagógico da escola; depoimentos escritos de crianças que participaram do Encontro dos Sem Terrinha; entrevistas semiestruturadas com educadores, coordenação e direção. Concluímos que os Sem Terrinha se identificam e são identificados pelo nome próprio a partir das mobilizações de Encontros dos Sem Terrinha, criados pelo Movimento para crianças e adolescentes manifestarem-se na luta pela Reforma Agrária e direitos sociais como escola e educação. Assim, o nome *Sem Terrinha* identifica um sujeito próprio e representa um sentimento de pertença e formação política que pode incidir de maneira diferente em cada criança e adolescente, por isso nem todo filho de Sem Terra é Sem Terrinha. Para engajar os Sem Terrinha na luta social, o MST criou um quadro de mobilização com espaços e locais próprios para o público infantil, bem como meios de comunicação eficientes para divulgar o projeto do Movimento e mobilizá-los para a luta. A escola, influenciada pelo Movimento, faz parte do processo de formação política dos educandos que contribui para a identidade dos Sem Terrinha. O que apreendemos como mais valioso nesta pesquisa foi nossa própria aprendizagem com os Sem Terrinha e com o MST, que criou um espaço de formação política com as crianças, por meio das mobilizações onde apreendem seus direitos e discutem temas subjetivos tanto da vida como da luta e relações de poder. Temas importantes ali debatidos pelas crianças e que são preteridos nos cursos regulares, mesmo em cursos superiores. Destarte, vimos o movimento das crianças e adolescentes dentro do MST como inusitado, ousado e extraordinário, com potencial revolucionário ao realizar o contraditório, diferente de tudo que há na sociedade capitalista em termos de organização de crianças e adolescentes. Os Sem Terrinha estão imbuídos da realidade que os cercam e com possibilidade de lutarem por transformação social.

Palavras chave: MST. Sem Terrinha. Luta Social. Reforma Agrária. Educação.

ABSTRACT

This study addressed the following key questions: Who are the Landless Children? Which brings the subject to identify themselves as Landless Children, a representative name of an identity? As the Landless Children are engaged in the social struggle of the Landless Rural Workers Movement (MST)? Thus, the research aimed to verify the political organization of the Landless Children Movement and Specific aims at detecting areas, local and agents involved in the preparation and organization of children in the process of policy formation and participation in the social struggle; investigate, in the media built by the Movement to children and youth, training of evidence and political participation of the Landless Children; check for in the school of influence of the Movement, contribution to the formation and political participation of the Landless Children in the social struggle. The methodological procedures for the research consisted of consulting and document analysis of periodicals and site related to the theme, literature study and the authors of texts devoted to children in the MST and political training of Landless Children; empirical research in the City Peasant School Chico Mendes in Querencia North-Paraná, Movement camp school, where there were observations and consultation to school Pedagogical Policy Project; written statements of children who participated in the Meeting of the Landless Children; semi-structured interviews with educators, coordination and direction. We conclude that the Landless Children identify themselves and are identified by name from the meetings of mobilizations of Landless Children, created by the Movement for children and adolescents to express themselves in the struggle for agrarian reform and social rights as school and education. Thus the name Landless Children identifies a subject itself and represents a sense of belonging and political formation that may relate differently in each child and adolescent, so not every child of Landless is Landless Children. To engage the Landless Children in the social struggle, the MST has created a mobilization framework with their own spaces and places for children as well as efficient media to publicize the project of the Movement and to mobilize them for the fight. The school, influenced by the Movement, is part of the policy formation process of the students contributing to the identity of the Landless Children. The As we understand more how valuable this research was our own learning with the Landless Children and the MST, which created a political training space with children, through mobilizations where seize their rights and discuss subjective issues of both life and the fight and power relations. Important topics discussed there for the children and that are deprecated in regular courses, even in higher education. Thus, we saw the movement of children and adolescents within the MST as unusual, bold and extraordinary, with revolutionary potential to realize the contradictory, unlike anything that's in the capitalist society in terms of organization of children and adolescents. The Landless Children are imbued with the reality around them and with the possibility to fight for social transformation.

Keywords: MST. Landless Children. Social fight. Agrarian Reform. Education.

LISTA DE SIGLAS

COAMA - Cooperativa Regional de Companhia Avante LTDA
CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MASTER - Movimento dos Agricultores Sem Terra

PPP - Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

ULTAB - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	18
1. 1 Sem Terrinha e as ações no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	18
1.2 Objetivos e organização para os Encontros dos Sem Terrinha	22
1.3 A organização das crianças Sem Terrinha	26
1.3.1 Núcleos de famílias e espaço de reunião infantil	28
1.4 Mobilizações dos Sem Terrinha	28
1.4.1 Orientações para as Mobilizações	35
1.5 Espaços de encontros para os Sem Terrinha	35
CAPÍTULO 2	41
2.1 A mídia e a história do Movimento para as crianças	43
2.2 Jornal Sem Terrinha no Jornal Sem Terra	47
2.3 A Revista Sem Terrinha	50
2.4 Sem Terrinha no <i>site</i> do MST	53
2.5 As contribuições dos Sem Terrinha nas mídias	55
CAPÍTULO 3	57
3.1 As conquistas do Movimento na educação	59
3.2 Alguns princípios do MST para a educação dos Sem Terra e Sem Terrinha	60
3.3 Auto organização e atividades pedagógicas a partir da realidade dos Sem Terrinha na escola	63
3.4 Os Sem Terrinha e a luta por educação escolar	72
3.5 História-memória-mística na escola e à identidade Sem Terrinha	75
3.6 Mobilizações e a escola	79
CONCLUSÃO	83
REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

(...) Neste punhado de homens que não têm outra alternativa senão a morte ou a vitória, onde a morte é conceito mil vezes presente e a vitória, um mito que somente um revolucionário ousa sonhar”
(Ernesto Che Guevara apud BETO, 1982, p.157)

O presente trabalho aborda a organização política das crianças no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Para tanto, inicialmente achamos salutar iniciarmos de maneira sucinta com algumas considerações acerca da formação deste Movimento.

O MST nasceu de um processo de enfrentamento dos camponeses à situação de crise imposta ao trabalhador, um exemplo de tensão para os trabalhadores do campo foi o processo chamado de Revolução Verde que surgiu, segundo Duarte (s.d.), em consequência das relações capitalistas na produção agropecuária, introduzindo a monocultura, uso de agrotóxicos, desenvolvimento de sementes, etc. O sistema econômico passou a privilegiar os grandes latifúndios e seus processos altamente mecanizados de produção em grande escala, expulsando os pequenos produtores do campo, intensificando o fenômeno do êxodo rural. Os trabalhadores foram expropriados do campo e como ação de resistência passaram a organizar ocupações em grandes latifúndios improdutivos.

Anterior ao MST no período entre 1950 e 1964, o movimento camponês deu origem às Ligas Camponesas¹, à União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB)² e ao Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER)³. De acordo com informações

¹ As primeiras Ligas Camponesas surgiram no Brasil, em 1945, logo após a redemocratização do país depois da ditadura do presidente Getúlio Vargas. Camponeses e trabalhadores rurais se organizaram em associações civis, sob a iniciativa e direção do recém legalizado *Partido Comunista Brasileiro*– PCB. Foram criadas ligas e associações rurais em quase todos os estados do país. Em 1948, no entanto, com a proscrição do PCB houve o desmoronamento das organizações de trabalhadores no Brasil. Em janeiro de 1955, com a criação da *Sociedade Agrícola de Plantadores e Pecuaristas de Pernambuco*, a SAPP, localizada no Engenho Galiléia, em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, houve o ressurgimento das Ligas Camponesas no Nordeste. A partir do seu ressurgimento, as Ligas deixaram de ser organizações e passaram a ser um movimento agrário, que contagiou um grande contingente de trabalhadores rurais e também urbanos (GASPAR, 2005).

² Fundada em São Paulo, em 1954, tendo à frente *Lindolfo Silva, militante do PCB. Ela foi responsável pela criação de associações de lavradores que buscavam organizar os camponeses* em suas lutas. A partir do início dos anos 1960, as associações foram sendo transformadas em sindicatos. A ULTAB não só desempenhou papel fundamental nesse processo de sindicalização que culminou na criação, em 1963, da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), como também se constituiu na principal força em ação no interior da nova entidade. Em 1964 foi extinta pelo golpe que implantou a ditadura militar no Brasil. (DICIONÁRIO POLÍTICO, s.d.).

³ No dia 24 de junho de 1960, surgiu no Vale do Rio Pardo um movimento que antecipou, no Rio Grande do Sul, as propostas e estratégias do MST na luta pela reforma agrária. A partir do segundo semestre de 1961, o Master ganhou o apoio decisivo de Leonel de Moura Brizola, governador do Estado entre 1959 e 1962. O mês de janeiro

disponíveis no sítio do MST, estes movimentos organizaram as lutas dos trabalhadores rurais de várias regiões do país, conforme ressalta Fernandes (2000)

De 1979 a 1984 aconteceu o processo de gestação do MST. Chamamos de gestação o movimento iniciado desde a gênese, que reuniu e articulou as primeiras experiências de ocupações de terra, bem como as reuniões e os encontros que proporcionaram, em 1984, o nascimento do MST ao ser fundado oficialmente pelos trabalhadores em seu Primeiro Encontro Nacional, realizado nos dias 21 a 24 de janeiro, os sem-terra realizaram, em Cascavel, no Estado do Paraná. Em 1985, de 29 a 31 de janeiro os sem-terra realizaram o primeiro Congresso, principiando o processo de territorialização do MST pelo Brasil. (FERNANDES, 2000, p.50).

Segundo o autor, o encontro realizado em janeiro de 1984 marcou o início da formação do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra ou MST, quando decidiram instâncias para mobilizações anuais e as principais medidas de ação na luta pela Reforma Agrária. Deliberaram, como primeira ação, a ocupação de terras improdutivas como medida necessária para acontecer a Reforma Agrária. A formalização no Encontro consolidou a organização do Movimento que passou a lutar por outras bandeiras consideradas essenciais no processo para efetivação da Reforma Agrária.

Dessa forma, constituiu-se a bandeira central do Movimento a luta pela Reforma Agrária, motivada pela concentração da propriedade da terra, cujo embate torna-se o cerne para a democratização do direito à terra. No Primeiro Congresso, realizado em 1985, foi definido que o lema do Movimento naquele momento seria: “sem reforma agrária não há democracia”.

As famílias Sem Terra de várias regiões começaram a acampar e organizar as mobilizações com marchas em todo país. Por meio da organização do Movimento e das ações vivenciadas na luta pela Reforma Agrária essas pessoas, que tem o mesmo objetivo comum, passaram a ser identificadas como Os *Sem Terra* e ficaram conhecidos no país e no mundo. O Movimento passou a receber apoio de intelectuais, entidades nacionais e internacionais, pessoas da classe trabalhadora que se identificaram com a luta das famílias camponesas destituídas do trabalho, da terra e de dignidade, pois

de 1962 marcou a explosão do Movimento, com a instalação de diversos acampamentos de sem-terra, para obter desapropriações e assentamentos. Milhares de agricultores participaram das mobilizações, até que, em 1964, o golpe militar encerrou as atividades do Master. Lideranças e militantes foram presos, torturados, exilados. A disputa pela terra seria retomada apenas em 1979, com a ocupação das fazendas Macali e Brilhante, no complexo da Fazenda Sarandi – ocupação que é considerada a gênese do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), fundado em 1984. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/10167> Acesso: 30/11/2014.

[...]O MST não é uma organização de apoio à luta dos Sem Terra. Ele é a luta. Por essa razão, não é uma instituição ou entidade de fora do processo, que existe para ajudar a organizar as famílias na ocupação dos latifúndios. De fato, as famílias são o MST por estarem organizadas no Movimento. [...]. (FERNANDES, 2000, p.105).

O autor destaca que as famílias são o MST e, assim sendo, não visam apenas a posse, mas, também, as condições para trabalhar na terra, obter o acesso aos direitos sociais e conseguir tirar o sustento da terra para viverem com dignidade. Além disso, a organização coletiva do Movimento luta pela Reforma Agrária entendendo-a como uma luta que abarca outras dimensões importantes para transformação das condições de vida dos sujeitos do campo, como ratificado abaixo:

O Movimento Sem Terra é um movimento social que se organizou a partir da necessidade objetiva de lutar pela democratização da terra como estratégia de sobrevivência e manutenção dos trabalhadores rurais sem-terra no campo. Com o passar do tempo, essa luta começou a ganhar outras dimensões, sendo uma ‘luta por terra, reforma agrária e mudança na sociedade, ou melhor, mudança de sociedade’ (STÉDILE; FREI SÉRGIO, 1993 Apud ARENHART, 2007, p. 19-20).

Arenhart (2007) ressalta o que já fora destacado por outros autores sobre as dimensões dos objetivos das lutas no projeto estratégico do MST, principalmente por pretender a transformação do modelo de produção capitalista, articulando várias frentes de ação e atuando na formação política dos sujeitos.

Uma das mobilizações do MST articulada à formação política dos educandos é a realização pelo Setor de Educação de Concursos culturais em nível Nacional. No aniversário de quinze anos, o MST foi homenageado com vários textos, poemas, e desenhos de educandos. O texto abaixo é parte de uma redação escolhida e relata poeticamente a história do MST, perpassa as lutas e conquistas em quinze anos de história.

Fui planejado no Sul, no útero de muitos pensadores e necessitados. Tive muito tempo no ventre sendo discutido e bem avaliado, discutiam meu nome, nasci com várias religiões e também diversas tendências políticas. Qual seria a minha cor? Afinal, nasci em janeiro de 1984 em Cascavel, Paraná. Tive 16 padrinhos e me deram o nome de MST. Isto aconteceu de 21 a 24 de janeiro. No entanto, fui registrado somente em 1985 com 500 testemunhas, me deram um lema: *sem terra não há democracia*.

Hoje, tenho vários nomes, sou brasileiro, sou conhecido no mundo inteiro, com minha cor vermelha empunhando a foice e o facão, estou nos latifúndios, nas ruas, nas praças e nas palhoças. Fui judiado, pisado, baleado, chorei muitas vezes, enxuguei sangue e lágrimas, sorri, cantei, gritei, lutei para me defender,

já falei muito, eduquei, alimentei, produzi, cresci em cada canto do continente e gritei: MST: a luta é pra valer!

Quase morri, tenho filhos, pai e mãe, milhões me adotaram, criei resistência. Aos poucos estava nos jornais, televisão, rádio, enfim, de boca em boca de milhões de mulheres, homens e crianças. Até a juventude com sua força e garra. “Feliz aniversário MST”. (ELSE, 2003).

O Movimento percorreu mais quinze anos, já que completou em 2014 seu aniversário de trinta anos, e vem mantendo-se consolidado, entretanto, há muitas barreiras a serem transpostas, mas tem conseguido subsistir às lutas contra o latifúndio, e atuar em vinte quatro estados brasileiros.

Por meio das ações vivida no MST ao longo dos anos constituiu-se uma identidade para os seus integrantes que passaram a ser *Sem Terra*, um nome próprio para identificar um sujeito social em formação. As crianças do Movimento começaram a ser identificadas com o nome próprio *Sem Terrinha*. Esse processo identitário dos *Sem Terrinha*, por meio da organização política no Movimento, levantou as questões chaves para esta pesquisa.

*Entendemos por **identidade Sem Terra**, a capacidade do MST, rompendo com a leitura da falta de terra, e do fim da agricultura familiar, produzir uma identidade coletiva, que transformou a condição dos sujeitos de falta (sem- terra) para uma condição de lutadores do povo, por justiça social e dignidade para todos (Sem Terra) e que conscientemente cultivam princípios e valores e os transmitem para outras gerações (Sem Terrinha). (MST, 1999b, p.14 grifos do autor).*

Este Movimento de famílias do campo despertou o interesse de vários pesquisadores, por isso, existem múltiplos trabalhos realizados e outros sendo feitos a partir da experiência do MST. Tivemos a oportunidade de participar do projeto de pesquisa: “Concepções teórico-práticas de educação e trabalho no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, desenvolvido por uma equipe de pesquisadores constituída por professores, pós-graduandos e alunos de graduação membros do grupo de pesquisa, Organizações e Democracia, com sede na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília. A pesquisa referendada é dividida por eixos de trabalho e conta com um coordenador com titulação mínima de doutor responsável pelo eixo. Do eixo Sem Terrinha e educação infantil, em particular foquei meu tema de pesquisa na formação política da criança do e no MST.

No Movimento as crianças são compreendidas como sujeitos ativos e críticos, e são consideradas capazes de atuar na luta e nas questões que dizem respeito à organização da sua

própria vida. Por notar o diferencial dado à criança no Movimento, vista como um ser que tem sua própria vida e história de luta, surgiu nosso interesse na organização dos Sem Terrinha, por isso, indagamos: Quem são os Sem Terrinha? Como os Sem Terrinha são engajados na luta social do Movimento? Levantamos a hipótese de que a organização política das crianças cria um movimento infantil na luta social e consiste em um dos caminhos à continuidade do próprio Movimento. Consequentemente surgiu o objetivo específico de verificar a organização política dos Sem Terrinha no Movimento e os objetivos específicos de constatar os espaços, locais e agentes envolvidos na preparação e organização das crianças no processo de formação política e participação na luta social, bem como de investigar, nos meios de comunicação construídos pelo Movimento ao público infanto-juvenil, indícios de formação e participação política dos Sem Terrinha e, também, verificar, na escola de influência do Movimento, a contribuição para a formação e participação política dos Sem Terrinha na luta social.

Escolhemos para a pesquisa empírica a Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, indicada entre outras no Projeto maior, por considerarmos importante investigar se existe e qual a contribuição da escola para a organização dos Sem Terrinha nas mobilizações, todavia a escola caracterizou-se, apenas, como um dos momentos de formação política dos educandos, ou seja, das crianças e adolescentes dos acampamentos e assentamentos.

Nos primeiros contatos com a escola, a companheira, educadora e pesquisadora Maria Edi foi sempre muito solícita e amiga. Embora tenhamos permanecido apenas dois dias na escola pudemos conversar e entrevistar todos os educadores e conhecer a história de vida de uma assentada e de sua família em Pontal do Tigre, tal relato foi muito comovente e reafirmando nossa convicção sobre o valor do Movimento e, portanto, da importância desta pesquisa. Nas primeiras conversas com os educadores notamos que a organização das mobilizações dos Sem Terrinha não era feita pela escola, assim voltamos nossas questões para o trabalho dos educadores, para observar o diferencial na formação dos educandos, já que se tratava de uma escola de assentamento do Movimento. De fato, todos na escola foram maravilhosos, desde a direção, as coordenadoras, todos educadores, profissionais e crianças que gentilmente dispuseram-se de algum tempo para nos atender.

Assim sendo, foram colhidos dois relatos, escritos pelos Sem Terrinha da escola escolhida, onde as crianças contaram sobre a participação no Encontro dos Sem Terrinha. Realizamos entrevistas semiestruturadas com dez educadores, alguns com cargo de coordenadores, diretores e ex-diretores, dialogamos com funcionários e com uma assentada em Pontal do Tigre que relatou a história de sua família desde o período de acampamento.

Observamos e analisamos, também, documentos e o espaço escolar nos dois dias em período integral que permanecemos na escola.

Investigamos, assim, a organização política dos Sem Terrinha contida nos documentos do MST e em materiais elaborados pelo e para o público infantil do MST, como se dá a relação com a organização política das crianças e se há contribuição da escola na formação política dos Sem Terrinha.

Ao investigar sobre o objeto de pesquisa nos deparamos com trabalhos que perpassaram o universo infantil no MST e que sinalizaram como ocorre essa formação identitária do *Sem Terra* e *Sem Terrinha*, a organização do MST e de suas crianças em formação histórica e educacional que inclui a participação no processo de lutas, a elaboração de campanhas, realização de eventos, divulgação de boletins e reflexões acerca das ações de formação e do autoreconhecimento como sujeito social.

Destacamos o trabalho da pesquisadora Deise Arenhart sobre a concepção de infância e as vivências da criança no Movimento. A pesquisa de Edna Araújo Rosseto que apresenta a organização das Cirandas Infantis do MST e perpassa a concepção de formação das crianças. A dissertação de Monyse Ravenna de Sousa Barros “Os Sem Terrinha: uma história da luta social no Brasil (1981-2012)” destaca a participação da criança no processo de luta do Movimento mostrando a história do MST e da criança Sem Terrinha retratada em boletins, jornais, revistas e outros meios de comunicação do MST. Roseli Caldart em suas reflexões acerca da construção da identidade Sem Terra e Sem Terrinha e formação do sujeito social. Marcelo Pereira de Almeida Ferreira em sua pesquisa acerca do Encontro dos Sem Terrinha em Pernambuco- O lúdico e o revolucionário no Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra – a prática pedagógica no encontro dos Sem Terrinha. E Neusa Maria Dal Ri e Candido Giraldez Vieitez (2008) abordando os temas “O Movimento como educador coletivo” e “Educação da história-memória-mística - Educação da Cultura”.

Para o desenvolvimento do trabalho recorreremos à pesquisa bibliográfica com base em autores que transcorrem sobre a história do MST desde sua gênese a formação atual. Foi um trabalho exaustivo para conhecer a formação, organização, princípios e valores que sustentam o Movimento. Realizamos um levantamento de reportagens do jornal Sem Terra no sítio do MST com a finalidade de nos aprofundarmos sobre a ideologia e conhecermos os principais enfrentamentos do Movimento, bem como identificar a participação da criança na luta social. Consultamos, também, Boletins, Cadernos, Coleções, e outros documentos do Movimento, especialmente os que tratam de publicações e produções para e do público infantil do

Movimento. Além desse material, valemo-nos da entrevista semiestruturada, realizada por pesquisadores do Projeto maior, com o dirigente do Setor de Educação do MST no Paraná.

Selecionamos dois textos de Concursos Nacionais do MST, por tratar-se de um espaço de mobilização do MST para os Sem Terra e Sem Terrinha como parte de um projeto formativo, hospedado pela Escola de Línguas Modernas da Universidade de Nottingham, Reino Unido. Os textos selecionados foram dos Concursos: O Brasil que queremos, 1998; e Feliz Aniversário MST, 1999.

Na fase de análise realizamos, primeiramente, a apreciação dos documentos do Movimento, incluindo entrevista realizada ao dirigente do Setor de Educação do MST, as reportagens e matérias dos sítio do MST, depois houve a intercalação das informações obtidas com a pesquisa bibliográfica, juntamente com a seleção dos periódicos consultados (jornais, revistas, boletins) e com todas informações obtidas na escola, como depoimentos escritos, entrevistas, consulta do Projeto Político Pedagógico, observação do espaço escolar, e as conversas informais com os membros da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes. Materiais estes submetidos à análise e discussão amparadas pela fundamentação teórica apropriada.

Na primeira parte do trabalho abordamos os objetivos para organização dos Sem Terrinha, os núcleos de famílias nos assentamentos e acampamentos do MST, os quadros de mobilização que existem e as orientações para mobilizações dos Sem Terrinha. Os espaços e locais de brincadeiras, aprendizagens e formação identitária e política dos Sem Terrinha.

Seguindo tratamos dos meios de comunicação construídos pelo MST para o público infante/juvenil, (jornais, revistas e a página no sítio do MST). A participação das crianças na construção dos meios de comunicação, as manipulações das mídias de massa e contribuição destes periódicos na formação política dos Sem Terrinha.

Na terceira e última parte discorremos sobre elementos do Movimento na escola, a história-memória-mística, os princípios pedagógicos, iguais a “auto-organização” e “realidade como base para a produção do conhecimento”. O projeto da escola e as contribuições para formação política identitária dos Sem Terrinha, os desafios do Movimento para a escola inserir-se diretamente no quadro de mobilização do MST.

CAPÍTULO 1

ESPAÇOS DE MOBILIZAÇÃO PARA OS SEM TERRINHA

Neste capítulo trataremos dos espaços criados para as crianças do MST que favoreceram o engajamento na luta e formação política. O Movimento constatou dentre outras necessidades, a de se criar espaços próprios para as crianças motivado pela organização do trabalho nas cooperativas que passaram a contar com mulheres no trabalho produtivo, as quais começaram a participar mais ativamente das ações de militância, inclusive para pensar o espaço da criança no Movimento, sua formação, escolarização e atividades de luta do MST.

Assim o Movimento passou a pensar e criar espaços para as crianças como um desafio do coletivo do MST e a suscitar debates em torno da questão de gênero no Movimento. Construíram as primeiras Cirandas Infantis e escolas nos acampamentos. O Setor de Educação do Movimento realizou e divulgou vários trabalhos para o público infanto-juvenil que, segundo o MST, foram responsáveis em fomentar o início das mobilizações infantis, ou seja, um movimento infantil dentro do MST.

O quadro de mobilização, que será apresentado mais detalhadamente em capítulo específico, consistia em Concursos Culturais de redações, poesias, desenhos e outras expressões artísticas dos educandos em nível Nacional promovido pelo MST, em Encontros dos Sem Terrinha que aconteceram em níveis regionais, estaduais e nacionais, dentre outras Jornadas e Congressos. Para os quadros de mobilização existiam os espaços de reuniões, onde ocorriam aprendizagens, brincadeiras e trocas diversas entre as crianças e adultos desde os acampamentos, assentamentos e em algumas escolas, até nos espaços de encontro nos momentos de mobilização. Assim, vamos tratar dos espaços de reunião infantil nos acampamentos e assentamentos, das Cirandas que acompanham as mobilizações, bem como sobre os objetivos para as mobilizações e as ações realizadas com as crianças e adolescentes. A partir das mobilizações em Encontros dos Sem Terrinha, as crianças e adolescentes passaram a serem identificadas e a se identificarem de *Sem Terrinha*, um nome próprio que representa sua identidade de pertença ao Movimento.

1. 1 Sem Terrinha e as ações no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

O processo de luta do MST perpassa pelo acampamento, marcado pela precariedade de recursos e pelo sonho e conquista do assentamento para que possam se estabelecer em

determinados espaços e organizarem para a conquista de melhores condições básicas de sobrevivência e sustento por meio do trabalho no campo, ou seja “o sem-terra é um desenraizado que começa a criar raízes no tempo de acampamento, com a vivência da organização e a percepção da necessidade do movimento. Raízes que o tornam membro de uma grande família.” (CALDART, 2001, p. 52).

Nesta grande *família* inicia-se uma organização coletiva, pois no cotidiano dos acampamentos as condições iniciais de vida são precárias, sem infraestrutura, o que favorece o estabelecimento de luta pelo mesmo objetivo coletivo e as pessoas passam a fazer parte da grande *família que se forma em cada* acampamento, onde acomodam-se de maneira muito simples em barracos de lonas, todavia unem-se para conquistarem os recursos básicos de que necessitam. Estas famílias objetivam realizar o sonho tão esperado do *assentamento* e, quando assentados, passam a viver em lotes da reforma agrária, com poucas benfeitorias, como saneamento, energia elétrica, lazer e cultura. Dessa forma, amparados pelos projetos de Reforma Agrária e de vida do MST, os Sem Terra assentados continuam organizados pela conquista de condições favoráveis para trabalhar a terra, construir suas casas e, por meio da produção no campo, garantir uma nova vida, conforme ressalta Comilo (2013):

[...] pode-se afirmar que, após a luta por terra para trabalhar e morar, as famílias assentadas iniciam uma nova fase, denominada de “luta na terra”, que abrange a concepção de assentamento. Implica na “fixação” do homem na terra, pela oferta de condições para sua exploração e de incentivos às famílias assentadas, desde o fortalecimento de sua organização até a implantação de infraestrutura básica. O assentamento torna-se um lugar para a construção de uma vida nova, projeto que se inicia, por exemplo, pela construção das moradias situadas nos assentamentos. A terra tem significado que ultrapassa as condições de um emprego ou ocupação, porque possibilita a agricultura familiar, onde as famílias podem produzir e garantir seu sustento. (COMILO, 2013, p.35).

Comilo (2013) é membro do Movimento e viveu com sua família em acampamento até ser assentada, portanto, vivenciou o processo inicial de instalação e permanência das famílias em um assentamento. Relata que as famílias passam por uma fase de mudança e de construção de uma nova vida no assentamento. Confirma que há no assentamento a luta na terra para o fortalecimento da organização e a busca para implementação de infraestrutura básica. Descreve o sonho de uma nova vida realizado no assentamento e como as famílias anseiam por produzir e tirar o sustento da terra.

Dal Ri e Vieitez (2008) apontam a ocupação e a organização dos atos no acampamento como instância primária de luta do Movimento e também o acampamento como meio transitório

de sobrevivência através da vida social organizada coletivamente podendo existir por vários anos, pois

[...] ele ou prepara a ocupação de terra ou é organizado imediatamente após a mesma. O acampamento organiza as famílias, tendo em vista a realização de atos, em especial a ocupação, que conduzam à conquista da terra. Dessa forma, o acampamento é uma instância de luta. Entretanto, também é um meio de sobrevivência e reprodução da vida social na medida que origina uma comunidade que desenvolve uma sociabilidade própria e que se mantém unida, muitas vezes, por vários anos. Por essa razão, a comunidade do acampamento soluciona, dentro do seu caráter de transitoriedade, vários problemas elementares da vida social, tais como a obtenção e gestão dos recursos necessários à sobrevivência, à educação, à saúde, entre outros. (DAL RI; VIEITEZ, 2008, P.188).

Assim, de acordo com Dal Ri e Vieitez (2008), no acampamento as necessidades elementares vão sendo supridas por meio da sociabilidade criada. Notamos uma nova vida quando as famílias organizam-se para a conquista da terra. Estes atos coletivos e as ações voltadas para as crianças tornam-se educativas quando incendem a consciência coletiva em um contexto de luta social e permite que todos sejam membros participantes. Diante dessa nova vida as crianças Sem Terrinha, mesmo na condição de exclusão social, vislumbram novas oportunidades mediante a organização e ações do Movimento que veem permitindo conquistas para as famílias.

O MST afirma que procura estimular a criatividade de suas educandas e educandos para expressarem-se a partir da realidade de luta do povo. Criam meios para os Sem Terrinha mostrarem como pensam e se sentem nas mobilizações culturais que existem desde o primeiro Concurso Nacional de Literatura e Artes Plásticas, realizado em 1998 pelo Setor de Educação. Todas as edições dos Concursos tiveram temáticas sobre o momento debatido e vivenciado no MST e no país. O 1º Concurso Nacional aconteceu em 1998, realizou-se com o tema - *O Brasil que queremos*. Os participantes puderam expressar, por meio da redação e do desenho, suas compreensões frente à realidade do país. Selecionamos um trecho da redação de um Sem Terrinha participante do referido concurso que expressa a concepção da criança em relação às questões do país, demonstrando senso crítico e percepção da exclusão social.

Sou fruto da Reforma Agrária e quero um Brasil com pessoas livres, onde eu possa expressar meus sentimentos, minhas revoltas, meus sonhos... Um país onde eu possa continuar vivendo no campo. E nele tirar meu sustento, aproveitando as riquezas que a natureza oferece, e preservando o verde da esperança. Um Brasil com educação, onde nós crianças além de aprender a ler e escrever, plantar, preservar, brincar, sonhar... pudéssemos expressar o que

nós sentimos, trabalhar na terra, praticar esportes, participar das decisões da educação.

Há tanta coisa que não entendo, tanta coisa que me assusta! Às vezes quero parecer grande, mas não dá. Por que tem tanta gente sem condições de viver, vítima da violência, da exploração de alguns?

Sonho com um Brasil verde - dos produtos por nós plantados; amarelo - das riquezas construídas por nós trabalhadores; azul - sem poluição; branco - da liberdade conquistada por nós trabalhadores do campo e da cidade (SOUZA, 1998).⁴

Observamos já no início da citação que a criança descreve-se como fruto da Reforma Agrária, *Sou fruto da reforma agrária*, expõe, assim, a principal bandeira de luta do Movimento - *Reforma Agrária*. Demonstra, ainda, com bastante clareza, sua consciência sobre a situação política do país e o desejo de um Brasil onde as pessoas sejam livres para expressarem sentimentos e realizarem sonhos, tais como, no seu caso, continuar vivendo no campo, tirar o sustento do trabalho na terra preservando a natureza, educação para as crianças - *Um Brasil com educação* -, para aprender a ler e escrever e ainda *plantar, preservar, brincar, sonhar...*

Assinala mais sonhos como: *praticar esportes, expressar sentimentos e participar de decisões da educação*. São vários os sonhos do Sem Terrinha para o *Brasil que Queremos* indicado no texto e esse sonho da criança começa a ser realizado quando sua família passa a produzir na terra, organiza-se e torna-se parte de uma grande família.

O Sem Terrinha em sua redação demonstra uma sensibilidade ao sofrimento alheio: *Por que tanta gente sem condição de viver, vítima da violência, da exploração de alguns?* Percebe as injustiças sociais e demonstra uma consciência de realidade social e política, observamos que há um processo de formação política sendo construído por meio das ações refletidas, organizadas e concretizadas com os Sem Terrinha. O Projeto do Movimento para o Sem Terrinha pode desencadear um processo pedagógico e humano singular e já tem realizado os sonhos de muitas crianças.

No Movimento elas tem a oportunidade de um processo de formação humana que as tornam capazes de terem uma outra concepção da vida, da pessoa humana. Nelas repousa uma capacidade de se indignar frente ao sofrimento de outras crianças, de rua e Sem Tetinho em São Paulo. Ao encontrá-las na rua uma criança Sem Terra ficou triste e convidou-as para irem morar no assentamento (MST, 1999a, p.21).

⁴ Trecho da redação de Cleonir Jorge de Souza (9 anos, quarta série do ensino fundamental, Escola Cooperativa Construindo o Caminho, assentamento Conquista da Fronteira, em Dionísio Cerqueira, Santa Catarina) Em: <http://www.landless-voices.org/vieira/archive-03.phtml?ng=p&sc=1> Clicar em Composições das crianças. Acesso: 10/09/2014.

Segundo a professora do MST a criança Sem Terra, pelo seu processo histórico e social de formação humana torna-se capaz de indignar-se frente ao sofrimento de outras crianças. Ressalta, ainda, que esse processo de formação humana se concretiza em meio a ações e espaços democráticos criados para reunir e mobilizar os Sem Terrinha no Movimento.

1.2 Objetivos e organização para os Encontros dos Sem Terrinha

Para os encontros dos Sem Terrinha foram definidos objetivos gerais para as atividades desenvolvidas, notem que um dos objetivos é as crianças escolherem representantes para participarem das reuniões de preparação dos eventos. Vejam alguns exemplos de objetivos:

Preparar atividades culturais a serem apresentadas no encontro; providenciar seus pertences pessoais para levar ao encontro; escolherem seus representantes para participarem das reuniões de preparação, juntamente com os professores e pais; preparar a mística, ensaiar os cantos e ensaios (MST, 1999a, p.45).

Convergem-se vários esforços de mobilização no processo de organização das crianças desde as reuniões nos assentamentos e acampamentos até a realização dos encontros dos Sem Terrinha que reúnem as crianças no mesmo local, uma organização em escala de níveis maiores quando são encontros estaduais. Estes Encontros, segundo Rosseto (2009), são considerados atividades *políticoorganizativas* como parte do processo de organização das crianças dos acampamentos e assentamentos que reúne e mobiliza crianças Sem Terrinha,

[...] desde 1994, geralmente no mês de outubro, e corresponde à Semana da Criança. Esta atividade faz parte do processo de organização das crianças dos acampamentos e assentamentos do MST e é realizada nos estados em que o MST está organizado tendo uma abrangência regional ou estadual, dependendo das condições de cada Estado. A duração, em média, é de 3 a 4 dias. O número das crianças participantes no encontro também varia conforme o estado: há casos contabilizados de 150 ou, até mesmo, 700 crianças. O Estado do Pernambuco tem a experiência de ter realizado encontros com a participação de duas mil crianças. Em alguns Estados, os encontros têm caráter mais reivindicatório; em outros, de estudo, lazer e troca de experiências; em alguns, juntam-se o caráter da reivindicação ao estudo e lazer. Geralmente, o centro da reivindicação é a luta por escolas adequadas nos assentamentos e acampamentos. No Estado de São Paulo, ocorreram três encontros: o 1ª Encontro Estadual Infante Juvenil, nos dias 12, 13 e 14 de outubro de 1996, com 700 crianças. Foi neste encontro, na fase preparatória, que as crianças sem terra começaram a se identificar como Sem Terrinha, ou seja, começaram a assumir a identidade própria das crianças Sem Terra. (ROSSETO, 2009, p.33-34).

O MST confirma, na organização das mobilizações infantis, o envolvimento e participação das crianças nas ações das diversas atividades desenvolvidas. Este Encontro conforme a citação tem uma estrutura organizativa que permite negociar e dividir as tarefas entre educadores (não necessariamente professores) e crianças, especialmente na preparação da mística, quando várias atividades são realizadas pelas próprias crianças, incluindo-se apresentações teatrais e gritos de ordem. Relata a autora que o centro da reivindicação dos Sem Terrinha é a luta pela melhoria das escolas. Afirmar, ainda, que no 1º Encontro Estadual Infanto Juvenil as crianças começaram a se identificar como crianças Sem Terra ou Sem Terrinha. Nesse sentido, Arenhart (2007) também relata sobre os encontros dos Sem Terrinha, ressaltando desde as ações que envolvem toda a família até as mobilizações dos próprios Sem Terrinha.

[...] na história do Movimento, a participação ativa das crianças também foi sendo construída. De serem filhos de sem-terra, conseguiram estudar numa escola que assumisse a Pedagogia do MST e fazerem parte das ações que envolvem a luta, até participarem de espaços de mobilizações que lhes são próprios. Desde 1994, crianças de todo o país participam de encontros Sem Terrinha, ocasião em que se conhecem, trocam experiências, discutem sobre suas causas, planejam ações coletivas, cantam, brincam e reforçam sua identidade com o Movimento. Além disso, participam das ações do MST que envolvem toda a família e realizam suas próprias mobilizações. Elas também expressam seus sonhos em relação ao Brasil por meio de concursos de redações e desenhos promovidos pelo Movimento (ARENHART, 2007, p. 55).

Assim sendo, a participação das crianças no Movimento é um processo que vem sendo construído por meio de ações e mobilizações que o próprio MST proporciona, fortalecendo a identidade dos Sem Terrinha em todo o país. Para Filho (2006) o Encontro dos Sem Terrinha, organizado pelo MST em âmbito nacional, é um dos eventos mais esperados pelas crianças. Conta com a colaboração de amigos e apoiadores do MST e de estudantes de diversas universidades. Tem como objetivo reunir as crianças dos acampamentos e assentamentos proporcionando aos Sem Terrinha momentos de brincadeiras educativas e conversas sobre temas polêmicos, tais como: evitar o uso de venenos nas plantas, o direito das crianças ao conhecimento, entre outros. Os grupos ou núcleos são coordenados por jovens e adultos, que prestam um serviço voluntário e as crianças são eleitas para funções de coordenação contribuindo, assim, nas tarefas organizacionais. Acrescenta o autor que, nos assentamentos e acampamentos, espaços como esses são oferecidos, alternativamente, para que os pais possam deixar seus filhos enquanto participam, por exemplo, das reuniões dos núcleos de base. Nesse espaço os Sem Terrinha realizam atividades como criação e ensaio de místicas, brincadeiras,

também discussões de temas polêmicos como as sementes geneticamente modificadas. “[...] essas vivências e os espaços pedagógicos que o Encontro Sem Terrinha propicia às crianças aguça o gosto pelo lúdico, assim como influência na construção da sua identidade de crianças sem terra e camponesas” (FILHO, 2006, p.133).

A organização de Encontro dos Sem Terrinha inicia-se com bastante antecedência, nos acampamentos e assentamentos com o levantamento de temas para as discussões que envolvem tanto a comunidade quanto as escolas, como nos mostra Rosseto (2009) que participou desse processo que iniciou-se

[...] com as discussões nos assentamentos, envolvendo toda a comunidade assentada ou acampada e, se possível, as escolas. Desta maneira, foram realizados vários encontros em pequenos grupos. Para cada 10 crianças, formava-se um grupo. Nestes grupos, havia um coordenador e uma coordenadora das crianças. Nos mesmos, eram levantadas as demandas reais, as necessidades das crianças e da comunidade e o estudo do tema do encontro. Posteriormente, era elaborada a programação do encontro, a pauta de negociação e divididas as responsabilidades e as tarefas entre os educadores e as crianças. A preparação da mística geralmente envolve apresentações teatrais, recital de poemas, músicas, brincadeiras, noite cultural, palavras de ordem, símbolos – tais como camiseta, cartaz, bandeiras –; tudo isto é preparado com antecedência para o Encontro dos Sem Terrinha (ROSSETO, 2009, p. 35-36).

A escola de acampamento e assentamento é um instrumento que o Movimento busca usar no processo de organização das mobilizações dos Sem Terrinha. A escola pode fazer um trabalho anterior abordando as temáticas para a mobilização, pode contribuir durante o momento da mobilização e posteriormente com um trabalho dando continuidade às aprendizagens de organizações políticas vividas por meio das ações nas mobilizações. Para tanto, faz-se necessário um esforço da equipe e envolvimento do Movimento com a escola para que aconteça a participação dos educandos em eventos a partir da organização feita na escola.

Em decorrência destas ações voltadas para os Sem Terrinha em todo o mês de outubro, e especificamente no dia das crianças, os Sem Terrinha despontam com suas manifestações atribuindo um significado maior a esta data quando participam da Jornada do MST. Segundo Maura Silva da página do MST a Jornada é um grande evento onde são organizadas atividades lúdicas, culturais e educacionais para as crianças, além das Cirandas fixas que estão nas escolas e nas cooperativas com rotinas de atividades e formação permanentes.

O nosso objetivo é acabar com a comercialização e materialização dessa data. Queremos mostrar que ser criança é mais do que ganhar um brinquedo, é

trabalhar para que ela entenda e participe ativamente do meio em que vive e, com isso, fazê-la crescer de maneira saudável, respeitando o seu espaço e o seu entorno (SILVA, 2014).

Desse modo, a Jornada dos Sem Terrinha acontece anualmente nos 24 estados em que o MST está organizado. A partir da reivindicação em pauta, são realizadas marchas, encontros nas cidades e acampamentos, atos de solidariedade, e através de um tema que aborda as questões políticas da luta social, são organizadas oficinas, recreação, concursos, etc., para se alcançar alguns objetivos gerais de modo a contemplar as especificidades de cada local de acordo com sua realidade, quais sejam:

[...] realizar uma grande festa de socialização das experiências educativas e culturais das crianças, com isso valorizar a organização dos Sem Terrinha nos acampamentos e assentamentos e assim fortalecer a identidade Sem Terra. E ao mesmo tempo, os encontros têm como objetivo negociar com as autoridades locais e estaduais as demandas de escola, espaços de lazer para as crianças e infraestrutura geral nos assentamentos (RAMOS; CARDOSO, 2010).

Dessa forma, o evento valoriza e fortalece a identidade Sem Terrinha no Movimento. As crianças e adolescentes aprendem a expressar o que pensam e desejam. Aprendem, também, a apresentar suas reivindicações às autoridades, suas demandas sejam elas dos assentamentos ou escolas. Assim sendo, para a 13ª Jornada Nacional, os Sem Terrinha prepararam o material para a manifestação com dizeres e desenhos demonstrando a vida e a educação desejada, ou seja, os objetivos almejados pela manifestação para a melhoria e reconhecimento da reforma agrária e educação no campo.

Antes do protesto, os Sem Terrinha confeccionaram cartazes e desenhos para levarem à manifestação. Nas produções das crianças, havia muitos desenhos de casas, árvores e frases pedindo melhores condições de estudo e de vida. “Queremos escola melhor, queremos os nossos direitos, queremos uma vida melhor e queremos a nossa vitória”, dizia um cartaz escrito com letras coloridas (CAPITANI; KITANISHI, 2010).

O MST acredita que as mobilizações são espaços onde se comprova que é possível e necessário desenvolver uma proposta política e pedagógica específica para os acampamentos e assentamentos. Apontam as mobilizações como instrumentos para a participação das crianças, na relação escola e comunidade, porém isso ainda é um grande desafio, visto que a organização das mobilizações decorre principalmente no âmbito do assentamento e acampamento, todavia buscam o envolvimento da escola, pois acreditam no potencial das mobilizações para contribuir

com novos enfoques no currículo ampliando espaços de auto-organização nas escolas onde o Movimento atua.

Através das mobilizações, podemos ir eliminando o isolamento das escolas do campo, possibilitando atividades conjuntas com outras escolas, firmando parcerias com Universidades, comprometendo as secretarias de educação com as pautas de reivindicações e planejando sempre, como vamos dar continuidade às lutas de atividades. As mobilizações organizadas educam porque incentivam a planejar, executar e avaliar em conjunto. Ensinam que, para não perder tempo e para fazer história, se faz necessário sistematizar tudo que fizemos, principalmente as lições que tiramos de cada ação. Escrever nossa história cabe a nós, que somos o sujeito da ação, que vivemos este cotidiano, por vezes difícil, e não tanto àqueles que, olhando para nós de longe, irão escrever e analisar nosso modo de agir, de fazer, de nos educar, de nos organizar (MST, 1999a, p. 26).

Para o Movimento as mobilizações organizadas educam e podem ser uma maneira de eliminar o isolamento das escolas do campo, possibilitando atividades conjuntas entre escola e comunidade. A escola corroboraria no processo de organização das mobilizações, como um momento estratégico nesse processo de mobilização dos Sem Terrinha. Observamos que a escola é uma das reivindicações preponderantes dos Sem Terrinha, contudo o espaço escolar não tem se destacado na organização às Mobilizações. Ao longo da caminhada o Movimento criou espaços e organizou ações para os Sem Terrinha vivenciarem momentos educativos de formação política e humana decorrentes das mobilizações na luta social. “A luta social educa para a capacidade de pressionar as circunstâncias para que fiquem diferentes do que são” (MST, 1999a p.27).

Nas mobilizações as crianças aprendem a vibrar, dar entrevistas à imprensa, cantar a vida, fazer teatros, puxar gritos de ordem, e a criar outros gritos, significativos para aquela ação, tais como: “Terra, saúde, educação pra todo sem terrinha é a solução”, “Sem Terrinha em ação para acabar a repressão”. “Criança e adolescente na luta permanente”; “Com a luta infantil, mudaremos o Brasil”. Ali desterram a timidez, a vergonha, o medo. Enquanto juntam as vozes antes sufocadas, os pés descalços caminham juntos. Enquanto as mãos se apertam, os olhares se encontram e os corações batem fortes em euforia (sic) Cresce nelas a euforia, o sonho e esperança. Gritam alto para serem ouvidas, clamam para não serem esquecidas e ignoradas. Caminham longe, carregam seus pertences, faixas, cartazes, bandeiras. Em meio à animação, alguns escondem o rosto do sol com o boné do movimento (MST, 1999a, p. 26).

1.3 A organização das crianças Sem Terrinha

O Movimento buscou uma organicidade para os acampamentos que são a fase inicial e crucial para a luta, assim, organizaram coordenações através de núcleos de bases nos acampamentos e depois nos

assentamentos. Outra forma de organização é a divisão das tarefas por setores. Os acampamentos constituem espaços decisivos na luta pela terra e de suas representações, e internamente o Movimento decide optar pela organização em Núcleos de Base (NB) constituídos pelos grupos de famílias no acampamento. Nesse momento, outra decisão organizativa foi a da divisão de tarefas por equipes: saúde, barracos, alimentação, segurança, higiene, educação. (BARROS, 2013, p.57).

Assim, a organização dos Sem Terrinha e suas famílias tanto nos acampamentos e assentamentos é feita em núcleos de famílias e elegem-se representantes, sendo, preferencialmente, um homem e uma mulher para cada dez famílias. Destes núcleos de famílias são eleitos coordenadores e coordenadoras dos acampamentos e assentamentos, a mesma estrutura acontece em nível regional, estadual e nacional. Nesse tipo de organização é possível discutir e decidir, ora em reuniões simples, ora em assembleias, sobre os temas relevantes de cada Núcleo de Base em diferentes instâncias, sobre as necessidades de cada área ou espaço com relação às medidas para produção, educação, lazer, etc. A organização dos Sem Terrinha é discutida e decidida em reuniões realizadas, prioritariamente nos acampamentos e assentamentos, mas é importante ressaltar que, também, podem acontecer em escolas onde o Movimento atua. Nestas reuniões as crianças brincam muito, aprendem e, na época oportuna, iniciam os preparativos para a realização dos Encontros dos Sem Terrinha.

Após a ocupação no acampamento começa a desenvolver-se um modelo organizativo que tem como meio de trabalho o grupo de famílias e a Assembleia do acampamento como foro deliberativo máximo escolhe a Coordenação do acampamento. Como nosso foco de discussão está relacionado à atuação das crianças no espaço escolar, apenas mencionamos o modelo organizativo e espaços deliberativos ou representativos que norteiam as ações nas diferentes instâncias de atuação do Movimento.

Entretanto, constatamos que o MST possui instâncias de representação que são os fóruns políticos do Movimento e são constituídas hierarquicamente desta forma: Congresso Nacional, Encontro Nacional, Coordenação Nacional, Direção Nacional, Encontros Estaduais, Coordenações Estaduais, Direções Estaduais, Coordenações Regionais, Coordenações de Assentamentos e Acampamentos, Grupos de base (MORISSAWA, 2001)⁵.

Segundo o autor, as famílias, por sua vez, também se organizam tanto em nível local como nacionalmente, considerando os seguintes setores: Frente de Massa, Formação, Propaganda/Comunicação, Finanças, Saúde, Educação, Produção, Gênero e Meio Ambiente.

⁵ Para conhecer mais da organização do MST, ver Morissawa (2001)

1.3.1 Núcleos de famílias e espaço de reunião infantil

Na organização dos acampamentos e assentamentos formam-se núcleos ou grupos de famílias, com os respectivos dirigentes ou coordenadores como já comentado anteriormente. Criam-se espaços para as crianças para se reunirem, possibilitando-se, assim, que as discussões de adultos ocorram separadamente, uma vez que a predisposição infantil é voltada para atividades que incluam o movimento corporal. Respeitando essa necessidade, o Movimento cria espaços lúdicos para promover o desenvolvimento e o aprendizado das crianças, por meio de brinquedos e brincadeiras, coletivamente.

A organização dos Sem Terrinha nas reuniões é realizada com um adulto responsável que passa a ter a função de coordenar as reuniões infantis. O responsável organiza as atividades com as crianças nas reuniões do núcleo ou grupo que acontecem periodicamente nos vários acampamentos e assentamentos para as famílias nos diversos estados. Nestes momentos às crianças reúnem-se e são desenvolvidas várias brincadeiras, entretanto, estas reuniões infantis são momentos para falar, também, de temas referentes a realidade dos assentamentos e acampamentos. Além disso, as reuniões de núcleo são formas do MST ensinar e organizar os Sem Terrinha para as mobilizações que participam. Nestas reuniões são escolhidos coordenadores infantis que cooperam com o adulto na organização do trabalho com as outras crianças. Assim, cada acampamento e assentamento organiza a participação das crianças Sem Terrinha e nos momentos de encontros regionais, estaduais ou nacionais as crianças tem oportunidade de reforçarem sua identidade com o Movimento.

Os Sem Terrinha são crianças da classe trabalhadora e mediante a organização desenvolvida no Movimento possuem espaço para criar, refletir e brincar. Assim, constata-se um esforço do MST para as crianças participarem das atividades interativas e, para isso, criam-se espaços infantis em cada local (acampamento, assentamento, escola) com a finalidade de organizar os Sem Terrinha em suas próprias reuniões, assembleias, mobilizações, etc., impulsionando, assim, a construção de um processo de formação de identidade e consciência política, de si e do mundo desde a infância.

1.4 Mobilizações dos Sem Terrinha

Tal como ocorre com os jovens e adultos, o MST tem uma preocupação com a educação política das crianças. Deseja que compreendam os direitos que lhes são negados, tais como:

moradia, educação, saúde, cultura, etc. e se manifestem em prol deles, para tanto, criam os espaços propícios para a realização de reuniões infantis, assembleias e mobilizações em geral. Estes espaços criados são considerados educativos, já que existe um planejamento de trabalho a ser delegado para os Sem Terrinha. Este planejamento de trabalho e ações são previamente pensadas nas reuniões dos núcleos ou grupos com coordenadores locais e pelo coletivo do MST para atuação nos acampamentos e assentamentos nos diversos Estados em que o Movimento está presente, desta forma há coordenadores Sem Terrinha que participam da organização para os eventos regionais, estaduais e nacionais, assim as decisões contam com a participação das crianças e adolescentes.

O ato de tomar decisão de fazer uma mobilização infantil requer uma série de atos, organicamente vinculados entre si, como: perceber uma necessidade; tomar consciência e conscientizar outros dessa necessidade, amadurecer, propondo e discutindo coletivamente; planejar os passos da ação; realizar a ação; avaliar o que foi feito e encaminhar deliberações. Tudo isso requer um processo de aprendizado, que somente a prática é capaz de ensinar. (MST, 1999a, p.25).

O Movimento para construir uma história de mobilização dos Sem Terrinha coloca o imperativo da existência de um processo de aprendizagem para os sujeitos políticos envolvidos. O MST expõe a importância da participação do adulto na mobilização infantil para ouvir e considerar as crianças de fato, respeitando suas necessidades em cada etapa do crescimento e amadurecimento físico e intelectual e não como um adulto em miniatura. No contexto de mobilização de crianças do MST, observamos um processo não presenciado em outros contextos envolvendo crianças. Estas ações podem provocar mudanças na personalidade destes atores infantis, principalmente no referido à formação política. Pois a participação das crianças na mobilização nos leva a imaginar

[...] o quanto uma experiência como essa: coletiva, de participação, de desenvolvimento, marca profundamente a vida e a experiência na infância, experiência essa que será sempre selada nesses corpos, ainda pequenos fisicamente, mas que carregarão em si tantas histórias que sinalizam o perfil de mulheres e homens que queremos de fato construir (MST, 1999a, p.25).

A história do Movimento, diferentemente do que conhecemos por participação infantil, inclui as crianças no processo de luta, desta forma o Sem Terrinha pode levar a experiência do processo de mobilização significativa para sua vida. O MST, desde 1994, cria espaços de mobilização para suas crianças, oriundas de vários estados do país, nos Encontros dos Sem Terrinha. Inicialmente, os encontros eram em nível estadual e em 1999 realizou-se o primeiro

Encontro Nacional dos Sem Terrinha em Brasília. Assim, o Movimento trata as mobilizações como parte de um processo vivenciado de práticas e reflexões sobre a educação pretendida nos acampamentos e assentamentos.

Destaca o processo de luta que houve para a construção do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) como marco de uma mudança de mentalidade onde a criança passou a ser vista não apenas como alguém que precisa de proteção e amparo, mas como sujeito de direitos. A partir daquele momento as crianças começaram a ser ensinadas acerca dos seus direitos nas escolas onde atua o Movimento e a se mobilizarem para lutas pela garantia de direitos previstos por lei que ainda não foram concretizados. O Movimento acrescenta, ainda, que o Setor de Educação favorece a organização e participação das crianças, por meio dos seus trabalhos e produções, e essas ações educativas passaram a ser determinantes para o desencadeamento das mobilizações. Alguns exemplos de publicações dirigidas às crianças estão nas coleções “Fazendo História” e “Fazendo Escola” (MST)⁶

A estruturação do Setor de Educação em nível nacional e na maioria dos Estados onde o MST está organizado, juntamente com a produção coletiva de materiais pedagógicos, tais como canções, histórias e brincadeiras que resgatam a cultura, a participação e a organização das crianças e adolescentes, foram fatores determinantes para que se desencadeassem as mobilizações infantis (MST, 1999a, p.33).

A primeira mobilização infantil aconteceu em 1994, no Estado do Rio Grande do Sul e teve grande repercussão nos acampamentos e assentamentos permitindo a realização de outros encontros regionais e estaduais favorecendo a criação de um espaço próprio de mobilização infantil. Realizou-se, no ano seguinte, o encontro em nível estadual, abrangendo, também, outros Estados. O Encontro ficou conhecido como Encontro das crianças Sem Terra ou Encontro dos Sem Terrinha. As mobilizações ocorrem conforme o MST mediante orientações pensadas, refletidas e planejadas por todos os envolvidos no decorrer do processo das atividades até culminar com o movimento das crianças.

Referimo-nos abaixo à experiência do 7º Encontro Estadual dos Sem Terrinha, ocorrido no estado do Paraná, que abrangeu estudos a respeito dos direitos previstos no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) de outras atividades e o objetivo da mobilização:

⁶ Na coleção Fazendo História encontram-se as publicações “A comunidade dos gatos e o dono da bola” (1994) “Zumbi: comandante guerreiro” (1995); “A história de uma luta de todos” (1996); Liga Camponesas (1997); “Nossa turma na luta pela terra” (1998; Semente (2000); “História do menino que lia o mundo” (2001) Da segunda coleção: “Estórias de Rosa”(s.d); “Crianças em movimento” (1999); “Construindo o caminho em uma escola do MST” (2002) entre outras.

Durante os dias que estiveram em Curitiba, as crianças participaram de estudo e debate do Estatuto da Criança e do Adolescente e da revista Sem Terrinha, apresentações culturais, como: música, contação de história, espetáculo circense, de 20 oficinas de arte e educação, ministradas por educadores populares de Curitiba. “Os três dias foram intensos, de muitas expectativas. As crianças brincaram, estudaram, fizeram passeios, participaram de oficinas de arte educação, puderam ver apresentações culturais, e também trouxeram sua pauta de reivindicações, mostrando a ausência das políticas públicas por parte do governo”, comentou Alessandro Mariano, do Setor de Educação MST/ Paraná. O Encontro teve por objetivo dar visibilidade à realidade vivenciada pelas crianças acampadas e assentadas. Para a educanda Aline Hartmann, Sem Terrinha assentada na região oeste do estado, o encontro foi um momento de diversão e estudo entre as escolas. “A gente pode conhecer experiências de outras escolas e aprender bastante”, contou ela, folheando a Revista Sem Terrinha.⁷ (SILVA, 2014).

Ferreira (2002) destaca as palavras de ordem nos três dias de Encontro dos Sem Terrinha do qual participou como um ato marcante, porque não importava a hora e o lugar os gritos de ordem eram entoados pelos Sem Terrinha entusiasmadamente. Acrescenta, ainda, que na marcha as músicas e os gritos de ordem se intensificavam e sempre eram acompanhados por expressões típicas do Movimento, assim, quando entoavam os gritos de ordem levantavam os braços e fechavam os punhos.

E é nas palavras de ordem que as crianças se espelhavam de forma mais do que completa. Durante os três dias de Encontro, quer as crianças estivessem no ginásio, quer estivessem na marcha, não importa a hora ou o lugar: as palavras de ordem se seguiam com força e entusiasmo perene. E acontecia da mesma forma como as músicas se expressavam. Tanto faz se eram os adultos ou não que as puxavam, a resposta era sempre em alto e bom tom: entrando ou saindo do ginásio, entrando ou saindo do ônibus, no meio da marcha. [...] e ainda destacando as duas manifestações anteriores (as músicas e as palavras de ordem), é interessante destacar também que na marcha, ambas se intensificavam e, mais ainda, sempre eram acompanhadas pelas expressões típicas: o braço levantado com o punho fechado quando gritavam “Bandeira Vermelhinha...!” ou os bonés acenando às pessoas na cidade, quando tocava-se a música “Ordem e Progresso”⁸, ação marcante no MST como um todo. Na marcha, todas as expressões do Movimento se evidenciam: desde mostrar que o MST existe (e os Sem Terrinha estão lá dizendo que “Somos Sem Terrinha!”) até o convocar a sociedade como um todo para defender a Reforma Agrária (FERREIRA, 2002, p.202).

⁷ (Em: < <http://www.mst.org.br/node/16625>>. Acesso em 30 de outubro de 2014.)

⁸ Música de autoria de Zé Pinto. No trecho “(...) *Esse é o nosso país, essa é a nossa bandeira. É por amor a essa Pátria-Brasil que a gente segue em fileira*”, em qualquer lugar em que esteja concentrado, o Movimento sempre faz o aceno com o boné.

Segundo o autor, o boné para o Movimento tem grande importância sendo um instrumento de batismo oferecido para os voluntários oficinairos que após o Encontro, ao final das oficinas, recebiam o boné com aplausos e palavras de ordem das crianças e, em cerimônia especial eram (re)batizados como “amigos do MST”.

O maior espaço de decisões do MST é o Congresso Nacional em Brasília. Ocorre a cada cinco anos, reunindo, neste grande evento os Sem Terra, colaboradores, militantes em geral e os Sem Terrinha de várias regiões do país. No Congresso, o Movimento faz uma avaliação da sua atuação e prepara as linhas políticas para a organização das lutas do próximo período. Esse evento conta com a participação de toda comunidade, ou seja, da juventude, das companheiras e dos Sem Terrinha, configurando-se como um momento de suma importância, conforme destacou o Jornal Sem Terra (2013) em relação ao 6º Congresso Nacional ocorrido entre os dias 10 a 14 de fevereiro de 2014:

É um momento de fazermos um balanço crítico desses 30 anos de caminhada, de refletirmos como o conjunto da classe trabalhadora sobre nossos desafios enquanto classe para a construção de uma nova sociedade e de fortalecer nossas alianças nacionais e internacionais. Além de ser um momento de projetarmos o futuro pensarmos nossas táticas de luta para o período que se segue, como a organização de nossa juventude, a participação das companheiras, e dos Sem Terrinha, o papel político dos assentamentos, etc. [...] O Congresso, no entanto não se resume apenas a esses cinco dias de encontro e debates em Brasília. É um processo muito anterior, que começou lá em 2011, quando iniciamos nosso trabalho de base para debater nosso projeto, a Natureza do Estado e o que zelar e o que mudar no nosso Movimento (MST, 2013, p.2).

O Congresso é resultado de Seminários, debates, encontros, reuniões, assembleias reunindo milhares de famílias, os Sem Terrinha, militantes no geral amigos, intelectuais e outros Movimentos sociais. Os Sem Terrinha participam da Ciranda Infantil que um espaço onde é trabalhado o lúdico e a formação política das crianças.

No VI Congresso Nacional (que ocorreu entre os dias 10 a 14 de fevereiro de 2014) a educadora infantil relata no vídeo *Ciranda do VI Congresso do MST* sua experiência na Ciranda Infantil Paulo Freire. Descreve a Ciranda como um lugar para as mães deixarem seus filhos e, enquanto participam da luta, às crianças é oferecido nesse espaço, o desenvolvimento lúdico, pedagógico e político. Relata que os Sem Terrinha brincam com jogos, brinquedos e brincadeiras, depois fazem atividades pedagógicas com o tema do VI Congresso “*Os trinta anos do MST*”. Ressalta que trabalham desde o que é ser acampado ou assentado e o que é ser Sem

Terrinha, bem como o processo político. Acredita que a criança precisa aprender desde cedo que a luta é por terra, pois isso que é o MST. O Sem Terrinha deve sentir orgulho e estar junto com os pais e mães buscando melhoras para o assentamento. Acrescenta, ainda, a educadora, que a luta dos Sem Terrinha é a luta pela escola.

A Ciranda Infantil é um espaço educativo e de vivência coletiva para os Sem Terrinha. Acompanha Marchas, Congressos, Encontros, e são desenvolvidas atividades educativas, lúdicas, culturais, de luta e formação da identidade Sem Terrinha. Segundo Caldart (2012), as Cirandas foram criadas como alternativa para a participação das mulheres na produção e organização da luta nos diversos setores do Movimento e dos assentamentos. Com a organização dos acampamentos e maior participação da mulher no trabalho, o cuidado com a criança passou a ser visto como uma obrigação do coletivo e uma solução para as mães participarem da militância e de todas as ações do Movimento. A obrigação de cuidar dos filhos também coloca em evidência as questões de gênero no MST. Assim, havendo uma participação cada vez maior das mulheres na dinâmica do Movimento, mais Cirandas Infantis vão sendo constituídas onde as mães passam a deixar seus filhos para que as mães possam atuar mais diretamente na luta e, nas Cirandas Infantis, também as crianças já tenham espaços favoráveis à educação voltadas às bandeiras de luta defendidas pelo Movimento no âmbito do Sem Terrinha, pois

[...] analisando a experiência da Ciranda Infantil podemos afirmar que ela surge lado a lado com o debate de temas importantes como gênero, trabalho e coletividade. E mais, as Cirandas Infantis, no Movimento Sem Terra, já na sua origem, têm no seu horizonte a emancipação humana e a construção de um projeto de sociedade socialista. (ROSSETO, 2009, p. 91).

Tanto as Cirandas permanentes de escolas e cooperativas do Movimento, quanto as itinerantes, que acompanham as atividades do Movimento, aos poucos foram se tornando espaços de cultura do MST ou parte da própria cultura do MST. Destacamos o exemplo de Ciranda Infantil Paulo Freire que recebeu as crianças do VI Congresso, lá reuniram Sem Terrinha de todo país numa grande mobilização exigindo uma preparação e trabalho coletivo dos Setores responsáveis, de vários voluntários, educadores, apoiadores do Movimento.

Além disso, o MST realiza o processo de comunicação desenvolvendo projetos musicais com os Sem Terrinha, cujo trabalho coletivo resultou na primeira coletânea “Plantando Cirandas”. Mais recentemente o Movimento escolheu o VI Congresso para apresentação de Canções dos Sem Terrinha reunindo composições de vários ritmos como: samba, chamamé,

carimbó, forró, etc., que compõem a Coletânea “Plantando Ciranda 3”, do qual destacamos o trecho da música “Vamos Sem Terrinha”:

Quem são vocês
Os Sem Terrinha
Outra vez
O que é que traz
A vitória e nada mais
Essa onda pega?
Essa onda já pegou
Para anunciar...
Que os Sem Terrinha, já chegou, já chegou, já chegou.
(SILVEIRA, 2014).

Segundo matéria de Silveira (2014), nos últimos dois anos foram empreendidas várias ações para potencializar a realização da coletânea, como oficinas nas grandes regiões reunindo educadoras e educadores do setor de educação e cultura. Aponta que em uma dessas oficinas foi lançado o desafio para que as crianças compusessem as músicas, a partir de seus pontos de vista, homenageando trinta anos do MST. Assim, o desenvolvimento desse projeto foi parte de um processo longo e abrangente, que envolveu equipes de trabalho e a participação de vários estados, obtendo, como resultado, o próprio CD que possibilita a todos dentro da organização socializar a diversidade cultural sob a perspectiva das crianças Sem Terrinha, sendo um dos instrumentos de diálogo com a sociedade por trazer a história de luta pela reforma agrária e de vida por meio das canções.

Desde 2007, no último Congresso, muitas ações foram empreendidas no sentido de priorizar o lugar da infância na nossa organização, no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Isso se reflete muito na produção do jornal Sem Terrinha, das revistas Sem Terrinha, da página, atrelada ao site do movimento na internet. E tudo isso fruto de um trabalho que vem sendo desenvolvido, principalmente, nas nossas áreas de assentamento e acampamentos em todos os estados que o MST está organizado. Particularmente no caso da música a gente já tinha uma experiência de ter produzido os CD's Plantando Cirandas 1 e 2 e também os Cantares da educação, que eram iniciativas de reconhecer as crianças Sem Terrinha como sujeito da nossa luta, dessa jornada, mas ainda ficava um desafio maior. Essa produção feita não somente pensando nas crianças ou uma produção para as crianças, mas de um processo de manifestação, expressão artística, junto com as crianças (SILVEIRA, 2014).

As ações empreendidas para produções de coletâneas do MST são iniciativas que tem o objetivo de reconhecer as crianças Sem Terrinha como sujeito da luta, também como um processo de manifestação artística junto às crianças.

Assim, as crianças participam dos espaços criados para mobilizações infantis realizando atividades e estudos em oficinas com temas ambientais, sociais e culturais; apresentações culturais e troca de experiências. Essas atividades, a priori, foram organizadas nos acampamentos e assentamentos e em algumas escolas. Discutiram-se os temas das mobilizações e organizaram-se a programação e materiais para a realização nas instâncias que reúnem os Sem Terra e os Sem Terrinha de várias regiões e estados. Ainda as crianças participaram de concursos de redação e desenho considerados como atividades de mobilização dos Sem Terrinha.

1.4.1 Orientações para as Mobilizações

Segundo o MST as mobilizações não surgem do nada, mas sim de necessidades sentidas e refletidas por todos da comunidade. Assim, no processo de formação de mobilizações para as crianças o Movimento pensou e sistematizou 12 orientações metodológicas, as quais são de caráter geral para a realização das mobilizações infantis, dentre as quais destacamos:

1. levantar as demandas reais às necessidades das crianças, da comunidade;
2. discutir com as crianças e adolescentes os objetivos concretos a serem desenvolvidos;
3. planejar a atividade em conjunto com a coordenação do assentamento/acampamento, direção da escola, alunos, direção regional ou estadual do MST, dividindo as responsabilidades;
4. dividir as tarefas, escolher as equipes necessárias, para garantir a atividade;
5. definir a coordenação geral das crianças com o acompanhamento de um adulto por equipe;
6. priorizar a mística, animação, as brincadeiras, os cantos, as palavras de ordem, com preparação anterior e definição das responsabilidades; (MST, 1999a, p.43).

O documento supracitado é usado neste trabalho como referência central para discutir sobre as mobilizações infantis. No item dois é descrito: *discutir com as crianças e adolescentes os objetivos concretos a serem desenvolvidos*, embora as referências aos Sem Terrinha remetam-se mais às crianças, constatamos, por meio da observação realizada, que os objetivos concretos das mobilizações foram discutidos com as crianças e adolescentes. Assim, verificamos que os adolescentes são incluídos e tratados como Sem Terrinha nesse item.

1.5 Espaços de encontros para os Sem Terrinha

No Movimento ao longo de sua trajetória foram sendo criados espaços para as crianças, estes espaços são repletos de brincadeiras que cercam o universo infantil, e de momentos de aprendizagem. Em alguns encontros os Sem Terrinha aprendem sobre direitos básicos da criança, à moradia, à proteção, à educação, à saúde, colocados em forma de lei no Estatuto da Criança e Adolescente, por exemplo. Porém, conquistar a terra e condições de permanência no campo por meio do trabalho, são objetivos centrais de luta do Movimento para possibilitar mudanças de condições de vida das famílias.

A questão dos direitos é constantemente ensinada para as crianças, porque o MST é um Movimento que luta pelos direitos humanos, incluindo todas as idades. É orientação do Movimento que todas as crianças Sem Terra tenham conhecimento de seus direitos, de modo que construam uma consciência de cidadania. Os espaços dos Encontros Sem Terrinha, assim, se tornam legítimos para desenvolver essa consciência pelos direitos, como acontece no encontro realizado em 2001, em que o ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) foi o principal documento estudado pelas crianças. (ARENHART, 2007, p.119).

Nesse sentido, Arenhart (2007) relata sobre os espaços criados para os Sem Terrinha, como Encontros onde várias ações são realizadas junto às crianças. De tal modo, as crianças do MST vivenciam a realidade de acampamentos e assentamentos em vários estados do país e passam a experimentar momentos de troca com seus pares, por meio da organização coletiva em reuniões da comunidade nos núcleos e assembleias, nas passeatas, marchas, ocupações de terras, nos encontros e congressos e em outras ações que envolvem a conquista da terra e de direitos. Com o passar do tempo, devido as ações do Movimento, bem como as ações voltadas às próprias crianças, formou-se uma identidade da criança Sem Terra ou Sem Terrinha, pois mesmo após a conquista da terra estes sujeitos continuam denominando-se Sem Terra. Todavia, a presença das crianças sempre esteve presente no Movimento que, sendo constituído pelas famílias, envolve muitas crianças com a alegria e energia que lhes são peculiares. Notamos, por meio de ações e mobilizações das crianças junto aos jovens e adultos, um processo de continuidade da identidade Sem Terra, dos futuros lutadores do povo, na imagem imbuída dos Sem Terrinha.

Se um movimento é feito pelas famílias, então também é um movimento realizado por muitas crianças. Nos documentos que trazem a história do MST, a presença das crianças nos conflitos, nos acampamentos e nas mobilizações, é a representação de alegria, de força e de esperança. Isso está colocado tanto em relação ao efeito contagiante que elas produzem nos adultos, dada a sua capacidade de cantar, brincar, pular, sorrir, mesmo em

meio às situações mais difíceis, como também, no que elas representam enquanto projeção dos futuros lutadores do povo (ARENHART, 2007, p. 53).

Contudo, a educação no Movimento permite formar uma coletividade comum para os seus sujeitos, conforme Arenhart (2007), passando a ser “com-terra”, os assentados, continuam assumindo a identidade Sem Terra, porque sabem que estão ajudando a construir um projeto em comum, assim, almejam, além da conquista da terra como objetivo mais amplo, a superação do modo de organização capitalista. “Para tanto, determinadas ações do Movimento precisam ter força pedagógica capaz de criar sujeitos coletivos que, assumindo a identidade Sem Terra, tenham clareza da dimensão do projeto que estão ajudando a construir.” (ARENHART, 2007, p. 60). A autora cita a fala da coordenadora Sandra do setor de educação do MST de Santa Catarina a respeito da formação da identidade Sem Terra.

Ser Sem Terra é uma identidade, é muito mais do que uma condição de apenas não ter terra, o objeto terra. É uma identidade de luta, de coletividade, de sonho, de esperança, de projeto em comum. Por mais que eu não trabalhe na terra, eu me sinto Sem Terra. Então as pessoas que já estão assentadas continuam se sentindo Sem Terra, precisam lutar no dia a dia para continuar sobrevivendo. Então ficam vinculadas também no sentido econômico, lutar por estrada, por crédito, por escola e também por uma identidade, já construída desde a época do acampamento. (ARENHART, 2007, p.61).

E o fato destes sujeitos estarem inseridos nessa realidade que os fazem participar da luta e refletir sobre a situação em que vivem, formando, assim, uma identidade coletiva.

Analisamos também que o sem-terra no acampamento está motivado e inserido na luta pela terra, mas quando passa a possuir a terra no assentamento, uma parte abandona a luta afrouxando os laços entre o Movimento e o assentamento. Isso torna-se um desafio grande para o Movimento, por isso a mobilização de crianças e adolescentes contribuem para fortalecer os vínculos com a organização e dar continuidade ao projeto do Movimento.

Segundo Caldart (2001) os Sem Terra estão preocupados com questões referentes ao futuro do país, inseridos em um projeto coletivo e fazendo história estabelecendo novas relações entre os sujeitos, nas escolhas, vivências, dificuldades, tomadas de posições, etc., formando uma identidade própria. A construção de elementos pedagógicos é inerente à vivência em movimento no MST, é a experiência de ocupar, de produzir a vida nos assentamentos, a conquista da escola, a mística, o trabalho cooperado, etc., estes elementos são sempre pensados para desencadear um processo educativo na formação da Identidade Sem Terra.

Do entrelaçamento das vivências coletivas, que envolvem e se produzem desde cada família, cada grupo, cada pessoa, com o caráter histórico da luta social que representam, se forma então a *coletividade Sem Terra*” (CALDART, 2001, p.212, grifo da autora).

Assim, a identidade do sujeito “Sem Terra”, ou da criança “Sem Terrinha” foi sendo construída com o passar dos anos, nas vivências coletivas onde construíram elementos pedagógicos pensados para desencadear um processo educativo, formando um modo de vida próprio. Essa identidade advém no caminho percorrido pelo Movimento como define a autora:

Ser Sem Terra é também mais do que lutar pela terra: Sem Terra é uma identidade historicamente construída, primeiro como afirmação de uma condição social: sem-terra, e aos poucos não mais como uma circunstância de vida a ser superada, mas como uma identidade de cultivo: Sem Terra do MST! Isto fica ainda mais explícito na construção histórica da categoria *crianças Sem Terra, ou Sem Terrinha*, que não distinguindo filhos e filhas de famílias acampadas ou assentadas, projeta não uma condição, mas um sujeito social, um nome próprio a ser herdado e honrado. Esta identidade fica mais forte à medida que se materializa em um modo de vida, ou seja, que se constitui como cultura, e que projeta transformações no jeito de ser da sociedade atual e nos valores ou anti-valores que a sustentam (CALDART, 2001, 211; Grifos nosso.)

Para a autora, o Movimento forma este novo sujeito social e, para apreender o sentido mais profundo de ser Sem Terra, é necessário entender o movimento pedagógico de formação humana de sujeitos sociais que nos remete a questões de origem da própria reflexão pedagógica relativas à educação relacionada ao desenvolvimento humano em determinadas condições, regidos por valores, intenções próprios e objetivos sociais práticos e específicos. (CALDART, 2001). Trata-se da formação humana a partir de um contexto distinto onde se constroem identidades e valores específicos em seu histórico de lutas, enfrentamentos e conquistas.

Nesta perspectiva, podemos dizer que a herança que o MST deixará para seus descendentes será bem maior do que a quantidade de terra que conseguir libertar da tirania do latifúndio; será um jeito de ser humano e de tomar posição diante das questões de seu tempo; serão os valores que fortalecem e dão identidade aos lutadores do povo de todos os tempos, de todos os lugares. Talvez seja especialmente enquanto produto de uma obra educativa que os Sem Terra possam ser vistos pela história como mais um elo que se formou em uma longa tradição de lutadores sociais que fazem a história da humanidade. Enraizamento no passado, combinado com projeto de futuro (CALDART, 2001, p.211).

Nesse movimento pedagógico de formação humana a herança do Movimento para as crianças não é apenas no futuro, mas já a própria formação da identidade Sem Terrinha

construída mediante elementos pedagógicos refletidos e vivenciados. Os valores de humanização e posição política tornam-se a grande herança do Movimento para os seus descendentes. Os Sem Terrinha representam a formação política desencadeada por ações do Movimento que permitem a participação das crianças na luta.

Dessa maneira, as ações desenvolvidas pelo MST são refletidas pelo coletivo e organizadas para a atuação dos integrantes na luta. Os Sem Terrinha são lutadores e passam a fazer história através de ações vivenciadas. Conforme Dal Ri (2004) as ações desenvolvidas no Movimento, na medida em que incidem em seus integrantes, no geral, mudam a consciência que possuem de mundo, e o próprio Movimento passa a atuar como educador coletivo mediante as ações que promove. Estes sujeitos sociais em um processo de desenvolvimento de ações coletivas estão em um movimento educativo de prática e reflexão. Mediante princípios construídos no Movimento visam à emancipação dos sujeitos do campo. Também, como objetivo maior, almejam uma sociedade mais justa e igualitária.

O MST é uma organização coletiva de massas que luta por alcançar determinados objetivos sociais. Em função destes objetivos ele promove inúmeras ações. Estas podem ter por alvo preferencial a vida interna da própria organização ou alguma das esferas da vida social, e podem ser de tipo predominantemente prático ou reflexivo.

Muitas dessas ações, na medida em que incidem sobre os integrantes do Movimento, alteram a percepção, os conhecimentos e, em geral, a consciência que eles têm de mundo. Deste modo, e segundo uma ideia desenvolvida por Gramsci (1976), o MST atua também como um educador coletivo (DAL RI, 2004, p. 174).

Nesse sentido, todo o processo vivido no MST desde o acampamento ao assentamento, as manifestações, encontros, marchas, trabalho na cooperativa, conquista da escola, são exemplos do que é ser do MST, ou ser Sem Terra, neste processo tornou-se concomitante a reflexão nas ações, visto que o Movimento foi sendo construído em sua caminhada, criando os documentos que expressam seus princípios norteadores. O Movimento construiu, com suas lutas e conquistas, a valorização de sua trajetória enfocando a história da luta, ou seja, a memória do processo de construção do Movimento.

Ao mesmo tempo, o MST busca em sua história lembrar os mártires que lutaram pelos direitos como liberdade e justiça social, usando-os, como inspiração para a luta, a exemplo: Che Guevara, Zumbi dos Palmares, Olga Benário. Relembra continuamente dos lutadores do Movimento e cria uma simbologia que identifica os sujeitos, como o uso de bandeiras vermelhas, a foice, os bonés, os hinos e canções, etc., formam a mística, uma cultura própria.

Valoriza esta cultura que entende à escola, como instrumento para vivenciar e aprender sobre a história e memória do MST.

A história do Movimento reflete a prática pedagógica do MST. Observamos em composições de crianças e adolescentes, a exemplo na redação citada no início do capítulo, textos que perpassam a realidade da exclusão social do país e demonstram a percepção de reconstrução de uma nova vida no Movimento, o senso de dignidade e de pertença a um projeto que identifica socialmente os sujeitos. Falaremos no decorrer do trabalho sobre as criações das crianças que demonstram a pedagogia do Movimento através da formação do senso crítico e político.

Nosso país traz um histórico de exclusão social muito acentuada e para os povos do campo ainda uma desvalorização do trabalho, educação e cultura. Compreendemos, assim, que expressivamente o MST proporciona para muitas famílias a construção de uma nova vida, entretanto, a Reforma Agrária e a exclusão social no país ainda são lutas a serem vencidas. Nas várias áreas que o Movimento atua tem sido construída uma dinâmica nova com base em valores humanos, desta forma, recebe apoio de organizações, intelectuais e trabalhadores da sociedade em geral.

Enfim, neste capítulo discorreremos sobre as mobilizações das crianças e adolescentes como sujeitos sociais que passaram a ter uma identidade de vida, denominando-se e sendo denominados de *Sem Terrinha do MST*. Trataremos no próximo capítulo dos meios de comunicação criados para os Sem Terrinha.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA OS SEM TERRINHA

*“Nós somos Sem Terrinha do MST
acordo todo dia pra lutar você vai ver”
(Grito de ordem dos Sem Terrinha)*

Neste capítulo destacamos, no processo identitário do MST, a construção de meios de comunicação no processo de luta e enfrentamento com o latifúndio e as formas de manipulação de massas através da mídia. Desde o início de sua organização o Movimento criou meios de comunicação próprios para a divulgação de ações, desafios e mobilizações dos Sem Terra e Sem Terrinha. Com o passar do tempo esses veículos comunicativos, tais como: os boletins, jornais, revistas, *site*, entre outros tornaram-se, também, instrumentos de mobilização na luta pela Reforma Agrária. Além disso, esses veículos de comunicação são fontes históricas, pois relatam fatos da vida dos trabalhadores rurais em diversos lugares do Brasil.

Ressaltamos a importância dessas fontes, como registro histórico e identitário do Movimento, que favorece a apropriação pelos Sem Terrinha, nos espaços pensados e concretizados para aprendizagem das crianças, com o propósito de participação no Movimento e nas mobilizações, por meio da divulgação da histórica, contexto social e político não só do Movimento, mas também as questões globais, as trocas de experiências entre os Sem terrinha e a valorização de um lugar próprio das crianças, possibilitando, concomitantemente, a inserção política dos Sem Terrinha. O MST, ao criar periódicos voltados para o público infantil, valoriza o universo da criança e adolescente e traz concepções diferentes das transmitidas pela mídia convencional de massa que transmite um estereótipo de criança urbana de classe média, cujos valores são pautados, prioritariamente, nas formas de exploração capitalista.

Philippe Ariès (1981) em seu estudo sobre a infância demonstrou que é recente a atual concepção de infância com fases específicas e necessidades diferentes, porém necessárias, para a constituição e formação do ser humano adulto. Até o final do Século XVII, as crianças não eram reconhecidas em suas particularidades, mas consideradas e tratadas como adultos em miniatura, assim sendo, inexistia a infância com as especificidades que cercam o universo da criança.

Nesse sentido, Kramer (1997) defende que o conceito de infância aparece na sociedade capitalista, urbano-industrial. É na sociedade burguesa que a criança torna-se alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma ação futura. Uma vez consolidada essa ideia de infância na sociedade moderna capitalista, a criança passou a ser considerada como um ser que é preparado para a vida adulta no decorrer de seu crescimento e amadurecimento, pois em sua condição *infantis* ainda não está pronta para entender, falar ou agir sobre a realidade em que vive. Entretanto, ainda que ocorra essa preparação para a vida adulta, existem muitas diferenças entre a concepção de infância para a criança do MST e a da criança da sociedade liberal e urbana.

Notamos a atuação da criança do MST já no primeiro veículo de comunicação do MST - o *Boletim Sem Terra*⁹ onde consta as crianças retratadas com suas famílias, lado a lado no processo de ocupação e enfrentamento para a conquista da terra.

Na década de noventa a educação torna-se o principal assunto relativo à infância no MST, e dá-se início as mobilizações dos Sem Terrinha em torno da luta pela escola. O Movimento demonstra valorizar o espaço da criança na construção da identidade Sem Terra. Assim, promove ações de mobilização, já discutidas no capítulo anterior, favorecendo o reconhecimento pelos Sem Terrinha como sujeitos sociais, cultivando, assim, o sentimento de pertença ao grupo. O MST valoriza os Sem Terrinha divulgando imagens, desenvolvendo meios de comunicação mais apropriados para o público infantil, com intuito de promover interação entre os Sem Terrinha, mobilizar para a luta, divulgar produções artísticas, relatos e fatos que cercam a vida nos assentamentos e acampamentos e também como meio de aprendizagem e recriação de elementos culturais da infância no campo.

[...] nos últimos anos, o MST vem incorporando a figura das crianças na sua *auto imagem*: elas estão na capa das agendas do Movimento, da Revista Sem Terra, nos calendários, nos cartazes, nos painéis artísticos, além de serem uma *presença provocada* em alguns momentos forte da cultivo da mística no MST. Da mesma forma que a figura colorida e alegre dos Sem Terrinha em seus encontros, manifestações, e caminhadas, começa a se firmar como imagem pública do MST, também destacada pela mídia seja de modo elogioso ou pejorativo. E junto com as crianças as crianças, aparecem suas escolas e sua experiência de educação.

Para as crianças, por sua vez, participar do MST tem representado a possibilidade de *viver a infância de um jeito diferente*. Talvez mesmo de ajudar a construir uma nova concepção do tempo de infância que ao mesmo tempo, recupera e recria elementos culturais da *infância do campo*, praticamente marginalizada das discussões que a pedagogia moderna tem feito sobre a criança, de modo geral vista como um personagem urbano e

⁹A primeira edição do Boletim Sem Terra ocorreu em maio de 1981, antes mesmo da formação oficial do MST.

completamente subordinado aos processos escolares de socialização. (CALDART, 2012, p. 311; Grifos da autora).

Nesse sentido, concordamos com a autora, porquanto as crianças no Movimento possuem a possibilidade de viver de um jeito diferente sua infância, vive um processo formação política desencadeado pelo Movimento e constrói a imagem do *Sem Terrinha*. A mídia pode destacar as crianças Sem Terrinha de maneira elogiosa ou pejorativa, deste modo, o Movimento, por meio dos seus instrumentos de comunicação, busca divulgar a atuação da criança Sem Terra, valorizando sua cultura e sua participação na luta por meio de mobilizações dos Sem Terrinha.

2.1 A mídia e a história do Movimento para as crianças

A palavra mídia vem do latim *media* que significa meio. Os meios de comunicação de massa ou mídia avançaram intensamente nos últimos anos e, atualmente estão presentes no cotidiano da maioria das pessoas, possibilitando noticiar com rapidez fatos do mundo inteiro. Se, por um lado, hoje há uma crescente responsabilidade das mídias na formação da opinião das pessoas, por outro lado há a diminuição do senso crítico necessário para avaliar as informações ali veiculadas, pois, aparentemente, a criticidade deixou de ser um elemento importante na formação de opinião e de identidade dos sujeitos nessa concepção de mundo, além disso, os veículos midiáticos podem ser usados como ferramenta de manipulação para alienação do indivíduo.

Nesse sentido, é importante perceber que a ideologia transmitida pelas grandes redes de comunicação é a ideologia dos seus donos. Assim como os meios de comunicação servem, também, para divulgar os valores importantes para os donos do capital como, por exemplo, o *consumismo*, a ideologia dominante cumpre o papel de naturalizar as diferenças entre as classes sociais para manter-se hegemonicamente no poder, conseguindo tornar a miséria e a desigualdade social mais aceitáveis, naturalizando as condições degradantes do ser humano e divulgando o modelo de sociedade existente como o único possível, pois, no Brasil,

cerca de 11 famílias controlam a mídia televisiva, detendo também a maior fatia do mercado radiofônico, impresso e possuem ainda grandes portais digitais. São esses meios que falam à sociedade, pautam conversas, agendam governos, mas também silenciam, invisibilizam e criminalizam, sobretudo os movimentos sociais. Por isso, a importância de meios de comunicação alternativos para garantir a pluralidade de opiniões e de visões de mundo e,

sobretudo lutar pelo direito a comunicação, enquanto suporte da vida democrática. (BARROS, 2013, p.137).

Invariavelmente nos deparamos com valores divulgados pelos meios de comunicação de massa de várias maneiras, na tentativa de criar novas necessidades às nossas vidas, como, por exemplo, a publicidade voltada para o público infantil, onde a propaganda comercial anuncia muitos *novos e indispensáveis* produtos despertando a criança, desde tenra idade, para o consumismo e individualismo. O público infantil, nos últimos tempos, passou a ser visto como consumistas em potencial em detrimento da situação financeira que dizima o orçamento familiar, da alimentação nada saudável, ou, ainda, da criação de uma cultura insustentável; estimulando, apenas, o desejo crescente pelo ter ou pelo ato de comprar, criando um perfil consumista e individualista que contribui, pedagogicamente, para a manutenção da lógica do mercado em uma sociedade do consumo.

Essa lógica de mercado se vale da divulgação publicitária para disseminar a ideia de

[...]que todas as pessoas estão em igualdade de condições para consumir, ignorando as limitações de um grande número delas para exercer essas ações. Por exemplo, não se leva em conta de que modo influi o fato do pertencimento ou não a um determinado grupo social, etnia ou certa faixa etária.

Uma sociedade consumista, como a promovida pelo mercado, também não é uma sociedade em que surjam com facilidade com ideais de maior justiça social e de maior democratização das instituições sociais. O hiperindividualismo reinante nesses modelos competitivos propicia valorações diferentes das pessoas abastadas e comportamentos como “salve-se quem puder”. As pessoas não entendem as responsabilidades que tem em relação ao bem estar dos demais. Essa mesma lógica de mercado leva as grandes empresas multinacionais se beneficiar com a exploração do trabalho infantil, do trabalho escravo de muitas mulheres do Terceiro Mundo, da impunidade para contaminar ou devastar o meio ambiente, etc. (SANTOMÉ, 2003, p.90; Grifos do autor).

Segundo o autor, a lógica do mercado regula as redes de comunicação de massa, dita as regras da maioria dos programas, noticiários, reportagens, filmes, desenhos, novelas, etc. São permeados pela ideologia dominante¹⁰. Estas redes de comunicação atuam pedagogicamente criando comportamentos individualistas e competitivos desde a infância. Vemos, cotidianamente, inseridos em programas ou em propagandas comerciais, a divulgação de

¹⁰ Ideologia no pensamento Marxista (materialismo dialético) é um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. A manutenção da ordem social requer dessa maneira menor uso da violência. A ideologia torna-se um dos instrumentos da reprodução do status e da própria sociedade.

produtos voltados ao público infantil com imagens de crianças felizes, com todos os direitos garantidos, mas nem todas as crianças pertencem a esta realidade, não levam em conta as crianças desabrigadas, exploradas ou excluídas socialmente, ou ainda, se as crianças pertencem a grupos sociais e etnias diferentes. Na sociedade que segue a lógica do mercado, os valores de solidariedade e justiça não são difundidos.

O projeto do MST, alternativamente, busca valores diferentes da lógica do mercado, valores esses que condizem com a história dos lutadores do povo, como a cooperação e a solidariedade. Busca para os Sem Terrinha, possibilidades de desenvolver o senso crítico, de organização e participação no Movimento, ressaltando que as “[...] crianças necessitam de valores que forme o seu caráter de um jeito diferente daquele que a televisão forma, daquele que as famílias capitalistas formam. As crianças precisam aprender a lutar e a ser firmes na luta” (MST, 1993, p.20).

Na sociedade contemporânea nos deparamos excessivamente com os diversos meios de comunicação de massa, o que acarreta para a mídia um papel cada vez mais preponderante, influenciando os processos de produção e reprodução da cultura e valores sociais. Entretanto, o conhecimento das várias facetas e mazelas sociais, acrescido de senso crítico contribuem para a reflexão sobre o conteúdo e o caráter do que é transmitido nas mídias de massa, compreendendo e selecionando a informação, principalmente quando existe algum interesse corporativo em ocultar ou não revelar todos os fatos de determinada situação, como é o caso do MST, que já sofreu várias acusações não condizentes com os fatos, tais como artigos e reportagens veiculados na Revista VEJA, cujos interesses guardam afinidades com a Rede Globo e divulgam várias matérias apontando os sem-terra como invasores ou baderneiros, como forma de atacar os trabalhadores rurais do Movimento e defender os interesses dos latifundiários, além disso, ocultam os fatos e não demonstram interesse em divulgar a realidade do trabalhador do campo e nem como o Movimento, através do seu projeto, promove a busca e conquista da dignidade para muitas famílias.

Notamos que os Sem Terra e os Sem Terrinha por meio de ações e reflexões vividas no Movimento vão construindo um modo crítico de ler o mundo e, no caso, ler as mídias de massa. Não acreditam na história criada por redes de comunicação que distorcem a imagem do Movimento e de seus integrantes, conforme constatado, por meio de entrevista concedida por ocasião de nossa visita na escola. Questionamos como os Sem Terrinha percebiam e lidavam com a imagem do Movimento mostrada em algumas mídias de massa, ao que o educador relatou

que os Sem Terrinha percebem criticamente a mídia distorcendo o projeto e as ações do Movimento e que não veem a mídia mostrando as coisas boas do Movimento, e

[...] se frustram contra isso, porque, assim, quando a gente faz um trabalho assim e abre espaço, eles falam de tudo, porque a mídia não mostra o que tem de bom, só mostra o que tem de ruim, principalmente a Rede Globo, eles comentam bastante, só falam dos Sem Terrinha quando é coisa ruim, quando é coisa boa não mostra. Falam sem terra é bagunceiro, vagabundo, baderneiro a mídia acaba com a imagem nossa. Aí muitos deles colocavam, (alunos) no ano passado para mim. Nós não somos invasores, nós ocupamos terra que não produzem (Educador A).¹¹

O educador A relata o comentário das crianças sobre o que a emissora Rede Globo transmitiu sobre os Sem Terra. A emissora mostrou apenas o que considerou relevante para seu noticiário, não relatando com imparcialidade os fatos, a luta dos Sem Terra, sem apresentar o projeto do Movimento, pelo contrário, divulgam apenas o que desmerece o papel do Movimento social, uma vez que, conforme ressaltado pelas crianças ao educador, os Sem Terra não são invasores, ocupam terras improdutivas e, os noticiários não informam, também, que os seus supostos donos são indenizados pelo INCRA.¹²

Desse modo, o MST busca, em seu processo de luta, construir alternativas para mostrar a realidade e sua história para a sociedade. Criou, em 1987, o Setor de Comunicação que reúne instrumentos para divulgar, valorizar e fortalecer o projeto do Movimento que utiliza os veículos e mídias disponíveis para divulgar as reflexões e ações dos Sem Terra no Movimento e, ainda, meios de comunicação específicos para o público infantil dos vários assentamentos e acampamentos espalhados pelo Brasil, possibilitando aos Sem Terrinha saber mais sobre história do MST, convidando-os para participarem das publicações e trocarem informações entre si.

O Setor de Comunicação já contava, em 2014, com publicações em diferentes suportes, tais como livros, vídeos, jornal, revista e a página dos Sem Terrinha, utilizados para a divulgação das contribuições das crianças, como, cartas, poemas, desenhos, entrevistas, etc., e temas que envolvem trabalho, educação, história, mística do Movimento, bem como de atividades lúdicas. De fato, estes instrumentos de comunicação tornaram-se registros das ações do Movimento e, ao mesmo tempo, um documento histórico do processo de luta. Os meios

¹¹Nesse trabalho todos os entrevistados serão designados por letras. As entrevistas foram realizadas em Querência do Norte, na Escola Camponesa “Chico Mendes”, nos dias 28 e 20 de abril de 2014.

¹² Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

comunicativos do Movimento informam sobre as mobilizações dos Sem Terrinha em Eventos, Encontros, Marchas, e outras manifestações.

2.2 Jornal Sem Terrinha no Jornal Sem Terra

Um exemplo de veículo de comunicação que se mantém periodicamente no Movimento é o *Jornal Sem Terra*. Ele é parte efetiva do projeto de comunicação e formação do MST, existe há mais de trinta anos e discute temas proeminentes para os movimentos sociais refletindo sobre a realidade social, econômica e política do país. O jornal promove dimensões do fortalecimento da identidade Sem Terra, da valorização da luta pela Reforma Agrária e da história do MST, pois

[...] atua também como porta-voz do Movimento. Em 1986, ganhou o Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo. Há 31 anos, é publicado ininterruptamente. Em sua característica e vinculação à luta pela Reforma Agrária, pode-se afirmar que é o periódico de maior longevidade na história dos movimentos camponeses no Brasil.

[...] Atualmente, o jornal continua sendo impresso e distribuído a partir de São Paulo; conta com uma tiragem de 20 mil exemplares, com 16 páginas coloridas. A publicação é produzida pelo Setor de Comunicação do MST, que conta com jornalistas militantes de vários Estados do País. Agrega também colaboradores que apoiam o Movimento, entre eles, professores universitários, jornalistas, escritores e militantes sociais da América Latina. A distribuição é realizada nos acampamentos e assentamentos do MST e de outras organizações, além dos assinantes (BARROS, 2013, p.100-101).

Segundo o autor, o Jornal Sem Terra, conta com jornalistas militantes do MST e colaboradores de diversas áreas, consolidou-se com seriedade no decorrer dos anos de publicação e, a partir de 2007, passou a veicular o encarte do Jornal Sem Terrinha, criando um espaço dedicado a noticiar vivências dos Sem Terrinha de todo o país, tornando-se um veículo importante para as crianças, pois utiliza uma linguagem apropriada para informar, ensinar seu público por meio do entretenimento, levando-o a aprender e conhecer muito mais do mundo e motivar-se na luta enquanto se diverte. Para concretizar a veiculação dos jornais,

[...] os representantes do Setor de Comunicação de cada Estado são encarregados da produção de reportagens, envio de notícias, fatos da conjuntura, entrevista com as crianças em Acampamentos, Assentamentos e momentos específicos da luta social: encontros, jornadas de lutas, entre outros. Ao lado deste fazer jornalístico, há o estímulo às crianças no sentido da produção de conteúdos textuais ou visuais para o jornal; bem como a utilização do *Jornal Sem Terrinha* em atividades com as crianças, na Ciranda

como em outros espaços educativos do cotidiano. (BARROS, 2013, p.164; grifos do autor).

Assim sendo, desde a primeira edição¹³, o Setor de Educação apresentou o Jornal das crianças como uma conquista dos Sem Terrinha e das famílias, um espaço construído com carinho e que conta com a contribuição dos Sem Terrinha para as edições futuras. Assim, solicitou aos leitores, o envio de notícias, poesias, desenhos, brincadeiras, etc. No mesmo encarte, os personagens Rosa e Natalino contam como foi o V Congresso do MST, mais de 1200 crianças participaram por meio da organização da Escola Itinerante Paulo Freire. Conta que as crianças puderam transmitir suas mensagens no programa “Rádio Brasil em Movimento” e no último dia receberam o Ministro da Educação para entrega de uma carta com reivindicações dos Sem Terrinha. No Jornal dos Sem Terrinha também foi criado um espaço do cantinho da diversão com atividades especiais como jogos e curiosidades.

Na edição de julho de 2008¹⁴ o Jornal Sem Terrinha traz o tema especial do Saci-Pererê e no texto “Em busca das nossas raízes”, apresenta o escritor e sociólogo Monteiro Lobato como um sonhador de um mundo com justiça social e alegria, que criou personagens infantis muito inteligentes e a até uma boneca de pano cheia de ideias. Inventou o Sítio do Pica-Pau Amarelo repleto de fantasias e seres mágicos como o Saci-Pererê. No Sítio crianças e adultos vivem em paz, pois respeitam as ideias uns dos outros. Além disso, as histórias do sítio demonstram como Monteiro Lobato preocupava-se com a valorização dos costumes e raízes do país, atentando-se para a formação da identidade brasileira, criticando, por meio de seus personagens, quem insistia em copiar tudo que vinha de fora.

Assim como Monteiro Lobato que em seu contexto e por meio de sua obra lutou pelas raízes e costumes valorizando as ideias das crianças, o MST favorece, em seu projeto Jornal dos Sem Terrinha, a apropriação dos valores o trabalhador do campo, suas raízes e cultura, pelas crianças promovendo, inclusive, espaços para que participem divulgando as ações do Movimento em seu assentamento, pois acreditam que criando esses espaços favorecem a apropriação cultural por meio da socialização com o propósito da formação da identidade Sem Terrinha.

Na edição¹⁵ de setembro de 2010 foi divulgada a chamada prévia para o debate a ser realizado na Jornada dos Sem Terrinha, com a temática sobre as relações de poder, com a finalidade de contribuir para a formação político-organizativa das crianças nas reuniões,

¹³Jornal Sem Terrinha. Ano I. Nº 1 Outubro de 2007.

¹⁴ Jornal Sem Terrinha. Ano I. Nº 4 julho de 2008.

¹⁵ Jornal Sem Terrinha. Ano 3. Nº 26. Setembro de 2010.

decidindo com elas a organização dos encontros regional e estadual, bem como quais ações seriam necessárias para a realização de um encontro dos representantes das escolas dos acampamentos e assentamentos da região, elaborando, de maneira divertida e sistematizada, uma lista de prioridades. Nessa edição foi sugerido que as crianças elencassem os problemas e dificuldades, bem como sugestões para soluções e superação, possibilitando, assim, seu envolvimento nas tarefas e na contribuição direta para a realização do Encontro. Constatamos que o Jornal Sem Terrinha contribuiu para a divulgação das mobilizações preparatórias com sugestões para organização das crianças considerando um tempo razoável de antecedência aos Encontros e, posteriormente, dos resultados, servindo, também, como um instrumento de mobilização.

Da mesma forma a publicação de outubro de 2010¹⁶, chamou-nos à atenção trazendo como temática os meios de comunicação. Inicia-se ressaltando a importância da conquista dos próprios meios de comunicação como o Jornal Sem Terrinha, o Jornal Sem Terra e as rádios nos assentamentos e acampamentos. Estes meios permitem a comunicação entre os Sem Terra e os Sem Terrinha, mas também fala da cultura do Movimento para as demais pessoas. A matéria explica sobre as linguagens e os meios de comunicação existentes em nossa sociedade. Questiona como são feitos e por quem, esclarecendo, conforme já ressaltamos anteriormente, que hoje os grandes meios de comunicação são propriedades de poucas pessoas muito ricas, também questionam se os donos das grandes redes de comunicação permitiriam a todos falarem o que pensam e sentem. Além disso, expõe a importância de aprenderem a respeito dos meios de comunicação e notarem que nem tudo que se veicula é verdade e, ainda, que as grandes redes de comunicação dificilmente mostram coisas importantes como a luta pela Reforma Agrária. Por fim, a matéria questiona se as crianças e adolescentes já pararam para pensar como a mídia retrata o Movimento. Este questionamento propicia um exercício de reflexão muito importante, pois é grande a probabilidade de que as crianças e adolescentes já tenham visto, em algum veículo midiático, comentários negativos sobre as ocupações e mobilizações dos Sem Terra e Sem Terrinha.

Diferentemente dos veículos midiáticos que divulgam a ideologia dos donos do capital, o Jornal Sem Terrinha, construído pelo Movimento divulga para a sociedade os acontecimentos atuais e históricos do MST, retrata a memória e o processo de luta, e ensina sobre o Movimento e o mundo, fala do sonho de uma realidade nova, por isso a luta por um mundo mais solidário e sustentável. O jornal insere os Sem Terrinha no contexto informativo e cultural como recurso

¹⁶ Jornal Sem Terrinha. Ano 3. Nº 27. Outubro de 2010.

de divulgação que ensina e valoriza a identidade Sem Terra, é um instrumento aliado na luta contra os meios de comunicação de massa, elaborados pela classe dominante. Podemos dizer que os Sem Terrinha são o público alvo do seu Jornal, e atuam na elaboração enviando suas produções, dando entrevistas, relatando as experiências dos Encontros e suas vivências nos assentamentos e acampamentos. Observamos, no Jornal Sem Terrinha, um diferencial em relação às publicações de massa, uma vez que não encontramos qualquer tipo de apelo comercial, pelo contrário, oferece recursos para que as crianças desenvolvam a criticidade em relação ao que é veiculado nas demais mídias, ensina, também, práticas de sustentabilidade, vida e alimentação mais saudável com a produção de alimentos orgânicos nos assentamentos e acampamentos, contribuindo, inclusive com o tema estratégico de alimentos sem veneno e cuidado com a natureza adotado pelo programa “Lutar, Construir Reforma Agrária Popular” do VI Congresso Nacional do MST realizado no ano de 2014.

2.3 A Revista Sem Terrinha

O ano de 2009 foi especial para as crianças, pois o Movimento lançou a Revista Sem Terrinha, um canal de comunicação mensal do MST de todo o Brasil, um espaço para aprender sobre a vida dos Sem Terrinha e para divulgar atividades, produções e assuntos do interesse. A revista é elaborada coletivamente pelos Setores de Educação, Comunicação e Cultura. Os desenhos são feitos pelas crianças Sem Terrinha de todo o Brasil e, na composição da Revista, buscam revelar as histórias e a participação das crianças no Movimento.

De acordo com Barros (2013) a publicação da Revista Sem Terrinha confirma a hipótese de formação identitária das crianças no MST, pois desde 2009 esse projeto editorial depara-se

[...] com grandes dificuldades de ordem material quanto à impressão, tiragem, circulação e definição de periodicidade. Ainda assim, se luta para driblar as dificuldades objetivas, conferindo prioridade a tiragem de uma bonita revista em cores dirigida aos Sem Terrinha. (BARROS, 2013, p. 148).

Na primeira Edição Especial – MST 25 anos - o Editorial apresenta as conquistas alcançadas no decorrer dos 25 anos dos Sem Terrinha tais como a participação da vida no assentamento e no acampamento, nas marchas e mobilizações, a ciranda infantil, a luta por escola, o Encontro Sem Terrinha, o Jornal, a coleção de literatura infanto juvenil *Terra de Livros* e por fim a Revista Sem Terrinha, resultantes de grande esforço do Movimento. O editorial apresenta, também, a revista com seus desenhos coloridos e histórias que falam do Movimento sobre os símbolos e os setores.

Escolhemos a primeira edição da Revista por apresentar o resgate histórico do Movimento especialmente direcionado ao público infanto juvenil, de maneira auto explicativo.

Na primeira parte a Revista apresenta o texto “Vou te contar uma história” e, de maneira cativante, relata sobre a história que se inicia no Rio Grande do Sul, num acampamento onde havia milhares de sem terras. Era um tempo muito difícil onde os militares mandavam e ninguém podia reclamar do governo. Mesmo assim as famílias tiveram coragem e fizeram de acampamento nas fazendas abandonadas, chamadas Macali e Brilhante. Houve apoio de outros sem-terra que ouviram falar dessa história e aderiram ao movimento montando acampamento naquela fazenda, assim, os sem-terra conquistaram a terra e conseguiram o primeiro assentamento.

O relato continua contando a história de lutas e conquistas de outros acampamentos, destacando um em especial que ficou famoso chamado Encruzilhada Natalino localizado nas proximidades do primeiro acampamento Macali e Brilhante. Conta ainda como os militares começaram a impedir os sem-terra de entrar ou sair do acampamento, e só deixavam sair quem não fosse mais voltar. O povo não desistiu e continuou acampado. Reuniram-se e decidiram que o acampamento precisava de uma escola, então foi criada a primeira escola itinerante.

Ainda na mesma história, relatam o episódio ocorrido com os Sem Terrinha da Encruzilhada Natalino, quando apareceram alguns soldados enquanto os Sem Terrinha brincavam. Os soldados ofereceram muitas balas para os Sem Terrinha e estes, por sua vez, demonstrando esperteza responderam gritando que não queriam balas, mas sim terra para os seus pais. E os soldados foram derrotados pelos Sem Terrinha.

Sabe-se que o acampamento Encruzilhada Natalino conquistou a terra e outros acampamentos também e, depois de algum tempo os acampados e assentados resolveram marcar um encontro em Cascavel no Paraná. Por meio de discussões e relatos, perceberam que tinham muitas coisas em comum, decidiram se unir e escolheram o nome de Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com o apelido MST. A matéria continua discorrendo sobre a criação da bandeira, das músicas e explica sobre os latifundiários e porque o MST luta e organiza-se para as mobilizações. Dá o exemplo da marcha gigantesca que ocorreu em 1997 com cem mil pessoas marchando em Brasília, uma marcha que concentrou não apenas os sem-terra, mas outras pessoas apoiadoras da Reforma Agrária. De maneira simples e resumida, a Revista consegue explicar a história tanto do Movimento para os Sem Terrinha como dos elementos formadores do MST.

Na edição número 5, a Revista traz a história das crianças que fizeram uma investigação muito interessante sobre o Congresso. Os Sem Terrinha, em forma de brincadeira, organizaram-se em reuniões para participar do Congresso, depois resolveram contar para os adultos o que tinham discutido e feito para o evento. Em uma reunião da coordenação pediram para se pronunciarem, colocaram uma música e distribuíram um símbolo para cada um da coordenação, cada símbolo era parte de um quebra cabeça e todos tinham que colocar sua peça para formar a figura da bandeira do MST. Os adultos ficaram encantados com a iniciativa. A bandeira constitui-se um símbolo do MST adotado em 1987 como uma representação mística importantíssima. Junto com o hino e outras simbologias a bandeira é parte do processo de construção de Identidade do Movimento.

Ainda na página 14 da mesma revista o texto “O significado dos símbolos” faz menção aos componentes da bandeira: o vermelho é o vigor, a força, a energia e o sangue derramado pelos que morreram na luta. O verde do mapa é a defesa da vida e da natureza. O casal é a família unida na luta pela terra. As letras pretas representam a noite como abrigo para entrar nas fazendas, sem chamar a atenção dos inimigos, o branco convida para a convivência e o facão como instrumento de trabalho e luta.

A bandeira está presente nas ocupações e mobilizações do MST, representa um símbolo de força para os Sem Terra, por isso, ficaram emocionados com a criatividade e escolha dos Sem Terrinha, além do mais, as crianças fizeram cartazes para dizer que tinham ouvido falar do Congresso e queriam participar, ainda tinham feito reuniões às escondidas, mas mudaram os planos, pois achavam que não precisariam mais ir ao Congresso, afinal quem fosse, levaria o que discutiram de coisas boas e ruins, as mudanças almejadas e o que desejariam preservar no Movimento. Os Sem Terrinha perguntaram para as pessoas mais velhas sobre os Congressos anteriores e descobriram que o mais importante eram as reuniões, assim o Congresso só ia dar certo se o debate fosse feito nos assentamentos e acampamentos, dada a importância do representante com as decisões do coletivo. Apesar do objetivo do grupo das crianças ter mudado, a coordenação do assentamento discutiu a importância de levar o grupo e, assim, se somaram a outros grupos para participarem do VI Congresso Nacional do MST.

Pela análise das revistas constatamos que as histórias retratam as vivências dos Sem Terrinha nos assentamentos e acampamentos, ensinamentos sobre a organização dos Setores e das Instâncias de luta, a mística, sobre as escolas e a vida dos Sem Terrinha e suas famílias de uma maneira contextualizada e divertida para o público infantil. As revistas são ricas em

conhecimento, imagens das crianças e desenhos, e transmite perfeitamente o que o Movimento construiu e o que ele representa.

Encontramos, na Revista de Edição Especial de 25 anos, matérias retratando o significado da luta pela Reforma Agrária para o Movimento que são ensinamentos para os Sem Terrinha, já que muitos nascem em assentamentos e vão conhecer sobre a luta no acampamento por meio dos relatos dos mais velhos. A luta não se encerra com a conquista da terra, porque a Reforma Agrária vai além da posse da terra, assim sendo, os Sem Terrinha, vivendo nos assentamentos, lutam por outros objetivos, como podemos constatar pelas questões e discussões dirigidas aos Sem Terrinha sobre a Reforma Agrária e a luta.

Você sabia que, além de lutar pela terra, o MST luta também pela Reforma Agrária- que é viver bem na terra, com acesso à água, esgoto, e com boas condições e plantar e colher- e por transformação social?¹⁷

A luta é a identidade do Movimento Sem Terra. O povo da terra nunca conseguiu nada de graça. Precisou buscar cada conquista na marra. Corta a cerca para partilhar a terra que um dia foi acumulada. Enfrenta a mão armada do latifúndio e resiste nos acampamentos à injustiça da lei do homem. Brota da terra e marcha para conquistar seus direitos. Ocupa ruas, praças e prédios públicos para colocar em pauta na sociedade a Reforma Agrária¹⁸

Podemos dizer que esse conhecimento transmitido no contexto dos acampamentos e assentamentos favorece a construção de um universo peculiar para as crianças Sem Terrinha, pois quando se mobilizam estão lutando pela Reforma Agrária e por seus direitos como uma estratégia de luta do MST, com ênfase na luta pela escola, por melhorias na educação do campo, por uma educação voltada para realidade, pensada para desenvolver a criticidade e autonomia com base em princípios do Movimento.

Dessa forma, muitas crianças constroem a identidade Sem Terrinha participando diretamente da luta, ocupando e marchando para conquistar seus direitos. Os meios de comunicação criados para o público infantil do MST também propiciam a participação das crianças por meio das suas produções textuais, artísticas, organizacionais, entre outras, como meio de consolidar a identidade do Movimento.

2.4 Sem Terrinha no *site* do MST

¹⁷ Revista Sem Terrinha. Edição Especial. MST 25 anos. Janeiro de 2009. Página 12

¹⁸ Revista Sem Terrinha. Edição Especial. MST 25 anos. Janeiro de 2009. Páginas 12 e 13

No site do MST foi criada a seção dos Sem Terrinha que aparece como mais uma conquista do esforço coletivo do MST. Essa seção foi elaborada pelos setores de educação, cultura, comunicação e juventude. A página dos Sem terrinha é um espaço onde as crianças podem encontrar os debates do Movimento em linguagem acessível e conhecer sobre a realidade dos demais assentamentos, bem como obter informações globais. Segundo Barros (2013), esse veículo midiático tornou-se mais um instrumento do MST no processo comunicação popular desvinculado do pensamento hegemônico da Indústria Cultural, uma vez que é uma comunicação produzida no interior do Movimento Social que prioriza seus próprios interesses.

Dessa forma, verificamos vários dados no sítio do MST sobre a sua trajetória desde as primeiras ocupações que veiculam informações sempre atualizadas das ações e assuntos referentes às lutas do Movimento e, em especial, matérias, reportagens, fotos e vídeos sobre as mobilizações dos Sem Terrinha em vários momentos, pois

[...] o uso dos meios eletrônicos, no caso a Internet, motiva um largo esforço do Movimento. No sítio do MST se encontra à disposição do navegador [...] uma boa parte da trajetória do MST, desde as primeiras ocupações, linhas políticas que orientam a ação dos Sem Terra até os comunicados mais recentes, resultados das últimas jornadas nacionais de mobilização e luta (BARROS, 2013, p.94).

A página dos Sem Terrinha, por sua vez, é apresentada com cores alegres, desenhos infantis, cartas, histórias, jogos e músicas, possibilitando, também, o acesso aos jornais e revistas. Na página traz, ainda, sugestões de leituras para os Sem Terrinha e Educadores e de outros sítios como: Portal Cultura e Infância, Palavras Cantada, Grupo Encantar, Menino Maluquinho, entre outros.

As mobilizações dos Sem Terrinha também ficam registradas na página por meio da publicação ou postagem de fotos, textos, vídeos e das produções dos Sem Terrinha em Concursos, há registro de Encontros e luta dos Sem Terrinha, uma vez que a

[...] página é um espaço onde as crianças podem encontrar o debate político da luta pelo campo em uma linguagem que esteja de acordo com sua compreensão. Assim como o adulto, a criança é integrante de todo o processo do movimento, e não pensamos nela apenas como continuidade do MST, mas sim nas suas necessidades concretas de entender a realidade em que vivem hoje (VARGAS, 2012).

Para o Movimento, a criança é integrante de todo o processo, representa o MST no tempo presente, por isso, suas necessidades concretas são percebidas e discutidas em seus

espaços próprios pelo Movimento, que possibilita o desenvolvimento de ações tais como: reuniões, encontros, marchas, jornadas, concursos, manifestações, etc., e os meios de comunicação próprios para o Sem Terrinha entender a realidade em que vive e formar sua identidade. Vargas (2012) ressalta, ainda, que a elaboração da página no site é mais uma ação que integra a criança ao Movimento e, embora essa conquista represente um ganho importante para o Movimento, ainda lutam para que todos os assentamentos tenham acesso à Internet, causa que passou a fazer parte da luta pela conquista de escolas com estrutura adequada com Internet e demais recursos.

Devemos trabalhar num plano concreto para que se democratize, à toda a população do continente, o acesso a internet e a meios de comunicação (como televisão, rádio etc.) sob seu controle. Para que a população tenha acesso à informação verdadeira e para que as forças sociais e populares controlem os meios de comunicação de massa, evitando que sejam apenas instrumentos de lucro e de manipulação ideológica pelas classes dominantes. (MST, 2007c, p.104).

Notamos que a exclusão social apresenta diferentes configurações no mundo e, na modernidade, uma nova exclusão precisa ser vencida: a exclusão digital. No Movimento, ressalta-se a importância de que as forças sociais e populares obtenham o controle dos meios de comunicação de massa para a garantia de acesso a informações verdadeiras. Desta forma, busca possibilitar às crianças o acesso e participação nos meios de comunicação construídos pelo próprio Movimento, que são diferentes dos usados como instrumento de lucro e de manipulação ideológica. Assim, a página na Internet dos Sem Terrinha foi pensada e construída para a inclusão dos Sem Terrinha nesse meio comunicativo, para as trocas entre as crianças e serve para mostrar à sociedade as conquistas e lutas dos Sem Terra e Sem Terrinha, ou seja, o Movimento de fato.

2.5 As contribuições dos Sem Terrinha nas mídias

Em uma análise geral dos jornais, revistas e a página dos Sem Terrinha notamos os tipos de contribuições frequentes das crianças e adolescentes por meio de suas produções. Participam, em geral, enviando poemas, relatos, desenhos, cartas, fotos.

Considerando os temas abordados podemos verificar um destaque especial sobre a história de luta do Movimento, bem como da mística representada pelos símbolos construídos, da cultura e das mobilizações inserindo os Sem Terrinha na luta pela escola e demais direitos que são sempre retratados.

Os meios de comunicação voltados para o público infantil contribuem para a construção da identidade dos Sem Terra e Sem Terrinha, ainda divulgam com maior abrangência o Movimento e a identidade dos Sem Terrinha para sociedade. O público alvo principal são as crianças e adolescentes ligadas ao Movimento, mas alcança um público maior de pessoas com interesse em conhecer ou apoiar o Movimento.

Nessa perspectiva, entendemos que esses canais informativos criados para e pelos Sem Terrinha atuam como fontes importantes do Movimento para divulgar as informações, criações, história, cultura, mística, enfim, todos os elementos que formam o MST. Assim, estes meios servem para revelar a vivência e luta dos Sem Terrinha que, obviamente perpassam o universo dos Sem Terra, e são instrumentos importantes na luta pela Reforma Agrária e para a construção do projeto de uma sociedade mais igualitária e humana do MST.

Nós, Sem Terrinha, devemos sempre contribuir para mudar a realidade em que vivemos. Podemos participar das lutas com os nossos pais e companheiros, e em nossa escola, fazer algumas ações ajudando nosso acampamento ou assentamento a se mobilizar.¹⁹

¹⁹ Jornal Sem Terrinha, abril de 2010.

CAPÍTULO 3

A LUTA POR REFORMA AGRÁRIA INSERE OS SEM TERRINHA NA LUTA POR EDUCAÇÃO

É uma característica e, também, um dos desafios do MST desde a sua formação, a luta pela educação de todos os Sem Terra e Sem Terrinha. Por um lado, há a luta pela implantação de escolas nos assentamentos e acampamentos garantindo o acesso ao ensino formal mais próximo da residência e, por outro lado, uma escola que agregue princípios defendidos pelo Movimento, os quais por meio de ações visa ao fortalecimento de valores, tais como: solidariedade, coletividade, sustentabilidade, preservação da natureza, relações mais democráticas, por isso, defende valores diferentes da sociedade capitalista regida principalmente por valores do mercado pautados, prioritariamente, na lucratividade e competição.

Numa escola do MST, além de garantir nos que a experiência de luta dos educandos e de suas famílias seja incluída como conteúdo de estudo precisamos nos desafiar e pensar em práticas que ajudem a educar ou a fortalecer em nossas crianças, adolescentes e jovens, a postura humana e os valores aprendidos na luta: o inconformismo, a sensibilidade, a indignação diante das injustiças, a contestação social, a criatividade diante das situações difíceis, a esperança... (MST, 1999b, p.7).

Para o MST a escola de assentamento e acampamento, preferencialmente, deve assumir elementos do Movimento para contribuir na formação dos Sem Terra e Sem Terrinha e, para isso, busca influenciar na dinâmica da escola estatal, principalmente, com a presença de educadores oriundos do Movimento e de membros do MST na APM ou em outras instâncias coletivas ou administrativas, que se interessem pela construção de uma proposta de ensino diferenciada. O MST busca estabelecer parcerias para a formação de educadores para que os membros do Movimento possam atuar nas escolas de acampamento e assentamento.

Para o processo de formação dos Sem Terrinha, são utilizados como elementos pedagógicos, situações e materiais inerentes às vivências no Movimento, tais como: a organização do trabalho, as mobilizações para a luta, a formação política dos sujeitos, assembleia, mística, etc., os quais podem ser desenvolvidos como projetos que aconteçam no

ambiente escolar, visto que o modelo estatal de escola não atende a formação do sujeito do campo em processo de luta do Movimento social.

Dentre as críticas em relação ao ensino oficial, existe a crítica da escola contribuir para a sustentação ou preservação das relações de dominação e subordinação dentro do sistema econômico, político, social e cultural, estratificando o ensino por classes sociais, numa perspectiva individualista de exclusão. Para Santomé (2003) as concepções educacionais são reducionistas e voltadas para o mercado, nesta concepção predomina valores de uma sociedade regida pela lei do mercado, afetando

[...] todos os conteúdos dos currículos escolares, que agirão como cavalos de Tróia para dissimular concepções politicamente conservadoras e neoliberais. O individualismo, o egoísmo, a competitividade e a rivalidade, o espírito de classe, o machismo a homofobia e o preconceito de idade podem estar entre estes valores perversos fomentados nas salas de aula e serão facilmente detectados em qualquer análise de currículo oculto. Na verdade, esses são valores e traços comportamentais de qualquer sociedade onde tudo fica nas mãos do mercado, submetido à lei da selva de uma economia em que só um pequeno número de grupos sociais tece e sustenta as redes que explicam e condicionam o mercado. (SANTOMÉ, 2003, p.195).

Essa forma de escolarização voltada para o mercado produz um exército industrial de reserva que, de acordo com o conceito de Marx é necessário para o processo de acumulação do capital, por meio da mais valia, gerada pelo excedente da força de trabalho, já que para o capitalismo o desemprego estrutural, criticado pelo autor é condição necessária para a economia. Citamos Marx, pois vivemos em uma economia capitalista periférica onde o desemprego e a exclusão social estão muito presentes, é atualíssimo o conceito de Marx visto que há um exército de reserva de trabalhadores que permite a exploração do trabalho na cidade ou no campo. Marx denunciou as mazelas e explorações do capitalismo e os movimentos sociais ligados aos trabalhadores são exemplos de luta contra o que está imposto e historicamente lutam por condições melhores de trabalho seja na cidade ou no campo.

O MST é um exemplo de luta, uniu forças dos trabalhadores do campo em busca de justiça social, visando à uma sociedade mais igualitária, que garanta a dignidade aos trabalhadores do campo, ou seja, busca a transformação econômica, pois quando as famílias são assentadas, lutam por recursos de produção que garantem o sustento, resultantes do trabalho com a terra e, quando isso acontece, muitas famílias preferem o trabalho autônomo ao modelo de trabalho assalariado, ainda que a vida no e do campo apresente-se de forma modesta.

A escola, para o MST, é um espaço apropriado para contribuir com o processo de construção de vida e trabalho no campo, fortalecendo a identidade dos Sem Terrinha e, para isso, é importante trabalhar os princípios defendidos pelo Movimento, buscando nova proposta de trabalho na escola, voltada para formação integral do indivíduo e, mesmo dentro dos limites do sistema capitalista, propor uma nova dinâmica de educação.

Para Arenhart (2007), a luta pela escola é a luta para garantir o acesso à instituição e, o mais complexo, fazer da escola um foco irradiador da cultura, identidade e dos anseios dos trabalhadores do MST.

Os desafios na escola do Movimento são para torná-la um espaço capaz de revelar as contradições sociais e incidir na formação da consciência de classe dos educandos. Constatamos que, além da luta pela *escola no campo*, referente a localidade no acampamento e assentamento, há a luta pela *escola do campo*, uma proposta pedagógica que consiga atender às demandas reais dos indivíduos do campo. Uma escola produtora de conhecimento que ajude na resolução de problemas, contribuindo com a luta a partir da realidade dos Sem Terra e dos Sem Terrinha. Um ambiente para revelar o mundo ao qual pertencem, com suas contradições, igualmente para aprenderem a lutar por mudanças. Deste modo, o Movimento pretende que a escola seja um espaço também para as crianças construírem a identidade Sem Terrinha.

3.1 As conquistas do Movimento na educação

Constatamos que nos acampamentos as famílias tinham forte preocupação com a educação das crianças, por isso, se auto organizaram e construíram as primeiras escolas, inicialmente cobertas por lonas, pois representaram a afirmação do direito constitucional dos sujeitos à educação. O MST busca o acesso à educação do e no campo como uma condição necessária para uma Reforma Agrária e democratização da sociedade.

7.1 A educação é um direito fundamental de todas as pessoas. A universalização do acesso à educação escolar, em todos os níveis e modalidades, com qualidade deve ser garantida através de escolas públicas e gratuitas. É dever do Estado assegurar esse direito a todas as pessoas que vivem no campo, nos assentamentos e nos acampamentos (MST, 2006).

Para a elaboração do projeto do MST as escolas são fundamentais para a democratização do ensino para os sujeitos do campo, ou seja, garantia do direito à escolarização. As primeiras

escolas que os Sem Terra criaram foram as Escolas Itinerantes²⁰ que acompanham os acampamentos sem localidade fixa. Depois, a luta cresceu e se fortaleceu refletindo em conquistas de escolas nos assentamentos e acampamentos, as quais foram registradas pelo Movimento em sua página²¹ virtual, cujos dados apresentam o número aproximado de 28 mil educandos e 2 mil professores envolvidos em processos de alfabetização e, em toda a história do MST, foram conquistadas 2.250 Escolas Públicas nos acampamentos e assentamentos em todo país. Os dados apontam, ainda, que considerando-se crianças, adolescentes, jovens e adultos, existem, aproximadamente, 300 mil trabalhadores rurais Sem Terra estudando, dos quais 120 mil em escolas públicas.

São cerca de 1.800 escolas - 1.100 são reconhecidas pelos conselhos estaduais de educação e cultura -, espalhadas pelos assentamentos ou acampamentos do MST, com crianças na faixa de 7 a 14 anos de idade. Até 2002, as escolas do MST abrigavam cerca de 160.000 alunos e empregavam 4.000 professores, além dos 250 educadores que trabalham nas chamadas Cirandas Infantis - educação de crianças até 6 anos ou na faixa da alfabetização (MARTINS, s.d.)

A autora supracitada ressalta que mais de 350 mil integrantes do MST já se formaram em cursos de alfabetização, ensino fundamental, médio, superior e cursos técnicos, além de mais de 4 mil professores formados no Movimento e aproximadamente 10 mil professores atuam nas escolas em acampamentos e assentamentos. No MST há uma preocupação constante com a formação destes educadores, desta maneira, o Movimento faz parcerias com Universidades e procura garantir a formação de militantes nas concepções defendidas para as escolas nas áreas de acampamento e assentamento.

3.2 Alguns princípios do MST para a educação dos Sem Terra e Sem Terrinha

O Movimento procura atuar nas escolas de assentamentos e acampamentos para que sejam mais um espaço de formação dos Sem Terrinha. Nesse sentido apresenta-se o desafio de introduzir os elementos pedagógicos coerentes com seu legado na escola. Podemos dizer que a proposta pedagógica do MST não assume uma teoria particular, mas mostra seus pilares filosóficos e pedagógicos baseados em autores que defendem o trabalho como parte integrante e fundamental na e da educação, que são citados nos documentos do MST.

²⁰ As Escolas Itinerantes do MST são espaços de conhecimento, criação, socialização com base em valores ético-políticos libertários e democráticos, e se deslocam junto com os acampamentos.

²¹ (Em: <http://www.mst.org.br> Acesso: 20/10/2014)

O Movimento compreende a educação como um processo para formação humana plena, que inclui valores éticos, desenvolvimentos físico, psicológico e intelectual inseridos no contexto social, histórico e político, a educação ocorre contínua e permanentemente, seja dentro ou fora do contexto escolar integrando, assim, o conhecimento. Educar é incentivar a pensar autonomamente, é desafiar a interpretação da realidade, criando condições para que cada cidadão e cidadã construam seus destinos. Um dos pilares fundamentais da educação para o MST é a ligação da escola com o trabalho que significa uma escola do trabalhador, da classe trabalhadora, pois

Segundo as linhas de ação do Setor de Educação do MST nas Escolas que se localizam nos assentamentos e nas Escolas Itinerantes que acompanham os acampamentos, são priorizados conteúdos formativos socialmente úteis e eticamente preocupados com a formação humana integral. Nestes, a construção de um ambiente educativo, que vincule a escola aos processos econômicos, políticos e culturais; a vivência de práticas pedagógicas preocupadas com a valorização especial da dimensão pedagógica da história e o cultivo da memória coletiva do povo brasileiro, além da valorização especial da dimensão pedagógica da história. (BARROS, p.128, 2013).

Essas práticas pedagógicas destacadas por Barros (2013), bem como as apresentadas por alguns educadores socialistas como Pistrak e Makarenko que construíram uma escola ligada ao trabalho, contribuíram para que o Movimento acreditasse na escola para além de simplesmente um lugar de estudos, desligada do seu conjunto da vida de problemas reais, mas sim na escola participante da solução destes problemas, tanto por meio de um ensino voltado à realidade, quanto por meio de ações concretas (trabalho) no assentamento. A escola que o Movimento espera, é a escola do trabalho coletivo, aprendido e refletido a partir da prática e concretizada por meio de estudos e das experiências de cooperação no campo e na cidade.

No documento Caderno de Estudo - Boletim de Educação nº 4 “Escolas trabalho cooperação”, o MST enfatiza que a Escola do Trabalho pretendida não é qualquer tipo de trabalho na escola, mas é o trabalho mais plenamente educativo, que mistura cooperação com democracia para que os educandos se formem por meio do Trabalho Social necessário na Gestão Democrática da própria escola. Para isso, descrevem algumas ações necessárias, tais como a participação da comunidade na direção da escola, organização de um coletivo responsável pelo planejamento, execução e avaliação das atividades da escola, espaço específico de auto-organização dos alunos para exercitarem a gestão do seu coletivo e participarem do coletivo maior da escola. Para alcançar estes objetivos, apontam para a importância do planejamento do conjunto das ações como uma dimensão possível do trabalho com a escola.

Com relação ao princípio “Educação para o trabalho e pelo trabalho”, o documento Caderno de Estudo - Boletim de Educação nº 4, apresenta o trabalho como um valor fundamental na proposta de educação, bem como a vinculação de educação e trabalho como uma condição para realizar objetivos políticos e pedagógicos. A título de ilustração, citamos alguns dos objetivos que vinculam educação e trabalho no documento supracitado:

desenvolver o amor pelo trabalho e, especialmente, pelo trabalho no meio rural;
tornar mais educativo o trabalho que nossos estudantes já exercem nos acampamentos, nos assentamentos ou em outras instâncias da organização, do ponto de vista técnico mas também do ponto de vista da superação das relações de exploração e dominação;
vincular mais diretamente as escolas com a busca de soluções para os problemas enfrentados nos acampamentos e assentamentos; (MST, 1996, p.16).

A relação escola e trabalho produtivo para as escolas de ensino fundamental do MST apresenta-se mais como um desafio do que uma prática. Nas atividades da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes verificamos uma relação indireta com o trabalho por meio de um projeto de reflorestamento de uma área próxima à escola. Na proposta da escola, o projeto Agrofloresta visou o reflorestamento de uma área pertencente à Instituição, com o plantio de árvores frutíferas e nativas para a formação de um pomar, recebendo acompanhamento técnico da Cooperativa Regional de Companhia Avante LTDA e Reforma Agrária (COANA). O projeto contou com temas voltados para a agricultura e meio ambiente perpassando a realidade do trabalho no campo. “Na terra tem a agrofloresta, eles vão, tem até a parte diversificada da escola que é o PAA (Práticas Agroecológicas Ambientais) tem a floresta, “[...] eles tem esse contato com a terra, com as plantas, aí é mais para trabalhar as questões do ambiente mesmo.” (Educadora B)²².

Eles vão trazer agora, eu até pedi a coleta do solo dos lotes, do lugar onde eles moram, porque tem assentados, acampados e pessoal dos portos, também, alunos dos portos, eles vão tá coletando uma amostra desse solo e trazendo para escola, para pesquisa, então, com esse solo, e o tema é solo, [...]a gente faz uma mística em cima, faz uma reflexão sobre o solo, então, isso, a gente faz no decorrer... ali no início da aula, uma reflexão, daí deixa eles livre, alguns entram com tipo de solo, outros com frases sobre o que eles querem estudar, sobre os objetivos da aula (Educadora C).

²² Todos os educadores entrevistados serão designados por letras. As entrevistas foram realizadas em Querência do Norte, na Escola Camponesa “Chico Mendes”, nos dias 28 e 20 de abril de 2014.

Pelo relato da educadora, podemos inferir que os projetos e temas voltados para o trabalho no campo cultivam o amor das crianças pela natureza, perpassam a realidade do trabalho no campo e ensinam práticas no trato com a terra, utilização do solo e dos recursos naturais sem esgotá-los. Na escola, os próprios elementos da natureza são usados na mística que fazem em sala de aula, os educandos usaram o solo que cada um levou para trabalhar o tema e realizaram a mística à partir deste solo. É, portanto, um exemplo de cultivo e amor à natureza, aos valores do campo. Na escola, projetos como o de PAA e temas ligados ao meio rural, contribuem para os Sem Terrinha adquirirem e fomentarem com os pais o conhecimento adquirido na escola a respeito de práticas para melhorar a qualidade, produção e diversificação da alimentação, redução de pragas e doenças na lavoura, etc.

3.3 Auto organização e atividades pedagógicas a partir da realidade dos Sem Terrinha na escola

O princípio da auto-organização para as crianças, expresso em documentos do MST, é um elemento que pode ser construído nas mobilizações infantis, nos locais e espaços de manifestações, pois são justamente as ações provocadas pelos quadros de mobilização, já discutidos anteriormente, que os Sem Terrinha iniciam-se no processo de se auto organizarem coletivamente dentro do Movimento.

Precisamos entender que as crianças têm iniciativas, têm opiniões, e que, muitas vezes, ao questionarem os adultos em suas atitudes, impulsionam mudanças. Se observarmos atentamente e dermos espaço é possível vermos na auto-organização das crianças em suas atividades e na relação com os adultos a criação de coisas novas e autênticas (MST, 2011, p. 25 – 26).

A escola configura-se como mais um espaço do Movimento peculiar para a construção de práticas de auto-organização, já que o Movimento defende a ideia de crianças pensantes, com opiniões próprias, portanto, sujeitos da própria história, capazes de transformação. O princípio de auto-organização é fundamentado a partir do conceito elaborado pelo educador russo Pistrak, que propõe uma escola ativa, que foge do modelo acadêmico ou escolástico, uma vez que defende uma teoria de pedagogia social, a qual surgiria no contexto da prática escolar guiada pelo marxismo, sendo assim, defendeu, para a nova escola, os seguintes princípios: “Relações com a realidade atual” e “Auto organização dos alunos”. Para ele a questão da realidade atual está intimamente ligada à auto-organização das crianças, auto-organização esta, diferente da instaurada pela pedagogia burguesa baseada nas particularidades psicológicas das

crianças que exclui a autonomia e participação política estudantil da pedagogia da escola. Para a auto-organização pretendida é preciso construir na realidade atual o desenvolvimento de qualidades como “[...] 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo; 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador; 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização” (PISTRAK, 2000, p. 41).

Segundo Pistrak (2000), o desenvolvimento da aptidão para trabalhar coletivamente se adquire com o próprio trabalho coletivo o que compreende, também, alternar entre as atitudes de liderança, colaboração, cooperação e execução de tarefas, conforme a necessidade e, para atingir este objetivo, no processo de auto-organização das crianças é necessário que todas as crianças tenham suas próprias experiências em cada uma das funções, ou seja, atuem ora como dirigentes ora como dirigidos.

É preciso reconhecer de uma vez por todas que a criança e, sobretudo, o adolescente, não se preparam apenas para viver, mas já vivem uma verdadeira vida. Devem conseqüentemente organizar esta vida. A auto-organização deve ser para eles um trabalho sério, compreendendo obrigações e sérias responsabilidades. Se quisermos que as crianças conservem o interesse pela escola, considerando-a como seu centro vital, como sua organização, é preciso nunca perder de vista que as crianças não se preparam para se tornar membros da sociedade, mas já o são, tendo já seus problemas, interesses, objetivos, ideais, já estando ligadas à vida dos adultos e do conjunto da sociedade (PISTRAK, 2000, p. 42-43).

A importância dada à voz e ação infantis pelo educador Pistrak, é semelhante ao que ocorre no MST. Segundo o autor, o Educador valorizava as crianças e adolescentes como seres capazes de transformação, embora estivesse inserido num contexto preponderantemente permeado pelo ensino tradicional, onde o professor era o detentor do conhecimento e a criança era o receptor desse conhecimento pronto, ou seja, as crianças não eram construtores de saberes pela própria ação. Pistrak pensou e trabalhou por uma escola educadora do povo, mas de um povo crítico e atuante na sociedade e, para atingir estes objetivos, a escola precisaria interligar os diversos aspectos da vida das pessoas. E foi isso que procurou fazer em sua escola, rompendo com pedagogia centrada no conteúdo. Em sua escola as crianças e jovens construíam uma pedagogia da ação. Dessa forma, sua pedagogia possibilitou o envolvimento dos educandos, também, em outras atividades produtivas como trabalhos sociais da e na escola, com o desafio de uma participação coletiva e autônoma de crianças e jovens. Para Pistrak (2000) era preciso formar um coletivo infantil que representasse mais do que crianças reunidas em um mesmo local.

Se a auto-organização das crianças na escola soviética não se basear na existência do coletivo infantil, será uma disposição abortiva. Mas, perguntará o leitor, qual é a escola “onde não há coletivo Infantil”. Isso é verdadeiro, se considerar o coletivo como reunião acidental de uma certa quantidade de crianças num mesmo lugar visando à formação, isto é, visando a algo que se refere apenas ao aspecto exterior de suas preocupações, um objetivo que não exprime ainda o interesse infantil. Mas uma certa quantidade de crianças, um simples agrupamento quantitativo, uma reunião acidental, não formam ainda um coletivo. (PISTRAK, 2000, p.176-177).

A proposta de mobilização dos Sem Terrinha do MST diferente de um mero agrupamento de crianças parte de uma proposta de formação do sujeito coletivo e conta com a escola para que a culminação de ações do coletivo infantil represente a formação de uma identidade. No Caderno de Educação Nº 8 - Princípios da Educação no MST – a auto-organização aparece como décimo princípio e encontramos uma definição para o termo empregado: “Auto-organizar-se significa ter um tempo e espaço autônomos para que se encontrem, discutam suas questões próprias, tomem decisões, incluindo aquelas necessárias para sua participação verdadeira no coletivo da escola.” (MST, p.20-21, 1996). Na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes ocorre a formação de assembleia na organização dos educandos:

Então, a organização, já até na formação nossa, a gente estuda os autores... eu também faço parte do grupo do Pistrak que é a auto- organização na escola, então, a gente trabalha também a questão da Assembleia, a assembleia em sala de aula. Depois essa assembleia se estende para pátio para todo o grupo. Assim a gente, de repente, acontece alguma coisa na sala de aula aí a gente vai discutir o que aconteceu, se é bom se não é, e vai... né... discutir numa assembleia. Mesmo em forma de assembleia tentar solucionar, se ali na sala de aula não tem como, né, chama alguém da coordenação e tenta resolver, mas é entre o grupo mesmo, até para eles aprenderem a se organizarem. (Educadora C).

Eles são muito organizados, quando querem alguma coisa fazem a reunião deles, fazem a auto-organização, aí eles falam sobre as questões trabalhadas, e o que gostariam que fosse trabalhado. Eles já estão sendo preparados, tem a auto-organização na escola, tem a alegria na escola. Eles já estão aprendendo se organizar desde o pré e, desde o pré, já aprendem a se organizar. (Educadora D).

Na escola em questão, as reflexões acerca do autor Pistrak perpassa a relação professor/professor, educando/educando e professor/educando, a partir do momento em que as

educadoras e educadores tem o contato com sua obra. A formação continuada, incentivada pelo MST em parceria com a Universidade, permite aos educadores a apreensão de outra perspectiva de ensino a ser desenvolvida na escola, como a proposta de auto-organização dos educandos por meio da assembleia. Uma proposta interessante e democrática, diferente do que há no ensino convencional, é um processo aprendido na escola e que contribui para a formação do Sem Terrinha, pois a auto-organização das crianças é um princípio defendido pelo MST, que favorece a criação de espaços e oportunidades para o desenvolvimento dessas ações pelas crianças, inclusive na escola.

Conforme já mencionado, o MST valoriza a formação das educadoras e educadores para atuarem nas escolas de assentamentos e acampamentos. Assim como o MST, os educadores da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, que estabeleceu parceria com a Universidade, também relatam a importância desse processo “[...] nossa escola tem a formação continuada, que é um projeto que começou no ano de 2003, é um projeto que continua, e todo grupo, toda escola... ninguém quer que acabe esse projeto.” (Educadora B).

A educadora B ressalta a importância desse processo formativo em que são apresentados autores que apoiam e fundamentam as ações do Movimento, ampliando a argumentação em suas propostas, pois

Partindo deste projeto de formação continuada, a gente tem uns autores que a gente estuda, Paulo Freire, Snyders e Pistrak. Partindo destes autores a gente fez e faz estudos de práticas... então, cada grupo... a escola é organizada em grupo, então cada grupo ficou com um autor. E aí, de cada autor a gente tirou um tema pra ser desenvolvida na escola. O Paulo Freire, os temas geradores. O Pistrak a auto-organização deles mesmo, dos educandos. E ... o Snyders, a alegria na escola. (Educadora G).

Dessas propostas de formação continuada para educadoras e educadores do MST surge a possibilidade de ligação da escola com elementos do Movimento, como temas voltados para educação no campo e estudo de autores que compõem a formulação da proposta de educação do MST. Para a elaboração dessa proposta defende-se, ainda, a inserção dos Sem Terrinha, pois é mais viável e interessante uma proposta pedagógica que parta da realidade do acampamento ou assentamento e que, também, abarque as questões cotidianas e do mundo.

Outro princípio pedagógico do MST diz respeito “a realidade como base da produção do conhecimento”. (Caderno nº 8, 1996, p. 13). Pretende que os educandos produzam conhecimento sobre a realidade, mas não se refere apenas uma realidade próxima, pois compreendem que “[...] realidade é o mundo! É tudo aquilo que existe e merece ser conhecido, apreciado, transformado e que pode estar a milhares e milhares de quilômetros do

assentamento.” (Caderno nº 8, 1996, p. 14). Ou seja, a realidade é ampla, mas tem que se conhecer, pelo menos, a realidade próxima. É um método pedagógico que parte da realidade próxima para chegar na mais ampla fazendo uma análise entre as duas, intervindo no processo de conhecimento do ponto de partida. Por isso, este método se vale de temas geradores oriundos da realidade dos educandos.

No mesmo documento são elencados dois detalhes importantes: “educadoras/educadores que não conhecem a realidade (seja a próxima ou a distante), não têm como desenvolver um ensino que a tenha como base!” e “quem vive num assentamento não necessariamente conhece sua realidade” (Caderno nº 8, 1996, p. 14). Nessa perspectiva, o processo de ensino aprendizagem dos educandos (Sem Terrinha) na escola ocorria a partir da realidade mais próxima, a realidade de vida e luta no campo de modo que pudessem servir de base para o entendimento de questões mais amplas que acontecem no mundo. Os educadores, por sua vez, destacaram a educação baseada nos temas geradores preconizados por Paulo Freire, bem como a temática a alegria na escola de Snyders.

O princípio “*a realidade como base da produção do conhecimento*” citado acima, é uma busca dos educadores entrevistados, conforme observado pelos relatos e nos documentos da escola, constatamos o trabalho com temas geradores a partir da realidade dos educandos (Sem Terrinha) da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, porém, salientamos que tanto este trabalho, quanto a experiência de formação continuada não ocorrem em todas as escolas do MST, ou nos mesmos moldes da escola pesquisada. Cada escola de acampamento e assentamento tem sua própria história, pode estar mais ou menos ligada ao Movimento, depende de como ocorreu o processo de luta e dos sujeitos envolvidos em cada local. É importante ressaltar a questão da autonomia da escola que, passa a ser uma autonomia relativa quando se institucionaliza e adota, obrigatoriamente, o modelo tecnocrático e burocrático, sendo submetida à avaliação e controle por Secretarias e demais órgãos governamentais. Com relação à autonomia na escola, os educadores apontaram que tentam trabalhar os conteúdos a partir da realidade dos educandos, que são, majoritariamente, de acampados e assentados, conforme relatado a seguir:

[...] a gente sempre trabalhou a questão da realidade, claro que teve uma época que no começo eles não queriam aceitar muito, tipo o Município, né, eles queriam que trabalhasse o que todas as escolas trabalhavam no Município, mas a gente conseguiu trabalhar o nosso sistema, claro não deixando os conteúdos de lado, porque nunca pode deixar os conteúdos de lado, os conteúdos são trabalhados do mesmo jeito, mas de forma diferente, né. A gente trabalha textos, poesias, trabalha música a gente trabalha, trabalha a

mística, por exemplo, eu dou uma poesia, a gente trabalha a leitura e a escrita, trabalha a ortografia, trabalha, até as questões história, ciências e geografia a gente trabalha tudo dentro do texto, a realidade deles, né. (Educadora D).

Com a preocupação de trabalhar a realidade, os educadores buscam maneiras de desenvolver atividades a partir do contexto de luta no Movimento e vida no campo. O conhecimento germina da visão da classe trabalhadora que busca o rompimento com o conhecimento a partir da ideologia dominante amparada pelo sistema excludente. Torna-se um desafio de inconformismo ao que está posto.

Quando a escola se torna municipal ou estadual, seu próprio sistema de controle dificulta a autonomia das escolas, visto que o Projeto Político Pedagógico, o currículo, o planejamento ou plano de ação, estatuto da APM e estatuto do conselho escolar das escolas são submetidos à avaliação das secretarias Municipais de Educação ou NRE, assim como os processos de renovação das escolas, dificultando sua capacidade de mobilização e, com frequência, a própria ação das escolas e do próprio MST, em um movimento contraditório. As escolas e a educação se tornaram atividades práticas a serviço de um modelo político de sociedade, o neoliberal. O contraditório tenta executar a Escola Camponesa Municipal Chico Mendes (COMILO, 2013, p.164).

Dessa forma, a escola busca o contraditório em meio aos entraves, pois sendo uma escola do campo, tenta manter-se atuante como uma escola no e do campo, afinal, segundo relato de Comilo (2013) e de outros educadores há um enfrentamento com o Estado para o não fechamento de escolas, já que foram fechadas 37 mil escolas do campo. Há uma luta por mais investimentos na estrutura da escola, mais valorização dos sujeitos do campo e pelo direito à educação de qualidade, ou seja, por uma educação preocupada com a formação integral, que valorize a cultura e os costumes dos sujeitos do campo. Alguns educadores comentaram sobre a frustração com relação à qualidade do ensino na escola da cidade bem como ao preconceito contra crianças Sem Terra ou do campo. Os educadores trabalham os temas geradores de uma maneira mais ampla, envolvendo a comunidade por meio de uma pesquisa participante onde detectam interesses de temas de estudo, sugestões, críticas a respeito do trabalho pedagógico desenvolvido com seus filhos na escola e, para isso, no início e no meio do ano

[...] a gente vai até às famílias pra fazer essa pesquisa para conversar sobre a escola o que eles veem de negativo, sugestões para melhorar, sugestões o que trabalhar, e isso é um diferencial. Porque de tudo o que a gente [...] ouve, há toda uma discussão, aí é tirado um tema gerador para trabalhar na sala de aula. [...] o assentamento assim é grande, bastante família, então cada ano a gente prioriza um grupo no assentamento, aí os educadores vão até as famílias para

ter um contato direto para conhecer a realidade, as dificuldades da família do assentamento e é bem positiva, porque eles gostam, acolhem bem. O questionário e nós que preenchemos, leva o questionário, sempre a gente vai em duas, né, uma vai perguntando, a outra vai fazendo as anotações, vai perguntando eles vão respondendo. Depois eles começam a contar a história de vida, a história de luta, nossa é muito legal. E ajuda bastante, porque tem pessoas, quem é do assentamento conhece, mas quem não é do assentamento não conhece nem a localidade, aí vai ver as dificuldades, a distância, a história de cada um, e a gente traz para a formação continuada, na formação continuada nós temos três grupos de estudos, cada grupo estuda um autor, aí de acordo com a pesquisa a gente traz, debate, depois a gente tem que voltar para a sala de aula e devolver, levar esse conhecimento também para as crianças. São três grupos nós estudamos temas “a alegria na escola” Snyders. Paulo Freire, “temas geradores”; e Pistrak, a “auto organização das crianças” (Educadora B).

Segundo a educadora B, a pesquisa com a comunidade resulta em debate com os grupos de formação continuada e, posteriormente, o conhecimento é reelaborado e retorna para as crianças. Com os dados da pesquisa intercalam *conhecimentos*, comunidade *versos* formação acadêmica, contribuindo no trabalho pedagógico em sala de aula. A partir das entrevistas verificam os temas mais relevantes e, com base nestes apontamentos, buscam o tema geral que vai desencadear subtemas que vão perpassar por todas as turmas.

[...] a gente sistematiza assim ... quais foram os pontos que eles mais apontaram. Os mais apontados foi agricultura, como foi é ... meio ambiente, por que na última pesquisa que a gente foi, o foco foi o fortalecimento das práticas, desta relação da importância do meio ambiente, da poluição, isso foi ... foi um dos focos que chamou a atenção. Então, reunindo essas semelhanças de conteúdo a gente busca um eixo... (Educadora G).

A aproximação da escola aos temas vivenciados na família e no Movimento pode contribuir na formação identitária do Sem Terrinha, entretanto, a participação dos educandos no planejamento pedagógico que é anterior a prática ainda é um desafio. A reflexão pedagógica não existe sem a prática e a prática carece da reflexão por meio de um processo dialético. A obra *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire é citada no documento “Princípios da educação no MST” (1996) fundamentando a relação entre teoria e prática no processo de ensino e aprendizagem, ou seja, no processo ação-reflexão-ação existente no contexto de ensino e aprendizagem dos Sem Terrinha, porquanto

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, a teoria do fazer, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente (FREIRE, 1983, p.149).

Considerando o trecho acima, podemos discutir outro princípio pedagógico do MST: “Relação entre prática e teoria” (Caderno nº 8, 1996, p. 11). O Movimento está ligado a uma pedagogia da ação, porque considera que a ação é a protagonista da educação, pois é a prática do dia a dia que, quando fundamentada pela teoria adequada, transforma os sujeitos por meio da reflexão sobre a relação teoria-prática-teoria ou teoria da práxis (FREIRE, 1983). O Movimento reconhece a importância desses estudos para que a escola permaneça em desenvolvimento contínuo, onde os professores compreendam e façam do seu trabalho um constante aprender e reaprender, assim como a equipe escolar realize o planejamento pormenorizado das ações cotidianas, pois defende as máximas “onde não há planejamento não há cooperação” e “onde o planejamento está concentrado em poucas cabeças (de cima para baixo) não há democracia”. Esta participação coletiva no planejamento precisa ser organizada, pois o exercício democrático pressupõe transparência das relações de poder, onde a atuação dos envolvidos envolve poder de decisão e limites.

Do mesmo modo, o coletivo de educandos precisa ter seu espaço próprio e respeitar os outros espaços de decisões na escola, onde não participa diretamente. O MST assinala que participação verdadeira se conquista com descentralização de informações, organização dos espaços de gestão (quem decide sobre o quê e onde), transparência nas relações e persistência na prática coletiva de participar. O MST acredita, também, na possibilidade do espaço escolar oferecer, além do local ideal para estudo, a socialização de tarefas que possam ser assumidas coletivo de educandos, favorecendo, assim, o trabalho cooperativo com a colaboração de toda comunidade escolar, bem como a participação dos educandos no Conselho Escolar, coordenando atividades que estejam no planejamento da escola, constituição do grêmio estudantil e relações estabelecidas com educandos de outras escolas, estados e países.

O MST defende o princípio pedagógico da “Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores/ educadoras” (Caderno nº 8, 1996, p. 221), que consiste em encontros sistemáticos da equipe de educação para discutir práticas educativas do acampamento ou assentamento e dos educadores para estudo, planejamento e avaliação das aulas, ou seja, para o processo educativo condizente como os outros princípios inclusive de acompanhar pedagogicamente a auto-organização dos educandos. Nessa perspectiva, defende a formação contínua dos educadores, pois assinala a importância da educação permanente de quem educa. Os coletivos pedagógicos tem essa finalidade, pois as trocas de informações sobre o conhecimento, reflexões, estudos, etc. socializadas nesses momentos, favorecem a

concretização de novos fazeres, outrora guardados como sonhos, além de criar alternativas para a realização de material pedagógico diferenciado.

A participação dos Sem Terrinha nas tomadas de decisões na escola é um desafio que se iniciou com ações para mudança das relações de poder na escola. No processo de ensino e aprendizagem, a cooperação e a democracia precisam ser valorizados, principalmente na escola para os *Sem Terrinha*, uma vez que as crianças são organizadas para a luta em defesa de valores e princípios específicos.

Ressaltamos a dificuldade relatada para o estabelecimento das relações democráticas envolvendo a participação, colaboração e cooperação da comunidade com o planejamento escolar, entretanto a pesquisa participativa empregada na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes foi uma estratégia que considerou a opinião das famílias para um debate importante sobre o tema de estudo do ano letivo, as expectativas em relação à escola, os problemas apontados, sugestões para melhorias, etc.

Para Comilo (2013), a relação de troca de experiências entre a escola e a comunidade, sugere um novo olhar para a educação e, por meio da pesquisa participante, é possível, ao coletivo da escola, analisar as falas da comunidade e verificar novas fontes para pesquisa, lembrando que é nesta pesquisa que surgem os temas geradores que serão trabalhados por todas as turmas, permitindo assim, a apropriação do conhecimento e a reflexão tanto pessoal como da realidade presencial.

Este novo olhar da educação possibilita e dinamiza a ligação dos seres humanos com as próprias condições de experiência sociais e com as realizações da sociedade humana. A materialidade do território é, assim, definida por objetos que têm uma gênese técnica e social, juntamente com um conteúdo técnico e social.

[...]. Tais conhecimentos mobilizam as forças econômicas, políticas e sociais em torno da posse da terra, que reforça o camponês na perspectiva da luta por dignidade e fortalecimento da Educação do e no Campo, por uma Reforma Agrária Popular na luta pela terra. O MST tem por objetivo o fortalecimento da educação do campo, valorizando a educação como política pública para todos. (COMILO, 2013, P.161-162).

A autora aponta a luta do Movimento para o fortalecimento da educação do e no campo com políticas públicas para todos. Também destacamos a luta pelo acesso à escola, por condições dignas de trabalho na escola e contra o fechamento de escolas que já estão instaladas no campo. Os Sem Terrinha estão inseridos na luta por escolas com suas famílias desde o início e despontam com a organização do Movimento em ações de Mobilização pela escola.

3.4 Os Sem Terrinha e a luta por educação escolar

A luta pela escola é um dos fortes motivos de mobilizações dos Sem Terrinha, essa organização para a luta possui um componente pedagógico por tratar-se da formação política e construção de uma identidade, mas nem todas as crianças do Movimento são *Sem Terrinha*, assim sendo, nem todos vivenciaram igualmente o sentimento de pertença, de organicidade ou da própria formação da identidade, entretanto, existe um processo de inclusão das crianças na organização do MST, formando traços que podem identificar o Sem Terrinha.

A característica da *luta pela terra em família* proporcionou as condições objetivas e o processo histórico de *ocupação da escola* construiu o espaço de emergência do Sem Terrinha como um sujeito próprio, feminino ou masculino, e que junta em si três componentes identitários: sua condição infantil ou seu *jeito criança de ser*, com as características, interesses, desejos e sonhos desse tempo de vida; sua condição de *estudante*, pois foi assim que as crianças emergiram como sujeitos no Movimento, mas que pode significar uma experiência bem mais profunda do que simplesmente *estar na escola*; e sua *participação direta na organicidade e história do MST* que dá o tempero diferente em sua infância e em sua *escola de vida*. Nesse sentido, nem todas as crianças acampadas, ou assentadas, ou filhas de militantes do Movimento são de fato Sem Terrinha, embora seja essa condição que produza em sua vida tal possibilidade. (CALDART, 2012, p.310; grifos da autora).

A autora ressalta que, no processo de construção da identidade Sem Terrinha a condição de estudante o faz emergir como sujeito no Movimento. As crianças são mobilizadas principalmente pela luta na escola. Um propósito do qual o MST não abre mão é a luta por uma educação de qualidade para todos. Essa luta envolve os educandos Sem Terrinha - afinal, quem mais do que eles precisam das escolas? De tal maneira são mobilizados pelo Movimento, na luta pela escola, uma vez que há uma luta contra políticas de fechamento de escolas e por melhores condições das escolas que atendem a população de acampados e assentados (MARIANO, 2003) discorreu, ainda, sobre a política de fechamento de escolas do campo: “Houve fechamento de escolas do campo, 37 mil escolas do campo fechadas, essa política de fechamento de escolas é negação do direito a educação. Nos assentamentos onde há luta e resistência contra essa política, a escola não tem sido fechada” (MARIANO, 2013). Referindo-se às antigas escolas rurais que foram fechadas e, quanto aos assentamentos, aponta a resistência pela manutenção de escolas, que foi noticiado no Jornal Sem Terra registrou no 14º Encontro Estadual dos Sem Terrinhas a mobilização das crianças.

Uma marcha vermelha agitou o centro de Porto Alegre (RS) na manhã de hoje. As cerca de 500 crianças assentadas e acampadas gaúchas que participavam

do 14º Encontro Estadual dos Sem Terrinha foram às ruas para denunciar que fechar escola é crime! E por seu direito de estudar, elas exigem a reabertura das escolas itinerantes. (CASIRAGH, 2010).

Na 13ª Jornada Nacional dos Sem Terrinha os Sem Terrinha em marcha mobilizaram-se para denunciar o fechamento de escolas no campo, a falta de áreas de lazer ou de manutenção das existentes, a falta de biblioteca, de merenda, e de material escolar.

[...] De acordo com o MST, de 2005 a 2007 foram fechadas oito mil escolas rurais no Brasil, e apenas na região de Campos dos Goytacazes 12 escolas localizadas no campo pararam de funcionar entre 2009 e 2010. “Estamos aqui para cobrar do MEC [Ministério da Educação] e do Incra [Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária] e dizer que não queremos escolas fechadas. O dia das crianças é para festejar, mas também para se reunir e fazer luta”, discursou Elisângela Carvalho, do setor de educação do MST. A escola que queremos ter é com educação, alegria e que tenha tudo o que um aluno merece”, diz a carta final do encontro. O documento lido pelas crianças durante a manifestação também denuncia que nas escolas do campo não há áreas de lazer ou, nas que há, falta manutenção. Os Sem Terrinha reclamaram ainda que faltam também bibliotecas, merenda escolar e material pedagógico. (CAPITANI ; KITANISHI,2010.).

Na Jornada Nacional dos Sem Terrinha e no Encontro Estadual dos Sem Terrinha, crianças e adolescentes manifestaram-se com marchas, gritos de ordem, cartazes e desenhos, protestaram e reivindicaram melhorias para as escolas. Na condição de educandos, os Sem Terrinha inserem-se no processo de luta pela escola, no assentamento, na própria escola e quando estão mobilizados. Muitos Sem Terrinha não viveram em acampamentos e não presenciaram o início da construção da escola que estudam, assim o resgate da história de luta do acampamento e assentamento é essencial pois identifica o povo lutador, mostra aos Sem Terrinha que nada foi conseguido de graça, mas conquistado por meio de lutas do Movimento, conforme relatos abaixo:

No início para que tudo isso acontecesse aqui, houve uma grande luta, aquelas, as primeiras pessoas que estavam aqui para conseguir a escola porque quando começou a luta pela terra desde as primeiras reunião eles falam que não era só a terra tinha que ter terra, educação e dignidade, uma das conquistas quando chegou aqui daí foi a construção da escola que teve a organização de todas as comunidades juntas para que pudesse construir essa escola, e hoje são os netos e bisnetos que estão estudando aqui na escola. (Educadora F).

[...]comecei em noventa e três, ai já tinha a escolinha assim de madeira, antes era barraco de lona. [...] Primeiro era barraco, depois a prefeitura construiu escolinhas de madeira. Isso, lá no acampamento. [...] em cada comunidade tinha sua escolinha, cada comunidade tinha uma. [...] Quando eu comecei já vieram mais professoras, quando era acampamento era uma escolinha só, por

exemplo, de manhã e a tarde funcionava multisseriada ...eram duas professoras, uma trabalhava de manhã e outra tarde, e quando eu entrei já vieram três professoras aí dividiram a escola ao meio. Então funcionava duas turmas de manhã e duas turmas a tarde, mas mesmo assim era multisseriada porque tinha muita criança [...] Isso, foi em noventa e cinco que conseguiu esta escola daqui, aí centralizou, aí todas as escolas vieram pra cá, e os professores também, os mesmos professores que estavam criaram esta escola aqui.[...] Nossa, foi muita luta, muita, muita, muita luta, e o povo do Município não acreditava que poderia construir uma escola no lugar onde não era regular, né, porque aqui era acampamento na época ainda. Nós conseguimos esta escola na época de acampamento, aí as autoridades do Município não acreditavam... a única coisa que eles faziam era emprestar um telefone, a prefeitura emprestava telefone para o povo poder fazer os contatos, mas não acreditavam que esta escola poderia ser construída e os pais e a comunidade lutou e conseguiu (Educadora D).

Nos acampamentos as várias escolinhas passaram a funcionar em uma escola única, através da luta intensa dos pais e comunidade conseguiram conquistar o Assentamento Pontal do Tigre e oficializar o ensino da escola. Os Sem Terrinha assentados não passaram pelos enfrentamentos do período de acampamento, mas não significa que no assentamento a luta tenha acabado. O Movimento resgata e valoriza a história-memória e a mística, revivendo o processo histórico onde muitos Sem Terra e Sem Terrinha lutaram juntos para conseguir assentamento e escola. Relembra os fatos passados ressignificando o sentimento de conquistas marcado pelas lutas. “Cultivar a memória é mais do que conhecer friamente o próprio passado. Por isso talvez exista no MST uma relação tão próxima entre memória e mística” (MST, 1999, p.10).

A educadora relata que os educandos percebem que, para estarem na escola estudando, os pais e companheiros precisaram lutar, por isso acham importante lembrar, utilizando fotos e conversando sobre o que aconteceu sobre o que já fizeram na escola, como forma de manterem vivos os detalhes históricos.

[...]Tem que estar sempre lembrando senão esquece... que nem eles estavam comentando ontem da cultura camponesa que eles estavam olhando as fotos, eles falaram quanta coisa que a gente já fez se a gente não está vendo a foto, [e] conversando a gente esquece, os detalhes acabam sendo esquecidos. (Educadora F).

Os Sem Terrinha conhecem a narrativa de luta do Movimento por meio do registro da memória do povo, apropriam-se da história de onde vivem e do Movimento pelos relatos e registros das vivências e ações de luta, por meio de fotos, vídeos, livros, documentos do MST, etc. Vimos a importância dada a história, memória e mística no Movimento e a ênfase nos meios

de comunicação do MST a estes temas nas publicações para o público infantil. Os Sem Terrinha podem vivenciar a mística nos acampamentos, assentamentos, nos momentos de reunião e mobilização. Para o MST as escolas também devem cultivar elementos da cultura do Movimento, desta forma, estabeleceu o princípio “Vínculo orgânico entre educação e cultura” (Caderno nº 8, 1996, p.19). Aponta que as escolas e os cursos devem ser espaços para a vivência e a produção de cultura e, principalmente, produzir uma nova cultura para mudança, que valoriza as experiências passadas, o presente e um projeto utópico futuro.

Nossas escolas, nossos cursos de formação, precisam ser espaços privilegiados para a vivência e a produção de cultura. Seja através da comunicação, da arte, do estudo da própria história do grupo, da festa, do convívio comunitário como antídoto ao individualismo que é o valor absoluto do capitalismo; seja também pelo acesso às manifestações culturais que compõem o patrimônio cultural da humanidade, seja pelo enfrentamento dos conflitos culturais que aparecem no dia a dia do nosso Movimento. O que não podemos perder de vista é o objetivo maior de tudo isso, e que diz respeito não a um simples resgatar da chamada cultura popular, mas principalmente ao produzir uma nova cultura; **uma cultura da mudança**, que tem o passado como referência, o presente como vivência que ao mesmo tempo que pode ser plena em si mesma, é também antecipação do futuro, nosso projeto utópico, nosso horizonte. (MST, 1996, p.20; Grifo do autor).

O Movimento, que tem como referência o passado, valoriza a memória do povo lutador, busca produzir uma nova cultura da mudança. Para construção de *uma cultura da mudança*, é importante que as escolas e cursos do MST favoreçam a criação de espaços para vivência e a produção de cultura.

3.5 História-memória-mística na escola e à identidade Sem Terrinha

O MST no processo de luta pela Reforma Agrária construiu uma cultura produzida pela práxis do Movimento com os elementos história-memória-mística, presentes nas diversas ações dos Sem Terra e Sem Terrinha. Consolidaram-se, assim, como elementos de ligação dos processos de luta entre si, principalmente pela mística, pois

A mística tem um impacto cultural sobre os membros do MST. Ela está ligada a milhares de pequenos ou grandes atos praticados correntemente em todo o conjunto social do MST. Ela é praticamente indissociável da história memória, porque quase sempre aparece ligada à menção de algum acontecimento histórico do MST, dos trabalhadores em geral, ou da nação, podendo ser uma encenação, um ato de repúdio a uma violência cometida contra os sem-terra, uma cantoria, uma performance, uma cerimônia religiosa e tantas outras formas. (DAL RI; VIEITEZ, 2008, p.193).

De acordo com Dal Ri e Vieitez (2008) a mística está imbuída da história memória do Movimento, como elementos praticamente indissociáveis. Na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes a mística também tem uma ligação com a história memória do Movimento.

Através de símbolos, a gente trabalha a bandeira, tem os gritos de ordem a gente trabalha com eles, as músicas, as cantigas do Movimento as cantigas da terra. [...] as datas importantes do assentamento do Movimento, o próprio assentamento local, a chegada de cada grupo a gente relembra, é, fala sobre o Zumbi dos Palmares e outras datas (Educadora B).

[...] a mística na verdade, assim, é para eles vivenciar aquele momento que eles estão estudando, o momento que eles estão vivendo. Que nem na semana, só um exemplo assim, que na passada a Osmara fez uma mística sobre Eldorados do Carajás. Então, isso eles não vivenciaram naquele momento, né, naquela época. Então aí ela trabalhou a história e depois mística, foi eles vivenciar aquele momento então eles fizeram o que, um teatro, um exemplo, uma apresentação sobre aquele momento, então a mística é isso é eles vivenciar aquele momento (Educadora G).

As educadoras relataram sobre atividades envolvendo a mística com a bandeira, os gritos de ordem, as músicas, cantigas do Movimento, teatro, as datas importantes para os Sem Terra como o dia do massacre em Eldorados dos Carajás. De tal modo, relembram a história do assentamento local e de outros assentamentos. Então, a mística pode partir da história do Brasil ou do Movimento resgatando a memória de mártires do Movimento ou outros da história do povo lutador, como Zumbi dos Palmares. Essas místicas, imbuídas de história-memória vivenciados na escola, são atos presentes no Movimento, desta maneira contribuem para a formação da identidade do Sem Terrinha, pois

[...] a mística na verdade... assim.... é para eles vivenciar aquele momento que eles estão estudando, o momento que eles estão vivendo. Que nem na semana, só um exemplo assim, que na passada a Osmara fez uma mística sobre Eldorados do Carajás. Então, isso eles não vivenciaram naquele momento, né, naquela época. Então aí ela trabalhou a história e depois mística, foi eles vivenciar aquele momento então eles fizeram o que, um teatro, um exemplo, uma apresentação sobre aquele momento, então a mística é isso é eles vivenciar aquele momento. (Educadora G).

Além da mística vivenciada na escola, comemoram-se, também, datas marcantes do Movimento, inseridas no calendário específico e na proposta pedagógica da escola com os diferenciais de formação dos professores, pesquisa participante e datas comemorativas ligadas ao Movimento. Assim sendo, constatamos que o calendário

[...] vem da secretaria, mas só que quem atribui lá, a formação continuidade, essas coisas, é a escola. A escola tem autonomia. É diferente das outras escolas. Tipo formação, semana camponesa, as datas de chegada dos grupos aqui[...] essa é uma luta que vem desde muito tempo. [...]Eles não aceitavam. (Educadora G).

Eu lembro que quando a gente começou fazer esses calendários, que eu tava na secretaria, a gente fazia o calendário mandava por núcleo e eles mandavam de volta. A gente fazia de novo mandava pro núcleo e eles mandavam de volta. Eles não aceitavam. Então a gente brigou muito! (Educadora H).

Outra conquista da escola foi o calendário e, para tal conquista, houve um embate com o Núcleo de Ensino ao qual a escola pertence, que culminou com o estabelecimento de novos limites com relação à autonomia da escola do MST, diferenciando-a das demais escolas institucionalizadas, pois o “[...] currículo escolar de uma escola deverá cultivar o calendário histórico dos trabalhadores rurais, e conter em sua programação, essas datas, fazendo delas oportunidade de mobilizações, dentro ou fora da escola” (MST, 1999, p.29).

Cada conquista da escola precisou contar com a resistência dos educadores ao que estava posto para construir novos costumes e nova cultura de acordo com os princípios do Movimento. A mística na escola pode, a princípio, causar estranheza para os que desconhecem o seu significado, como relata a educadora sobre a visão do município em relação à mística; entretanto, essa estranheza pode ser compreendida, superada e, por fim, possibilitar a inserção de novas temáticas de estudo.

O município achava estranho, eles nem entendiam o que era uma mística, o povo eles aprenderam com o povo a mística, mas não foi uma resistência, resistência, assim, mas só que no começo eles acharam que o Município tinha que trabalhar tudo igual. (Educadora D).

De acordo com Comilo (2013) a mística na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, tem o objetivo de manter viva a história da comunidade e faz parte dos princípios organizativos do MST. A mística [...] vem junto com os princípios organizativos do MST, entendida como a pedagogia dos gestos com símbolos, por meio da expressão cultural e como parte da Educação do e no Campo. (COMILO, 2003, p.171-172).

Na realização das místicas, são utilizados os acontecimentos ocorridos e significativos ao coletivo. A mística na escola é exemplo de preservação da cultura e dos costumes, conservação dos valores que os constituíram para além das questões meramente práticas e visuais. Demonstra os costumes e a organização dos espaços como elementos em discussão, revelando um arcabouço simbólico do qual fazem parte as linguagens verbal e não verbal.

As místicas são acontecimentos que têm o objetivo de manter viva a história da comunidade, são importantes na prática desenvolvida na escola e fazem parte dos documentos da mesma, com o Projeto Político Pedagógico. É um momento significativo, um ato cultural. A linguagem não verbal, na mística, é parte do trabalho não material que os educandos realizam na escola e nas discussões, por validar as posturas, reforçar os laços de luta e conquistas sociais e políticas. (COMILO, 2013, p. 173).

Neste contexto escolar as místicas são vistas como atos importantes da escola e fazem parte do Projeto Político Pedagógico. O trabalho não material que os educandos produzem por meio da mística, contribui na construção da identidade Sem Terrinha, reforça os laços dos sujeitos com o Movimento. São práticas que os Sem Terrinha também vivenciam em assentamentos, acampamentos e nas diferentes mobilizações. A escola torna-se mais um espaço para vivenciar a cultura construída no Movimento e fortalece os sujeitos para a luta.

[...] a mística vem, assim, contribuir muito com o aprendizado deles, porque eles vivenciam primeiro ali, através da observação, e quando você vai para aula está com um conhecimento bem maior da aula. Até a construção do material que é usado na mística é tudo feito junto com eles. E é um momento ali de silêncio, é só reflexão mesmo, é refletir sobre aquele ato, aí quando você vai para conteúdo já tem o conhecimento do que eles vão estudar. E os nossos aqui por serem filhos de acampados, assentados, fazer já parte desse Movimento eles tem isso como, já vivenciarem o pai, a mãe nas ocupações, nos grupos, eles já conhecem isso. (Educadora C).

Notamos, nas práticas escolares, um diferencial relacionado à autonomia na programação do calendário, aplicação da pesquisa participativa com a comunidade, formação continuada dos professores com os critérios para escola do campo e do Movimento, assim como, também nos atos envolvendo a mística como prática cotidiana, o processo de ensino aprendizagem a partir da realidade dos educandos com temas geradores e a iniciativa de organização de assembleia com base na auto-organização de coletivos infantis, que são práticas discutidas e fundamentadas por Pistrak, cujos textos apoiam as discussões e sistematizações nas místicas e assembleias que elegem os temas a serem implementados no planejamento escolar. Esses processos pedagógicos vividos na escola de assentamento onde a maior parte dos educandos é do Movimento estão formando os educandos e contribuindo para a construção da identidade Sem Terrinha. Como já ressaltado no primeiro capítulo, é, também, objetivo do Movimento, a participação das escolas na organização e preparação das mobilizações dos Sem Terrinha e, no próprio documento do MST, apontam como desafio esta tarefa, já que a organização acontece mais nos núcleos de base organizados, inicialmente, nos assentamentos e acampamentos.

3.6 Mobilizações e a escola

As mobilizações dos Sem Terrinha estão presentes nos Encontros, Concursos Nacionais, acampamentos-escola, participação em feiras de ciências, olimpíadas e festivais e trazem a identidade das crianças Sem Terrinha; entretanto esse processo encontra desafios para sua realização, como, por exemplo, o encontro dos Sem Terrinha caracterizado pela mobilização que vem acontecendo e envolve muitos militantes, trabalho intenso de preparação de material, durante todo ano letivo e, principalmente, nos dias que acontecem o Encontro. “Cada tipo de mobilização exige um processo diferente de preparação e nenhuma delas pode ser realizada sem uma preparação anterior intensiva, pois as crianças não podem participar sem saber o que está acontecendo, porque isso não é educativo.” (MST, 1999a, p.40).

Cada atividade exige um trabalho posterior seja significativo, educativo, é preciso que haja muita seriedade na observação e acompanhamento de cada criança que participa da mobilização. Geralmente há aquelas que se estacam, que se descobrem, que se metem e participam ativamente, É há aquela que ficam tímidas, retraídas. Isso precisa ser anotado por alguém de cada grupo, para depois dar continuidade aos trabalhos. (MST, 1999a, p. 40).

O trabalho educativo e pedagógico realizado com os Sem Terrinha após as mobilizações é uma tarefa que o MST acredita ser imprescindível para dar continuidade ao processo até a próxima mobilização. A organização dos Sem Terrinha nas mobilizações, como já mencionado, pode envolver a escola, mas tem sido feita, na maioria das vezes, nos assentamentos e acampamentos ou, ainda, nos grupos que reúnem as famílias.

É mais nas reuniões dos grupos, né, porque os alunos... eles estão, na maioria, inseridos nos grupos das famílias, então, é trabalho, eles acompanham os pais quando tem reunião, quando tem uma organização na comunidade, é junto com os pais. Tem até um projeto que é desenvolvido aqui no grupo de Reserva que é desenvolvido todo sábado e domingos é uma atividade com as crianças do assentamento, então, os alunos da escola participam, é jogo, é brincadeira, brincadeira educativa, não somos nós da escola que fazemos. É bem legal o trabalho deles. Todos finais de semana, sábado e domingo. Sempre quando passo no sábado sempre eu vejo o pessoal aí, são pessoas do Movimento que trabalham com este público, com as crianças. (Educadora F).

Dentre os desafios para fortalecimento das mobilizações está a participação da escola neste processo, visto que as escolas nem sempre se envolvem diretamente, embora haja contribuição em alguns quadros de mobilizações como a produção de trabalhos dos Sem Terrinha ali realizados. Os Sem Terrinha participaram de Concursos Nacionais escrevendo e

desenhando sobre a realidade dos acampamentos e do Brasil, como ocorreu na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes quando

foram para Curitiba, na época foi feito, tinha um concurso de cultura e arte e aí minha turma mesmo participou com poesia, fizeram a poesia coletiva e mandaram. Eles foram lá no dia dos Sem Terrinha receberam a premiação lá, certificado. Fizeram sobre os alimentos transgênicos. Tem a marcha do Encontro dos Sem Terrinha, daí eles participam lá, a grande, a geral não. Enquanto escola não. (Educadora G).

Para os Encontros dos Sem Terrinha já houve organização na escola, mas, depois, ficou a cargo de cada assentamento e acampamento organizar as crianças nos grupos de famílias e a decisão de determinar se os filhos participam sempre foi dos pais.

É uma organização do Movimento mesmo!!! Nos últimos anos foi em ... em Curitiba, né? Então, eles tem os grupos, cada assentamento tem os grupos de 10 famílias. Nesses grupos é organizado ... as crianças que querem ir, que os pais deixam, por que tem uns pais que ... tem medo de deixar. Mas aí na escola, assim, foi um ano, dois só, que foi a escola mesmo que organizou. Mas é mais uma organização do movimento, do setor de educação (Educadora G).

Antes fazia mais frequente, assim, as atividades que eles fazem, assim, mais em acampamentos e assentamentos é mais as reuniões, e os pais levam os filhos juntos (Educador A).

Os Sem Terrinha “gostam de participar das mobilizações”, fala da educadora, porém, há dificuldade para mobilidade e organização de tantas crianças em um mesmo local. Ocorreu a falta de vagas no ônibus para levar mais Sem Terrinha ao Encontro.

[...]Eles gostam de ir... o mais difícil é a distância, toda a vaga oferecida para escola sempre encheu, porque vão de ônibus cada grupo de assentamento e acampamento vê as vagas, se desse todos iam, porque eles gostam de ir. (Educadora I).

Para o MST, as mobilizações precisam envolver mais diretamente a escola para dar continuidade a um conhecimento que os Sem Terrinha apropriaram fora da realidade da escola. “[...] Temos que pensar em todas as experiências que a criança deve ter dentro e fora da sala de aula e de como a gente pode ligar uma coisa com a outra” (MST, 1992, p. 4).

As necessidades que levam a fazer algumas mobilizações surgem ao longo do ano, como é o caso das escolas, professores, merenda escolar, não podendo ser previstas no planejamento. Isso significa dizer que são trabalhos que se somam aos já previstos e que geralmente não são poucos. Por isso é preciso delegar tarefas e multiplicar os militantes (MST, 1999a, p.40).

As mobilizações que não estão no planejamento da escola passam a ser um desafio, visto que o sistema oficial de ensino tem uma exigência de conteúdos e notas que precisam ser fechadas no encerramento dos bimestres, trimestre ou semestres e ainda se somam às avaliações externas obrigatórias.

Na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, durante dois anos, os professores levaram os educandos para os Encontros, depois perdeu ligação direta com as mobilizações, um dos prováveis motivos relatados para o enfraquecimento desse envolvimento da e na comunidade escolar deve-se ao avanço dos educandos que passaram a estudar em outra escola, restando, assim, apenas uma turma com estudantes que já haviam participado do Encontro dos Sem Terrinha. Estes elaboram relatos escritos sobre suas experiências, de modo a manter a memória histórica de participação acessível aos demais educandos, demonstrando a importância desses espaços:

Primeiro nós viajamos eu não estava muito bom eu estava gripado, a gente chegou lá, brincamos com os palhaços, almoçamos e fizemos cartazes, estudamos os livrinhos dos sem terrinhas jogamos bola, fizemos gincanas, filme e fomos dormir. No outro dia fomos para Loanda lá no núcleo fizemos uma passeata e exigimos uma escola nova, mas não ganhamos, esse ano pode ser diferente. Almoçamos e voltamos para casa.²³

Eu fui para o encontro Sem Terrinha eu assisti muitas palestras e atividades e muitas brincadeiras e nós fizemos brincadeiras de mudar os nomes das pessoas, meu nome foi Leticia e dela foi Taynara e depois nós dançamos a música dos Sem Terrinhas fomos a cidade fazer negociações, fomos para Loanda e depois nós fomos comer e depois nós fomos embora.²⁴

Foram diversas atividades realizadas pelas crianças no Encontro, tiveram momentos onde brincaram, dançaram e ouviram músicas dos Sem Terrinha, assistiram às palestras, gincanas, leram livros e, dentre essas atividades, fizeram *negociações* por meio de passeatas usando cartazes produzidos com frases reivindicando melhorias na escola, uma *nova escola*. O Sem Terrinha da primeira citação expõe que ainda não conseguiram o que foi reivindicado, mas acredita que pode ser diferente *neste ano*, referindo-se a uma próxima mobilização dos Sem Terrinha para continuarem lutando por escolas.

²³Relato escrito sobre Encontro dos Sem Terrinha – Aluno (9 anos) da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes.

²⁴ Relato escrito sobre Encontro dos Sem Terrinha – Aluna (9anos) da Escola Camponesa Municipal Chico Mendes.

Na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes, há dificuldades com o transporte que leva as crianças para a escola, pois quando chove os ônibus não conseguem transitar pelas estradas que ficam muito escorregadias e os educandos perdem a aula. Parte da estrutura da escola é de madeira, sem área de recreação e falta quadra de esportes, necessita de nova estrutura, objetivo que a escola tem lutado para conseguir, mas não tem sido fácil, é uma luta de anos. E ainda havia a sala de Cultura Camponesa e foi desativada como medida de corte de despesas.

Das lutas diárias na Escola Camponesa Municipal Chico Mendes e, também, de outros acampamentos e assentamentos do MST, presenciamos uma política que não incentiva a manutenção das escolas do campo, o que resulta em novas mobilizações como forma de resistência. Por meio de ações eficazes, os Sem Terra, as crianças Sem Terrinhas e militantes em geral, manifestam-se contrários ao sucateamento e fechamento de escolas nos assentamentos e acampamentos, igualmente reivindicam o direito de educação de qualidade no campo. Desse modo, as escolas conquistadas pelo MST são espaços de luta para inserir princípios e práticas do Movimento e oferecer a infraestrutura dos prédios aos Sem Terrinha. Para o Movimento, contar com a participação direta das escolas de assentamentos e acampamentos é um desafio a ser conquistado, especialmente por serem subordinadas às restrições e imposições do sistema educacional que regulamenta o ensino oficial, ainda assim, algumas já participam diretamente das mobilizações dos Sem Terrinha, mesmo que por um período curto de tempo ou por meio de projetos específicos, com a finalidade de inserir as escolas na dinâmica das mobilizações dos Sem Terrinha.

CONCLUSÃO

Ao verificar a organização política e formação da identidade *Sem Terrinha*, voltamos nosso olhar para a criança do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Constatamos a construção da identidade da imagem do sujeito “Sem Terrinha” pelo Movimento no decorrer dos anos. Verificamos que os Sem Terra e os Sem Terrinha educam-se coletivamente por meio da luta social e, por meio das ações e dos espaços criados no Movimento, as crianças mobilizam-se em um movimento infantil.

Para a realização desse movimento, verificamos a existência de quadros organizativos planejados para a participação coletiva e política dos Sem Terrinha (crianças e adolescentes) dentro do MST o que norteou nossa hipótese de que existe um movimento para e com as crianças, de luta social formando-as politicamente e identificando-as como Sem Terrinha dentro do MST.

Assim, uma das principais mobilizações considerada muito pertinente e apropriada às crianças e adolescentes, tanto do ponto de vista endógeno, quanto do ponto de vista exógeno (da maneira que os Sem Terrinha aparecem à sociedade) verificada, foi a bandeira levantada pela conquista da escola/educação, como uma estratégia de luta do Movimento, para além da Reforma Agrária, ou melhor, a efetivação da Reforma Agrária inclui o direito à educação. Depreendemos que o objetivo do movimento infantil na luta social realizada por meio do quadro de mobilização é dar continuidade ao Movimento ameaçado de diferentes maneiras, inclusive pelo sucesso na conquista do assentamento.

É notável a força de mobilização que foi sendo delegada aos Sem Terrinha dentro do Movimento, por meio de encontros realizados em níveis regional, estadual e nacional e apresentados como Jornadas, Congresso, Concursos Nacionais, etc. Nesse sentido, os quadros organizativos possibilitam a realização de brincadeiras, produções artísticas, marchas, passeatas, caminhadas, oficinas, estudos, leituras, composição de músicas e gritos de guerra, reivindicação com cartas às autoridades, etc. Trata-se de um tipo de prática pedagógica que incide na formação pessoal, cultural e política dos sujeitos envolvidos.

Fundamentalmente são ações que identificam as crianças como Sem Terrinha, pois elaboram sua identidade por meio da organização política coletiva das crianças, construindo meios para *serem crianças do Movimento, pronunciarem e denunciarem suas angústias,*

sofrimentos e anseios realizando ações de vivência e luta coletivas com seus pares coetâneos ou adultos. São oportunidades de aprendizagem diferente das apresentadas em outros contextos sociais, pois favorecem a construção de um sujeito crítico, mobilizado, autor e produtor da própria história.

Os meios de comunicação para os Sem Terrinha inserem-se no quadro de mobilização possibilitando a participação dos Sem Terrinha tanto no processo de construção como no acesso a esses veículos. Compreende-se aqui que esse acesso deve alcançar a todos os Sem Terrinha para ser um instrumento democrático de comunicação.

A conquista do acesso aos meios de comunicação foi e continua sendo uma bandeira de luta que, entre outras, mobiliza os Sem Terrinha por direitos como melhores condições de vida no campo e por escolas com infraestrutura adequada que, também, são lutas e desafios de todo o Movimento. Assim sendo, percebemos que o MST realiza diversas ações formativas que se diferenciam de práticas hegemônicas do modelo de sociedade capitalista com seus valores (individualismo, consumismo, etc.), pois o Movimento organiza as mobilizações para inserir a criança no contexto de luta e formação política, valorizando tanto sua individualidade como sua capacidade de produzir conhecimento, seja nas mobilizações ou nas escolas do Movimento.

O Movimento é o principal educador, pois, de fato educam-se no coletivo e formam-se humana e politicamente diante de uma Marcha, de uma ocupação de terra, da conquista de uma escola de acampamento e assentamento, onde ocorre a melhor aprendizagem para a vida, construída e conquistada, em todos os seus detalhes, com e por meio de ações de luta dos sujeitos Sem Terra e Sem Terrinha, fortalecendo sua cultura em seu contexto.

A luta pela e na escola é um momento específico no processo da luta do Movimento, que tem sua própria pedagogia da experiência, da prática, do enfrentamento das dificuldades, das lutas que é tão importante quanto a escola que, nesse sentido, ainda não é a principal formadora dos Sem Terra ou Sem Terrinha, mas que pode se tornar o espaço de formação humana e intelectual e contribuir na superação do desafio de formar os novos sujeitos lutadores.

Ao realizar essa pesquisa, constatamos que o Movimento insere a escola no quadro de mobilização dos Sem Terrinha, mesmo existindo alguns empecilhos oriundos do sistema escolar e, também, as limitações do próprio Movimento.

As mobilizações são frutos de um trabalho desafiador de organização das crianças que, ávidas por participarem do grande encontro, realizam um amplo trabalho pedagógico formativo

anterior e posterior às mobilizações em seus assentamentos e acampamentos. No planejamento escolar, as mobilizações passam pelo crivo das Secretarias de Ensino e a mobilização é construída em cada etapa no decorrer do ano letivo.

A escola estudada, mesmo com as limitações, promove espaços com atividades e discussões que favorecem a formação da identidade Sem Terrinha a partir de um trabalho com base nos princípios pedagógicos do Movimento, do trabalho da história-memória-mística, da produção do conhecimento com base na realidade atuando, nesse sentido, como agente de mobilização indireta.

Entretanto, a escola oficial no território do Movimento apresenta-se como um espaço contraditório que acolhe valores do Movimento ao mesmo tempo que acata aos mandos do sistema, pois, ainda que haja influência do Movimento social, atua dentro dos limites impostos da sociedade capitalista e cumpre as obrigações junto às instâncias educacionais municipais, estaduais e federais, porém luta para romper com os limites e concepções cristalizadas.

Por fim, concluímos que os Sem Terrinha se identificam e são identificados pelo nome próprio a partir das mobilizações de Encontros dos Sem Terrinha idealizados e concretizados pelo Movimento para que crianças e adolescentes tenham seus próprios espaços de manifestação e luta pela Reforma Agrária e direitos sociais como escola e educação.

O nome *Sem Terrinha* que identifica um sujeito próprio tem seu lastro no sentimento de pertença e formação política, pode incidir de maneira diferente em cada criança e adolescente, por isso nem todo filho de Sem Terra é Sem Terrinha, essa pertença e formação política são frutos do quadro de mobilização com espaços e locais próprios para o público infantil, criados pelo MST para engajar os Sem Terrinha na luta social, possibilitando a utilização de meios de comunicação eficientes para divulgar o projeto do Movimento e mobilizar os Sem Terrinha para a luta. A escola com influência do Movimento é um espaço privilegiado de educação, ensino e aprendizagem especialmente vinculado ao processo de formação política dos educandos e, portanto, pode colaborar para a construção da identidade dos Sem Terrinha.

O que depreendemos de mais valioso em toda a pesquisa foi a nossa própria aprendizagem com os Sem Terrinha e com o MST principalmente pelos espaços de formação política criados pelas e com as crianças por meio das mobilizações e do processo de ensino e aprendizagem envolvendo seus direitos e temas específicos de seu contexto social e familiar que compõe as bandeiras de luta e enfrentamento com as relações de poder.

Esses temas tão importantes, no contexto atual mesmo em outros espaços que não os do MST, são preteridos nas discussões realizadas, inclusive, em muitos cursos até em níveis superiores.

Destarte, vimos o movimento das crianças e adolescentes dentro do MST como inusitado, ousado, extraordinário e com potencial revolucionário ao realizar o contraditório, diferente de tudo o que há na sociedade capitalista em relação à organização de crianças e adolescentes. Os Sem Terrinha são imbuídos da realidade que os cercam e da possibilidade de lutarem por transformação social. “Não pode haver uma solução para autoalienação do trabalho sem que se promova, conscienciosamente, a universalização conjunta do trabalho e da educação.” (MÉSZÁROS, 2008, p.67).

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARENHART, D.; Infância, educação e MST quando as crianças ocupam a cena. Chapecó: Argos, 2007.
- ARROYO, M. G. FERNANDES, Bernardo Mançano. *A educação básica e o movimento social do campo*. Brasília: Coleção por uma educação básica do campo, nº2, 1999.
- BARROS, M. R. de S. *Os Sem terrinha: uma história da luta social no Brasil (1981-2012)* 2013. 228 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- BETO, Frei. *Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. In: *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 15, n. 43, p. 207-224, dez. 2001. ISSN 1806-9592.
- _____. *Pedagogia do Movimento sem Terra*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- _____. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice (Org). *Educação do campo: políticas públicas - educação*. Brasília: INCRA; MDA, 2008.
- _____. *Pedagogia do Movimento sem Terra*. 4 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- CAPITANI R.; KITANISHI H. Encontro dos Sem Terrinha ficará marcado para mais de quatro mil criança no Paraná. 18 out. de 2010. Disponível Em: < <http://www.mst.org.br/Encontro-Sem-Terrinha-ficara-marcado-para-4-mil-criancas-do-Parana>>. Acesso em 11 novembro de 2013)
- CARDOSO, M.; RAMOS, V. *Sem Terrinhas lutam por escolas do campo*, Disponível em: <http://www.mst.org.br/Sem-Terrinhas-fazem-jornada-por-escolas-do-campo-no-mes-das-criancas%20>. Acesso: 28.out. 2010.
- CASIRAGH, R. Crianças do MST defendem escolas do RS. 18 de out. de 2010. Em: <www.mst.org.br> Acesso: 25de out. de 2013.
- COMILO, M. E. da S. *Políticas de educação do campo no Paraná: a práxis na educação do campo no assentamento Pontal do Tigre*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, PR., 2013. 197f. 19 de out. 2013.
- CORSO, R. F.; PIETROBON, S. R. I. A infância no MST: um estudo sobre as concepções de Infância presentes no movimento dos trabalhadores Rurais sem terra. In: Congresso Nacional de Educação – Educere. Encontro Sul brasileiro de psicopedagogia. 9., 3., 2009, Curitiba. *Anais eletrônicos ...* Curitiba: pucpr, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2477_1116.pdf>. Acesso: 10 out 2012.
- COUTINHO, C. N. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DAL RI, N. M. *Educação Democrática e Trabalho Associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 2004. (Tese de Livre Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 03.mar.2004.

DAL RI, N. M.; VIEITEZ, C. G. *Gestão democrática e trabalho associado no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e nas fábricas de autogestão*. São Paulo : Icone : FAPESP, 2008.

DICIONÁRIO POLÍTICO, s.d. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/u/uni_lavrad_trab_agricolas.htm. Acesso em 20.nov.2014

DUARTE, A. Revolução verde. In: *Estudos práticos*. s.d. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/revolucao-verde/>>. Acesso em: 12.jun. 2014.

ENGELS, F. *A origem da família da propriedade privada e do estado*. Trad. Leandro Konder. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ELSE, R. P. (org.). *As Imagens e as Vozes da Despossessão: A Luta pela Terra e a Cultura Emergente do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra)*. Projeto hospedado pela Escola de Línguas Modernas da Universidade de Nottingham, Reino Unido; produção e design do website de John Walsh, 2003. Disponível em: <http://www.landless-voices.org/vieira>. Acesso: 14.nov. 2014.

FILHO, G. de A. J. A infância e a criança no e do campo. In: CALDART, Roseli Salete. PALUDO, Conceição. DOLL Johannes (org.). *Como se formam os sujeitos do campo?* Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: Pronera, 2006.

GASPAR, Lúcia. *Ligas Camponesas. Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2005. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em:13.Nov. 2014.

GONÇALVES, S. *O MST em Querência do Norte: A luta pela Terra à luta na Terra*. (Tese de Mestrado) - UEM, Paraná, 2004.

_____. *Campesinato, resistência e emancipação*. O modelo agroecológico adotado pelo estado do Paraná. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Presidente Prudente, 2008.

FERNANDES, M. B. *Espacialização e territorialização da luta pela terra: A formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Geografia). FFLCH, São Paulo, 1994.

_____. *A formação do MST no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FERREIRA, M. P. de A. *O lúdico e o revolucionário no Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra – a prática pedagógica no encontro dos Sem Terrinha*. 2005. 250 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1983. (Coleção O Mundo, Hoje,v.21).

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

IANNI, O. *Origens Agrárias dos Estado Brasileiro*. São Paulo. Brasiliense, 2004.

Jornal Sem Terrinha. Ano I. Nº 1 Outubro de 2007.

Jornal Sem Terrinha. Ano I. Nº 4 julho de 2008.

Jornal Sem Terrinha. Ano 3. Nº 26. Setembro de 2010.

Jornal Sem Terra, set-out-nov, 2013.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. *Infância: Fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papirus, 1997.

KONDER, L. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUXEMBURGO, R. *Reforma ou Revolução*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 1999.

MAKARENKO, A. S. *Poema Pedagógico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986. v. 02.

MARIANO, A. S. Entrevista realizada em 20.out.2013.

MARTINS, M. L. Aprendendo nas escolas do MST. In: Revista Educação Pública. s.d. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0046.html>. Acesso 15/11/2014.

MARX, K. & ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

_____. *O manifesto do partido comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. O processo de produção do capital. Livro I vol. I. 29 ed. Trad. Reginaldo Sant' Anna: Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2011.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. 2 ed. Trad. Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2008. MORAES, E. M. *A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação*. Belém, PA: 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, 2010. Disponível em: <
<http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2749>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

MORISSAWA, M. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST. A organização do Movimento. Quem é quem na luta pela terra. In: *Caderno de formação nº 1*, 1986.

_____. Como fazer a escola que queremos. In: *Caderno de educação nº 1*, 1992.

_____. Boletim do militante nº 19. A crise econômica brasileira. In: *Caderno de estudo, nº 19*. Julho de 1993.

_____. Boletim da educação. Como trabalhar a mística do MST com as crianças. In: *Caderno de estudo, nº 2*. Jan. de 1993a.

_____. Boletim da educação. Como trabalhar a comunicação nos assentamentos. In: *Caderno de estudo, nº3*. Jul. de 1993b.

_____. Boletim informativo dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- São Paulo. In: *Caderno de estudo*, ano II, nº 8, jan-fev de 1994.

_____. Boletim da educação. O trabalho e a coletividade na educação. In: *Caderno de estudo*, nº 5. Jun. de 1995.

_____. *Princípios da educação no MST*. Caderno de Educação, n. 8, 1996a.

_____. Boletim do militante. Debate sobre os problemas brasileiros e a necessidade de mudança social. In: *Caderno de estudo*, nº 27. Dez de 1996b.

_____. Crianças em Movimento: As Mobilizações Infantis no MST. In: *Coleção fazendo escola* nº 2. São Paulo, 1999a.

_____. Como fazemos a escola de educação fundamental. In: *Caderno de educação* nº 9, 1999b.

_____. *Cartilha Construindo o Caminho*. Brasília, 2001.

_____. Brasil quantos anos você tem? In: *Caderno de estudo*. Trabalhos escolhidos no concurso nacional de redação e desenho, 2001.

_____. Educação Infantil. Movimento da vida, dança do aprender. In: *Caderno de educação* nº12. 2004.

_____. Cartilha “A reforma agrária necessária”. 1ª edição. Outubro de 2006.

_____. *Cartilha Textos para estudo e debates*, São Paulo, Secretaria Nacional, jun.2007a.

_____. *O MST e a Escola*. Seminário do Setor de Educação.jun, 2007b.

_____. *Cartilha Textos para estudo e debate*. 5º Congresso Nacional do MST Reforma agrária: Por Justiça Social e Soberania Popular. Jun. de 2007 c

_____. A Escola Itinerante Paulo Freire no 5º Congresso. In: *Coleção fazendo escola* nº4. Brasília, 2008.

_____. Educação da Infância Sem Terra. Orientação para o trabalho de base. In: *Caderno a infância* nº1. São Paulo, 2011.

O MASTER nasceu a 50 anos na luta pela reforma agrária no RS. Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/10167>. Acesso: 30/11/2014.

PISTRAK, M. *Fundamentos da escola do trabalho*. Trad. Daniel Aarão Reis Filho. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PRADO JR., C.; FERNANDES, F. *Clássicos sobre a Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2000.

ROSSETO, E. R. A. *Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação de crianças sem terrinha no MST*. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, SP., 2009.

SANTOMÉ, J. T. *A educação em tempos de neoliberalismo*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, L. A. de P. A Educação da Infância entre os Trabalhadores Rurais Sem Terra. In: *Revista pensar a prática*. Faculdade de Educação Física – UFG, Goiânia, v. 5, p. 58-70, Jul-Jun/2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/46/43>>. Acesso em: 15.mar.2012.

SILVA, M. Jornada da juventude protagoniza a luta dos jovens pela Reforma Agrária popular. Da página do MST, 14.ago.2014. Disponível em: [http:// http://www.mst.org.br/node/16571](http://http://www.mst.org.br/node/16571)>. Acesso 22.11.2014.

SILVEIRA D. Universo Infantil dos Sem Terrinha é retratado em canções. 7 dez. de 2014. Disponível em: < <http://www.brasildefato.com.br/audio/universo-infantil-dos-sem-terrinha-%C3%A9-retratado-em-can%C3%A7%C3%B5es> > Acesso 20.dez.2014.

SOUZA, C. J. de. Redação O Brasil que queremos. In: Else, R. P. (org.) *As Imagens e as Vozes da Despossessão: A Luta pela Terra e a Cultura Emergente do MST: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do Brasil*. Disponível em: <http://www.landless-voices.org/vieira>. Concurso de desenhos e redações “O Brasil que Queremos”, 1998. Clicar em Composições das crianças. Acesso: 10/09/2014.

VARGAS, C. M. MST inaugura página para as crianças Sem Terrinha. MST inaugura página para as crianças Sem Terrinha, 07 de jan. de 2012. Em < <http://www.mst.org.br/sem-terrinha> > Acesso: 20/06/2013.